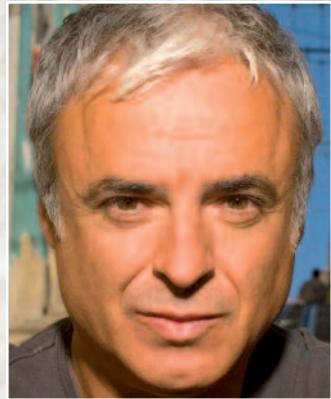




SPAUTORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



JOÃO GIL
O colector de sons



HENRIQUE CAYATTE
O autor do novo logótipo da SPA



JORGE PALMA
enquanto houver
estrada pr'andar
a gente vai continuar



AUTORES da SPA na TVI24

Vinte seis semanas no ar para mostrar quem são e o que fazem os autores portugueses. Pela primeira vez, uma **sociedade de autores** dispõe de um programa na televisão.



N.º: 23
Julho/Setembro 2009
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: Manuel Freire

Director Executivo: José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA, Aquilino Ribeiro, Edite Esteves, José Jorge Letria, Leonor Xavier, M. Vinhas, Myriam Zaluar, Pedro Osório e Viriato Teles

Direcção de Arte e Design: José Maria Ribeirinho

Copy Desk: Ayala Monteiro

Fotografia: Arquivo da SPA, Arquivo do Museu do Teatro, Carlos Cristovão e Rita Carmo para EMI Portugal, Direitos reservados, José Maria Roumier e José Pedro Santa Bárbara.

Design e tratamento de imagem: JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade: Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

Nif.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

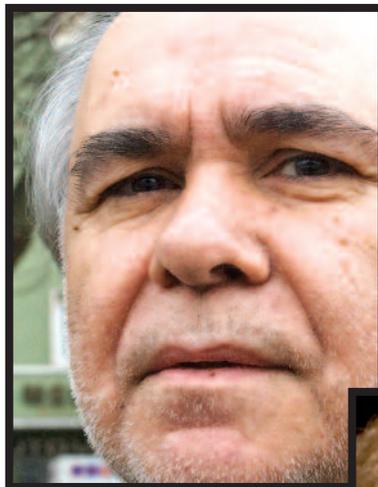
Impressão e Expedição:
Tipografia Peres

Depósito Legal: 224 872/200

SPA 84 anos.
A nossa casa
A nossa causa

Sumário

Com os olhos postos no futuro e na defesa intransigente dos direitos dos milhares de criadores que representa, a Sociedade Portuguesa de Autores demonstra aqui nesta edição da revista **Autores** que, apesar da crise, “tudo está a fazer no sentido de vencer a batalha da modernização da cooperativa, da melhoria do atendimento dos cooperado-



res e da visibilidade que prestigie e promova esta instituição e o seu peso na vida cultural portuguesa”, conforme sublinha o **editorial** assinado pela sua **Administração e Direcção**. Nesse sentido, é destaque neste número a antevisão do primeiro programa semanal que a SPA vai estrear na **TVI24**, em meados de Outubro, denominado também **Autores**, com fotos da gravação em que **Paulo Sérgio Santos** conduz conversa animada com os can-



tautores José Cid e André Sardet. Uma **entrevista** ao jovem presidente do Conselho Fiscal da SPA dá conta do que representa este espaço mediático para a instituição. A difusão dos seus criadores passa também pelo anúncio oficial nesta revista da realização, em breve, de um **programa semanal da SPA na RTP**, além da **transmissão em directo** por esta mesma estação televisiva da habitual **Gala dos**



Autores Portugueses, que irá decorrer

desta feita no **CCB**, a 8 de Fevereiro próximo. A **mudança do logótipo** da cooperativa, bem distinta já na capa desta edição, é motivo para uma **entrevista** ao seu autor e cooperador, o **designer Henrique Cayatte**. Para além de **notícias e reportagens** aprofundadas de várias iniciativas em que a SPA está no centro da sua organização e participação activa, nomeadamente a **8.ª Conferência Internacional do PLR** e a **homenagem a Jorge de Sena**, esta **Autores** entrevista ainda os músicos **Jorge Palma**, **João Gil** e o quarteto **Opus Ensemble**; o poeta **Joaquim Pessoa**; o actor, compositor e músico **Licínio França**; e

o editor de música **Carlos Marques**. “O Ofício do Escritor”, de **Aquilino Ribeiro**, introduz a nova secção «**Memória SPA**». N’ os que partiram, lugar especial para **Raul Solnado**, que inclui um texto- evocação de **Leonor Xavier**, para **Joaquim Luís Gomes**, **José Morais e Castro**, **Carlos Canelhas** e **João Vieira**.

Às portas do último trimestre de um ano de crise, a Direcção da SPA não pode deixar de se congratular com o facto de ter sido possível assegurar a salvaguarda de todos os postos de trabalho, de ter sido possível aprofundar-se a política de apoio social aos cooperadores e de se ter melhorado significativamente o nível de comunicação da Administração e da Direcção com os cooperadores. Acreditamos ser visível o resultado desse esforço. Enquanto sociedades congéneres mais poderosas tiveram de dispensar pessoal, a SPA conseguiu preservar os postos de trabalho.

No balanço que nos é possível efectuar destes últimos meses, o aspecto mais relevante é, no entanto, o avanço alcançado no processo de instalação do sistema informático SGS, que vai permitir agilizar e tornar mais operativos os serviços, com todas as vantagens daí decorrentes para os associados em geral e para os cooperadores em particular. O SGS, cuja instalação se encontra numa fase muito adiantada, irá representar um passo decisivo no processo de modernização da SPA, que nos permitirá recuperar uma parcela importante do tempo perdido.

Em vésperas de ter um programa semanal na TVI 24 e a poucos meses de dispor na RTP de um programa semanal e uma gala anual a ser realizada e televisada em directo a partir do CCB, a 8 de Fevereiro,



Em vésperas de ter um programa semanal na TVI24 e a poucos meses de dispor na RTP de um programa semanal e uma Gala anual, a SPA pode orgulhar-se de passar a dar a mais ampla divulgação às obras dos autores que representa e defende

gramas e no espaço da internet. A omissão dessas medidas traduzir-se-á num empobrecimento dos autores e da vida cultural portuguesa.

Ao procurador-geral da República solicitámos maior sensibilidade e firmeza dos magistrados do Ministério Público no combate às formas de pirataria que nos empobrecem e desrespeitam. Acreditamos que essa diligência irá também produzir frutos.

A SPA está consciente de tudo estar a fazer no sentido de vencer a batalha da modernização da cooperativa, da melhoria do atendimento dos cooperadores e da visibilidade que prestigie e promova esta instituição e o seu peso na vida cultural portuguesa. É uma caminhada larga e complexa, mas estamos certos de estar a trabalhar o melhor que sabemos e podemos em nome do interesse daqueles que representamos e que em nós confiam. A SPA é uma instituição de referência que engrandece a sociedade portuguesa e que deve estar muito acima da pequenez das querelas que por vezes a fragilizam. Temos a consciência de estar a viver um ciclo mais dinâmico da existência da SPA, apesar de este ser um momento adverso em Portugal e no mundo em relação ao direito de autor. A SPA tem vincado de forma constante e determinada as suas posições, assumindo-se, cada vez mais, como a única instituição capaz de defender os autores e os seus interesses. Para que tal aconteça, precisamos de manter a imagem pública de coesão e rigor pela qual continuaremos a bater-nos em todos os lugares e situações em que intervirmos. O futuro é hoje e sempre a nossa aposta, e acreditamos que iremos ganhá-la.

*A Administração e a Direcção da SPA
Junho de 2009*

Confiança e dinamismo de olhos postos no futuro

a SPA pode orgulhar-se de passar a contar com uma visibilidade pública que a prestigiará e dará a mais ampla divulgação às obras dos autores que representa e defende. No contexto internacional, seremos a primeira sociedade a dispor deste espaço mediático de comunicação e difusão. A mensagem central que pretendemos difundir e partilhar é a seguinte: "Sem Autores não Há Cultura". Trata-se, no fundo, de criar uma nova mentalidade que leve o utilizador das obras a perceber que a gratuitidade não é solução, porque desvalorizar o produto do acto criador e não respeitar os direitos dos autores é uma forma de se atingir a própria vida cultural de um país.

Do novo Governo saído das eleições de 27 de Setembro, a SPA reclama uma atitude de maior protecção e respeito pelos autores, designadamente no tocante ao processo de transposição das directivas europeias e no combate à pirataria de fonogramas e video-

Na sequência do congelamento da distribuição de verbas do Fundo Cultural

SPA demite-se da presidência da Assembleia Geral da AGE COP

A SPA demitiu-se, no passado dia 18, em assembleia geral extraordinária, da presidência da mesa da Assembleia Geral da AGE COP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), na sequência do congelamento da distribuição das verbas do Fundo Cultural que legalmente cabem àquela cooperativa, mediante determinada pela actual direcção desta associação, de que a SPA foi a principal co-fundadora e continua a ser, pelo número de associados e pelo volume anual de facturação, o membro mais destacado. A argumentação de tal posição foi considerada pela SPA uma tentativa para estatizar este processo de apoio aos criadores portugueses, colocando-o sob a tutela da Inspeção-Geral das Actividades Culturais (IGAC), estrutura do Ministério da Cultura, o que, em seu entender, representa o atropelo de regras fundamentais de liberdade e isenção. Ao tomar esta posição, com mandato da Direcção, a SPA criou condições para a antecipação do acto eleitoral que escolherá os novos corpos sociais da AGE COP e também para que, de acordo com a regra da proporcionalidade e com o que se encontra estatutariamente previsto, a importância que objectivamente tem na vida daquela associação venha a ter expressão no número de votos que lhe cabem.

AGE COP TENTA ESTATIZAR FISCALIZAÇÃO DO FUNDO CULTURAL

Terminado o prazo para a entrega de candidaturas ao Fundo Cultural, cumpre à SPA informar os cooperadores, designadamente os que candidataram projectos de criação, de uma situação que a Direcção e a Administração da cooperativa reprovam e que irão tentar superar no mais curto prazo e da forma mais justa e efectiva.

A actual Direcção da Associação para a Gestão da Cópia Privada (AGE COP), de que a SPA foi a principal co-fundadora e continua a ser, pelo número de associados e pelo volume anual de facturação, o membro mais destacado, decidiu congelar a distribuição das verbas do Fundo Cultural que legalmente cabem à nossa cooperativa, com base numa argumentação que consideramos improcedente e inaceitável e que, do nosso ponto de vista, mais não é do que uma tentativa para estatizar este processo de apoio aos criadores portugueses, colocando-o sob a tutela da Inspeção-Geral das Actividades Culturais (IGAC), estrutura do Ministério da Cultura.

Se tal vier a acontecer, será a primeira vez que uma matéria que apenas aos autores diz respeito ficará subordinada à fiscalização, controlo e decisão estatais, o que representa um grave e inaceitável retrocesso e o atropelo de regras fundamentais de liberdade e isenção.

As verbas do Fundo Cultural, que se destinam a viabilizar a concretização de projectos culturais de diversas áreas, pertencem por direito pleno à SPA, de acordo com regras de proporcionalidade distributiva há muito estabelecidas. Não pode agora a Direcção da AGE COP, presidida pela FEVIP (Federação de Editores de Videogramas), na pessoa do Dr. Paulo Santos, fazer depender do parecer ou da intervenção fiscalizadora da IGAC aquilo que só entre os membros da AGE COP, com os meios de controlo e fiscalização de que legalmente dispõem, pode e deve ser decidido. A SPA apresentou, em assembleia geral da AGE COP, uma solução relativa ao processo de fiscalização que é razoável e executável, com a vantagem de ter aplicabilidade exclusiva no seio da associação e não fora dela, como agora se pretende. A SPA deixa bem claro que, no seu entender, não existe na matéria passível de fiscalização, e que diz respeito, sem excepção, a todos os membros da AGE COP, qualquer aspecto que justifique esta tentativa de estatização.

Não pode a SPA deixar de considerar que este procedimento altamente lesivo dos interesses dos criadores portugueses visa, objectivamente, prejudicar a nossa cooperativa, lamentando

que essa decisão tenha origem em parceiros seus naquela associação.

Convém ter presente que a AGE COP nasceu há cerca de uma década nas instalações da SPA, instituição que exerceu durante anos a respectiva presidência e que suportou durante um período considerável todas as despesas básicas do funcionamento daquela associação, pois mais nenhuma se encontrava em condições de o fazer. Também por esse motivo se estranha e deplora este procedimento, que nenhuma lógica fiscalizadora, muito menos de génese estatal, poderá justificar.

A SPA, que detém a presidência da mesa da Assembleia Geral da AGE COP, assegura aos cooperadores que candidataram projectos e aos restantes que irá levar até às últimas consequências o processo de desbloqueamento das verbas do Fundo Cultural e também de clarificação do seu papel no presente e no futuro de uma associação de que é, e pretende continuar a ser, o mais importante e representativo membro, não aceitando, por essa razão, qualquer tentativa de subalternização, ingerência, subordinação ao Estado ou de desconsideração institucional.

O que está em causa neste processo é, na realidade, a importância, o prestígio e a representatividade de uma instituição - a Sociedade Portuguesa de Autores - com 84 anos de existência e com mais de 20 mil associados, que não aceita ver condicionada a sua capacidade e liberdade de decisão por quem, na prática, está a tentar entregar ao Estado uma responsabilidade que, em circunstância alguma, lhe pode ser cometida. Espera e deseja a SPA que os responsáveis da IGAC tenham a clareza e o bom senso necessários para não se deixarem envolver num processo em que, objectivamente, não deverão intervir.

*Lisboa, 2 de Setembro de 2009
A Administração da SPA*

SPA PEDE REUNIÃO URGENTE À IGAC SOBRE A QUESTÃO DO FUNDO CULTURAL

Na sequência do comunicado [acima] há poucos dias difundido sobre a situação do Fundo Cultural proveniente da AGE COP, a Administração da SPA informa os cooperadores do envio de uma carta dirigida à inspectora-geral das Actividades Culturais, Dr.ª Paula Andrade, solicitando uma reunião urgente para expor a sua posição e manifestar a sua mais veemente discordância relativamente ao procedimento adoptado pela Direcção da AGE COP.

Sabe a SPA que todo o dossiê relativo ao Fundo Cultural foi

entregue à IGAC na passada quinta-feira, dia 10 de Setembro, atitude que veio confirmar os piores receios da SPA que, de forma firme e clara, reprovou esta tentativa de estatização de um assunto que é estritamente do foro privado e que deveria ter sido resolvido no seio da AGE COP com a metodologia proposta pela Administração da cooperativa. Relativamente a essa metodologia, foi mesmo estabelecido um consenso que, lamentavelmente, acabou por ser ignorado.

A SPA apela, uma vez mais, à IGAC no sentido de que reconduza este assunto à sua sede própria, evitando-se, deste modo, a indesejável intervenção estatal numa matéria que deve ser da estrita competência das associações que integram a AGE COP. A SPA acredita que a IGAC irá ser sensível a esta argumentação, por ser justa e por corresponder aos interesses dos muitos autores que representa.

SPA DEMITE-SE DA PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA GERAL DA AGE COP

Em coerência com posições recentemente assumidas [acima mencionadas] sobre o funcionamento da AGE COP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), a SPA demitiu-se, no passado dia 18, em assembleia geral extraordinária, da presidência da mesa da Assembleia Geral daquela associação.

Ao tomar esta posição, com mandato da Direcção, a SPA criou condições para a antecipação do acto eleitoral que escolherá os novos corpos sociais da AGE COP e também para que, de acordo com a regra da proporcionalidade e com o que se encontra estatutariamente previsto, a importância que objectivamente tem na vida daquela associação venha a ter expressão no número de votos que lhe cabem. A SPA reafirma, entretanto, a relevância que atribui ao papel exercido pela AGE COP, o qual nunca esteve em causa, sublinhando a necessidade de reforçar a sua capacidade de intervenção com uma nova liderança e o estabelecimento de novos equilíbrios que melhor correspondam à sua realidade interna.

Tenha-se presente que a SPA é, em número de associados e em valores cobrados, a maior entidade filiada na AGE COP, a larga distância de qualquer outra, tendo o seu contributo financeiro e logístico sido determinante para o nascimento e consolidação daquela associação privada, cujo funcionamento e âmbito de acção está legalmente determinado.

*Lisboa, 22 de Setembro de 2009
A Administração da SPA*

Na SPA, entre 23 e 25 de Setembro

Conferência Internacional do PLR condenou posição do Governo português

Representantes de 26 países participaram em Lisboa, tendo como anfitriã a SPA, na Conferência Internacional do PLR (Public Lending Rights/ Direito de Comodato Público), que se realiza com periodicidade bianual.

Esta conferência forneceu uma visão global da situação do regime de comodato ou empréstimo nas bibliotecas em cerca de três dezenas de países. Em análise esteve a transposição para os ordenamentos jurídicos nacionais da directiva europeia de 1992, codificada em 2006, que regula aquele sistema.

No texto da resolução final da conferência, os responsáveis presentes consideraram "inexplicável o facto de o Governo português continuar a incluir no regime de excepção as bibliotecas públicas, o que é particularmente decepcionante num país com uma tão forte tradição literária".

Por esse motivo, dirigiram um apelo ao Governo português no sentido de que "dê passos urgentes para corrigir esta inaceitável situação".

Na resolução final consta também um apelo aos membros da União Europeia que ainda não transpuseram aquela directiva para que o façam quanto antes, de forma a respeitarem os direitos dos autores que a lei de comodato abrange.

No final desta conferência internacional, a SPA homenageou James Parker, responsável pela rede internacional do PLR, e a escritora inglesa Maureen Duffy, figura proeminente na luta pela implantação do PLR a nível internacional, pelo contributo que têm dado para o êxito desta conferência.

DIREITO PATRIMONIAL DE AUTOR NO ÂMBITO DOS SERVIÇOS DE BIBLIOTECAS

Na Conferência estiveram representantes de instituições ligadas ao direito de comodato público de 26 países, entre eles, James Parker, director do Gabinete de Gestão do Direito de Comodato Público do Reino Unido, país que tem um dos mais antigos sistemas de comodato público da Europa, e Christian Roblin, director da SOFIA, entidade francesa de gestão do mesmo direito. Destacaram-se, igualmente, a presença do Dr. Nuno Gonçalves, director de Serviços do Direito de Autor do GPEARI, enquanto representante do Ministério da Cultura, que veiculou a posição que o Governo português mantém sobre esta matéria, e do Sr. Prof. Doutor José Barata Moura, professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ex-reitor da mesma Universidade, que fez uma apresen-

tação subordinada ao tema "O Valor da Cultura".

A sessão da tarde do dia 24 de Setembro, que contou com a presença de um bibliotecário português e de um bibliotecário inglês, que confrontaram pontos de vista, abordou a questão da aceitação por parte dos bibliotecários do princípio da remuneração aos autores pelo comodato público das suas obras.

O direito de comodato público é uma das manifestações do direito patrimonial de autor que permite aos autores receberem uma remuneração pela utilização das suas obras pelo público, no âmbito dos serviços de empréstimo gratuito prestado por bibliotecas.

O comodato mais não é do que a designação técnica para o acto de colocar à disposição do público, para utilização, o original ou cópias da obra, durante um período de tempo limitado e sem benefícios económicos ou comerciais, directos ou indirectos, quando efectuado através de estabelecimento acessível ao público.

TRANSPOSIÇÃO DA DIRECTIVA EUROPEIA DE 92

O direito de comodato público foi introduzido em Portugal pelo Dec.- Lei n.º 332/97, de 27 de Novembro, que transpôs para a ordem jurídica nacional a Directiva 92/100/EEC, de 19 de Novembro de 1992.

Mas a adopção em Portugal de um sistema de remuneração dos autores pelo comodato das suas obras continua bloqueada por uma incorrecta transposição da Directiva nº 93/83/CEE, de Setembro de 1993, que, na prática, tem impedido os autores, 17 anos após a aprovação da directiva, de verem satisfeitas as suas legítimas expectativas quanto ao recebimento dessa remuneração.

Ao longo deste tempo, a SPA tem procurado sensibilizar os poderes políticos para a questão, ao mesmo tempo que tem apostado na divulgação do conceito de comodato público - dado tratar-se de um instituto estranho à ordem jurídica portuguesa, até à aprovação da referida Directiva -, sobretudo junto daqueles grupos a quem o futuro do PLR mais deverá interessar, designadamente autores, bibliotecários e decisores políticos. Entre os autores destacam-se os escritores, fotógrafos, ilustradores e tradutores.

A realização em Portugal desta conferência poderá ser um importante contributo para a prossecução destes objectivos.

Esta é uma das reuniões internacionais que a SPA tem vindo a acolher nos últimos anos, no quadro da sua intervenção nacional e internacional.





4



5



6



7

1 – José Barata Moura, Autor, Professor Universitário, ex-Reitor da Universidade de Lisboa; 2 – Vanda Guerra, Directora do Departamento de Relações Internacionais da SPA; 3 – Olav Stokkmo, Director Executivo e Secretário Geral da IFRRO - International Federation of Reproduction Rights Organization; 4 – Trond Andreassen, Secretário-Geral da The Norwegian Non-Fiction Writers and Translators Association (NFF); 5 – Nuno Gonçalves, Director do Gabinete do Direito de Autor do Ministério da Cultura português; 6 – Christian Roblin, Director -Geral da Societé Française des Intérêts des Authors de l'Écrit (SOFIA); 7 – José Jorge Letria entrega a Medalha da SPA a James Parker, Registrar - Public Lending Right Office do Reino Unido; 8 – O administrador-delegado e vice-presidente da SPA entrega a Medalha da SPA a Maureen Duffy, Presidente da The Authors Licensing and Collecting Society (ALCS).



8

Fotos de José Pedro Santa Bárbara

Gestão dos autores das artes visuais SPA presente em Madrid no Congresso Internacional do CIAGP

A SPA esteve representada, nos passados dias 16 e 17 de Setembro, em Madrid, no Congresso Internacional de Criadores de Artes Gráficas, Plásticas e Fotográficas pelo seu administrador-delegado e vice-presidente da Direcção, José Jorge Letria.

O Congresso, que reuniu dezenas de responsáveis de sociedades de gestão colectiva dos direitos das artes visuais, decorreu num dos auditórios do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía e contou, entre outras, com a presença do director-geral da CISAC, Eric Baptiste.

No final dos trabalhos foi aprovada por unanimidade uma resolução que torna obrigatória a gestão dos autores das artes visuais.

Em foco, nas várias intervenções, estiveram aspectos como a necessidade de as sociedades deste sector estarem unidas para poderem enfrentar estratégias expansivas e agressivas como a da Google, a urgência de os autores desta área estarem mais informados acerca dos seus direitos e ainda a necessidade de as sociedades de gestão colectiva deste domínio agilizarem cada vez mais os seus canais de análise e resposta jurídica às questões incessantemente colocadas. O responsável máximo da VEGAP, de Espanha, declarou mesmo que, se a capacidade de intervenção das sociedades deste sector não for reforçada a curto prazo, o seu futuro poderá estar seriamente ameaçado, tendo em conta a natureza dos desafios e ameaças que têm pela frente. Foi este o tom geral das intervenções produzidas, aqui e ali pontuadas por algumas notas de optimismo.

Ainda durante os trabalhos, foi evocado o nome do senador Edward Kennedy, recentemente falecido, já que estava a preparar, nos últimos meses de vida, nova legislação sobre o direito de sequência para os Estados Unidos.

Apresentador do programa "Autores", da SPA, a estrear na TVI24

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS

"Os autores têm voz e o país vai conhecê-la"

A SPA vai ter um programa de televisão semanal de 50 minutos na TVI24, a partir de meados de Outubro, denominado "Autores". A apresentação está a cargo de Paulo Sérgio dos Santos, um dos mais jovens cooperadores da Sociedade Portuguesa de Autores e, simultaneamente, seu presidente do Conselho Fiscal. Nesta entrevista, o ex-Director de Programas do RCP - Rádio Clube Português, doutorando pela Universidade Complutense de Madrid, em Ciências da Informação, e que está também a lançar a primeira rádio cultural privada – CSB –, desvenda para os leitores da revista "Autores" as grandes novidades que estão a chegar. Este programa televisivo, a par de outros na mesma área que estão prestes a arrancar, constituem um grande avanço na divulgação dos autores portugueses e na dignificação da instituição que defende os seus direitos

Fotos de José Pedro Santa Bárbara

O que representa apresentar o programa «AUTORES»?
Uma enorme responsabilidade. A SPA é uma casa pela qual tenho o maior respeito e os autores merecem todo o empenho. Além disso, em termos pessoais, é um desafio interessantíssimo. A partir de agora, vou estar num palco diferente daqueles a que me habituei. A rádio há muitos anos que é o meu *habitat*. Os laços com a televisão, até este momento, nunca se tinham fortalecido.

Mas é algo que queria que acontecesse?
Honestamente, é algo que não procurei. Mas há projectos que valem apostas. Acredito no conceito deste programa e não imagino melhor maneira para me iniciar na apresentação televisiva. É uma estreia muito honrosa em todos os aspectos.

O facto de também ser autor aumenta a sensibilidade para o trabalho que vai fazer?



Naturalmente. Aliás, uma das condições fundamentais para estar neste programa é ser autor.

“UM DOS OBJECTIVOS É CAPTAR NOVOS AUTORES”

Como vai ser o programa?

Pode resumir-se dizendo que é o espaço dos autores na televisão. A SPA, ao contrário de outras sociedades noutros países, é multidisciplinar. Numa emissão viva, vão encontrar-se as diferentes áreas da criação. Durante perto de uma hora, todas as semanas, haverá autores em destaque. No que concerne ao formato, um dos objectivos passa por misturar gerações. Tentar-se-á promover o debate e a sugestão de novas ideias, apresentar-se reportagens sobre trabalhos de autores em curso, etc. Outro dos conceitos a ter em conta é o de captar novos autores.

É um espaço da maior importância para os autores.

Sem dúvida. E representa também uma grande conquista. Noutros países, há várias sociedades de autores que tentam conquistar espaço na televisão. Em vão. Não conseguem. Mais uma razão para que este acordo entre a TVI24 e a SPA represente um enorme avanço na divulgação dos autores e da sua obra.

“É UM PROGRAMA DOS AUTORES PARA O PAÍS”

É um programa dos autores para os autores?

É mais do que isso. Um espaço na comunicação social inteiramente dedicado aos autores não significa que seja para falarem apenas a esse grupo. Pelo contrário. É um programa dos autores para o país. Não faz sentido que os autores comuniquem em circuito fechado. De resto, o trabalho criativo também costuma

ter como desígnio chegar a uma população. Muitas vezes, à generalidade.

Há metas a cumprir?

Logicamente. A SPA representa muitas pessoas e o programa deve poder exprimir esse universo. Um dos principais objectivos é prestigiar e divulgar os autores, bem como a sua actividade. Confirmado esse desígnio, grande parte do trabalho estará cumprido.

Porquê a TVI24?

Há muitas razões. Para dar um exemplo, posso dizer que é um canal que alia juventude com experiência e novidade com ambição. Esses factores, por si só, fundem-se com as ideias que estão na génese deste trabalho. Por outro lado, a TVI desde o primeiro momento que demonstrou interesse em ter este programa, lançando o convite à SPA para o incluir



PERFIL



Um comunicador
e autor
em várias disciplinas

Paulo Sérgio dos Santos nasceu em 1975, em Cascais. Licenciou-se em Comunicação e é, actualmente, doutorando pela Universidade Complutense de Madrid, em Ciências da Informação, entre um vasto leque de actividades a que se dedica, todas elas ligadas às Ciências da Comunicação e Informação, em que é especialista, em diversos ramos. Começou na Rádio Renascença em 1995, com 19 anos, sendo já nessa época o mais jovem locutor. Na RR até 2006, foi responsável pela autoria, coordenação e apresentação de programas como «Sociedade do Conhecimento», «Câmara dos Comuns» e «Diário de Bordo». Depois, e num "mundo" de outras actividades adjacentes, foi director de programas do RCP - Rádio Clube Português. Presentemente, está a lançar a primeira rádio cultural privada - CSB - a par dos seus estudos para o doutoramento, e na SPA, onde é também um dos mais jovens cooperadores, exerce o cargo de presidente do Conselho Fiscal, tendo respondido com entusiasmo ao desafio de se estrear em televisão com a apresentação e coordenação deste programa "Autores".



“Nós temos de utilizar todas as tecnologias para nos fazermos ouvir. (...) É fundamental que isso aconteça porque nunca é de mais lembrar que sem autores não há cultura



O QUE É O PROGRAMA “AUTORES”

O programa televisivo “Autores”, a passar semanalmente na TVI24, a partir de meados de Outubro, durante seis meses, terá a duração de 50 minutos, sendo os seus conteúdos assegurados pela SPA. O seu apresentador, Paulo Sérgio dos Santos, também ele autor em diversas disciplinas, cooperador da SPA e ex-director de Programas do Rádio Clube Português, convida para cada programa dois autores de diferentes áreas das que a SPA “cobre”, da literatura à música, passando pelo teatro, pela fotografia, pelas artes plásticas e pelo *design*, entre outras, e de diferentes gerações, podendo os mesmos mostrar ao vivo o seu poder criativo. Basta dizer que, em estúdio haverá, por exemplo, um piano. O programa, que é gravado (o primeiro programa foi gravado no passado dia 21 de Setembro e foram convidados José Cid e André Sardet), conta ainda com um trabalho de reportagem de um jornalista da própria estação acerca dos temas e pessoas focadas. “Autores” procura, assim, cativar uma esfera multidisciplinar de interesses e dar aos mais jovens criadores portugueses um espaço de visibilidade, ao lado dos mais conceituados e divulgados nomes de autores portugueses representados pela Sociedade Portuguesa de Autores. A defesa dos direitos de autor será, igualmente, uma tecla a tocar de forma constante, já que, como é lema da SPA, “sem autores, não há cultura”.

Até ao momento, foram já gravados programas com José Cid, Prémio de Consagração de Carreira da SPA 2009, André Sardet, Nuno Carinhas e Bernardo Sasseti, Alice Vieira e Daniel Sampaio e ainda um programa de homenagem a Raul Solnado, que contou com as participações de Leonor Xavier, escritora e sua biógrafa, e do ensaísta e Presidente do Tribunal de Contas, Guilherme d'Oliveira Martins. “A SPA é, pelo menos a nível europeu, a única sociedade de autores que passa a dispor de um programa regular num canal de televisão”, segundo salienta a a Administração da cooperativa, num comunicado emitido a 2 de Outubro.



na sua programação. Essa sensibilidade, e a atenção para com a actividade dos autores, foram factores determinantes para o avanço desta ideia.

Tem sido um trabalho difícil?

Tem sido um trabalho persistente. Não difícil. A equipa da TVI está muito bem preparada e tem sido incansável no apoio que tem dado. Acima de tudo, tem sido um trabalho muito agradável.

“A PRESENÇA NA TELEVISÃO VAI ALARGAR O ESPECTRO DE PARTILHA”

Acha que esta novidade pode ter um papel importante na maior união entre os autores?

Isso parece-me óbvio. Os autores, pela sua natureza, são tradicionalmente pessoas solidárias. Não somos necessariamente desunidos. Aliás, a SPA tem funcionado como espaço de encontro e a presença na televisão vai, com certeza, alargar esse espectro de união e partilha.

Há benefícios imediatos, portanto.

Sim, mas é importante reflectir noutro aspecto... Costuma dizer-se que os autores são pessoas solidárias. E é um facto. Muitas vezes, os autores oferecem o seu trabalho a favor de causas nobres. Mas também é verdade que nem sempre o cidadão comum tem essa solidariedade para com o autor. Por vezes, usa os produtos do seu trabalho sem ter em conta os direitos que assistem à actividade autoral. Acredito que, maioritariamente, isso se faça de forma inconsciente. Daí que alertar o público, de uma forma eficaz, para os direitos dos autores é também uma prioridade.

Está optimista.

Nem poderia ser de outra forma. Penso que é essa atitude que faz sentido. Nós temos de utilizar todas as tecnologias para nos fazermos ouvir. Os autores têm voz e o país vai conhecê-la. É fundamental que isso aconteça porque nunca é de mais lembrar que sem autores não há cultura.

■ **Edite Esteves**

Palma de **ouro**

JORGE PALMA

Fez tudo ao contrário das regras para a gestão de uma carreira artística, e deu-se bem. Diz a biografia que “assumi os seus defeitos, as suas fragilidades, seguiu o instinto de se perder na estrada, empolgou-se com a noite e excedeu-se nos consumos”. Ele próprio acha que “enquanto houver estrada pr’andar a gente vai continuar”. E continua. Chama-se Jorge Palma, e está tudo dito.

Há uma espécie de karma, até agora de boa aparência, que nos envolve de cada vez que me sento à conversa com Jorge Palma: começamos e acabamos inevitavelmente à volta de uma qualquer degustação, sólida ou líquida, que nós não somos de cerimónias. O que nem sempre dificulta a prosa, mas dá-lhe por regra um sabor particular.

Porque este homem não é um artista vulgar. A arte e a vida confundem-se nele de tal modo que por vezes não se sabe qual imita qual. Por isso uma conversa pode ser em si mesma uma história. Como esta, que marcámos para o fim da tarde e começámos já passava das 11 da noite, ao sabor da divagação entre pedaços soltos de memórias. Com Jorge e a sua vida. E a sua arte, portanto.

Que ninguém se espante, por isso, se o diálogo soar por vezes a monólogo e as falas de entrevistador e entrevistado se confundirem. Há dias assim, façam o favor de desculpar. E noites também. Como aconteceu neste Verão, a 15 de Julho, quando o Jorge juntou num concerto em Lisboa grande parte dos muitos amigos que fez nos últimos 40 anos. Foi um concerto histórico, porque afinal não é qualquer um que reúne, numa assentada e no mesmo palco, gente como o Fausto e a Cristina Branco, Sérgio Godinho e Mariza, Adolfo Luxúria Canibal e os Tocá Rufar, Laurent Filipe e os Gaiteiros de Lisboa, Rui Reininho e J.P. Simões. O Jorge conseguiu porque é quem é, e a gente gosta que seja. Mai’nada!

SORTE

Acende mais um cigarro, irmão / inventa alguma paz interior / esconde essas sombras no teu olhar / tenta mexer-te com mais vigor / abre o teu saco de recordações / e guarda só o essencial / o mundo nunca deixou de mudar / mas lá no fundo é sempre igual.

[‘D. Quixote foi-se Embora’, in CD «Norte», 2004]

Nos dias de hoje, o homem de que vos falo canta assim. É o mesmo que uma vez, já lá vão mais de vinte anos, respondeu sem pensar muito: “A vida é como um supermercado, onde nós levamos aquilo de que precisamos, mas também muita coisa que não queremos.”

Agora, com 59 anos cumpridos no bilhete de identidade, Jorge Palma reconhece que a vida não lhe foi madrastra: “Tenho tido sorte”, diz. “Tenho podido fazer aquilo que me apetece, com as pessoas que me apetece. E o pessoal gos-

ta de mim. Porque eu sou um gajo directo, espontâneo. O pessoal gosta de mim...”

Pois como poderia ser de outra maneira, sendo ele não apenas o homem que se sabe, mas também o músico português que mais facilmente atravessa e atinge as várias gerações? Jorge sorri, meio tímido:

“Estás a pensar no Sérgio Godinho...”

A custo, acaba por aceitar a evidência:

“Eu falo uma linguagem que as pessoas percebem. E depois, num espectáculo, de repente, troco o alinhamento, porque ouço uma ‘boca’, alguém que me pede um tema... Isso é a minha maneira de estar em palco: estou ali, estou a viver um bom momento da minha vida... Eh pá!, isso ninguém me tira: estou com um trio, com um sexteto, estou com a minha equipa, e faço o que me apetece...”

Autenticidade tem sido desde sempre uma a palavra-chave do universo de Palma e reflecte-se nas canções que cria, e no modo caloroso como o público as acolhe. Por isso mesmo, hoje, sabe que é “um privilegiado”. Mas nem sempre foi assim: “Nos anos 80, fiz uns discos de que gostei: o ‘Acto Contínuo’, ‘Asas e Penas’, foi a altura do ‘Deixa-me Rir’... Só que eu não estava na moda...”

Para compor o fim do mês, fez “traduções técnicas, do francês e do inglês, para uma engenheira que é a avó dos meus filhos”, conta. “Já que eu até tenho jeito para línguas, era



**Tenho tido sorte.
Tenho podido fazer
aquilo que me apetece,
com as pessoas
que me apetece.
E o pessoal gosta
de mim. Porque eu
sou um gajo directo,
espontâneo**



uma maneira de ganhar dinheiro dignamente, em vez de ir gamar as caixas das esmolas."

APRENDER

Não consigo dormir / perdi a noção do tempo / e sinto fogo a alastrar nos meus pulmões / Teria valido a pena / se ao menos os que eu vi partir / calados, perdidos, exaustos / conseguissem encontrar o que resta da verdade / Noites longas de aventura / a rir e a ferrar a brasa da loucura / nos olhos da razão / Deixem voar este sonho / não me venham mais bater à porta.

[Deixem voar este sonho, in 'Com uma Viagem na Palma da Mão', 1975]

Jorge Palma é o sobrevivente de uma era que já se extinguiu, mas é também o porta-voz de um tempo que ainda não chegou. A sua história pública remonta aos princípios da década de 70, vivia-se em Portugal ainda o tempo da ditadura. O lusofascismo estava na recta final, mas ainda se matava e se morria em África em nome de um império que há muito tempo tinha deixado de sê-lo.

O jovem Jorge frequenta Engenharia, mas entende-se bem melhor com o piano e a guitarra do que com os catetos e as hipotenusas. O disco de estreia, «The Nine Million Names of God» (1971), faz-se eco já do sufoco que dominava a realidade da época: *Sir you got to help us / In our greatest nation / We're trying to find / Get into our minds / The nine billion names is god.* Em inglês, que lhe parece mais fácil para trabalhar em música. Até que conhece José Carlos Ary dos Santos:

"Foi um grande professor, tal como foi também o Vergílio Ferreira, que tive no Liceu Camões, mas aí ainda era um puto", lembra. "Com o Ary... Era muito fácil ter uma empatia com o Ary, era um gajo extremamente aberto, ainda que tivesse um ego enorme. 'Aqui ninguém me põe a pata em cima', dizia ele, 'porque é de baixo que me vem acima / a força do lugar que for o meu'. O Fernando Tordo musicou isso, e eu também. O Ary? Eh, pá!, era vê-lo, com o seu ego, a pegar num bocadinho duma música, cheio de gente à volta, e ao fim de 15 minutos, a música estava feita!"

Desse período ficou uma parelha de cantigas, gravadas num EP em 1973, e algumas colaborações com Amália: "O Ary tinha uma paixão pela Amália, e eu trabalhei um bocadinho com ela, também. Ele tinha uma relação muito forte com os amigos, com o Fernando Tordo e o Nuno Nazareth Fernandes. E eu era um puto, mas não era por isso que o Ary

me punha de lado. A maneira como ele escrevia deu-me para aprender muito..."

Depois há vozes que se fazem ouvir a partir do estrangeiro: "Foi quando aparecem o Sérgio [Godinho] e o Zé Mário [Branco], sobretudo. Era diferente do que se fazia por cá. E eu: "Pá, isto é a música que eu quero fazer!"»

PARTIDA

Mãe / para quê negar / que a vida te desfez // Não / não vou cá ficar / nem ser igual a ti // Eu não me afundo mais / na vida que eu não quis / e vou tentar outro país.

[Já Chega de Ilusões', in «Com uma Viagem na Palma da Mão», 1975]

Não é a primeira vez que viaja, mas agora vai embora sem certeza de regresso: "Em 73, tinha trabalhado com um enenador que queria fazer o Godspel em Portugal, que depois foi objectivamente boicotado no Parque Mayer. É o ano em que deixo de ir às aulas. Com aquelas noites todas, eu ia às práticas, quando ia, e muitas vezes havia greve. Portanto, já sabia que ia chumbar. Consegui uma licença militar a três semanas de entrar na tropa, e fui-me embora."

Rumou à Dinamarca depois de leiloar, literalmente, o recheio da casa onde vivia: "Naquela altura, no Arnaldo Trindade, nós, putos, éramos pagos em géneros. A mim calhou-me acho que foi uma máquina de lavar, e então, quando decidido que não vou levar injeções de sargentos, fiz um leilão. E fui para a Dinamarca."

O exílio durou uns meses, até Abril de 1974:

"Ouço falar do golpe de manhã, está a acontecer, ninguém percebe nada, e ouço pela BBC. Depois liguei para Portugal. Gastei uma conta de telefone enorme – que não paguei, ficou para o Governo dinamarquês – a perguntar às pessoas – ao Ary dos Santos, ao Jorge Gentil – o que estava a acontecer. Foi uma conta de telefone que não te passa pela cabeça..."

"Pagaram os dinamarqueses?"

"Pagaram, pagaram..."

"Foi a contribuição deles para a revolução..."

"Também acho que sim. Eles não se chateiam."

REGRESSO

Ai, Portugal, Portugal / de que é que tu estás à espera? / Tens um pé numa galera / e outro no fundo do mar / Ai, Portugal, Portugal / enquanto ficares à espera / ninguém te pode ajudar

[Portugal, Portugal', in «Acto Contínuo», 1982]

A urgência do momento leva-o a abdicar do asilo político que lhe tinha sido concedido pelo Governo dinamarquês: "Eu tinha aquela ideia de ir gravar a Londres, o meu primeiro álbum era para ter sido gravado em inglês, em Inglaterra. Só que a coisa correu mal: eu chego ao aeroporto de Gatwick, sem dinheiro, com um ar desgraçado, cheio de discos e, sei lá, com umas frigideiras a tiracolo... Os gajos não me queriam deixar entrar, tive de lhes dizer que era primo do primeiro-ministro, mas para eles até podia ser primo da rainha..."

A verdade é que Adelino da Palma Carlos, chefe do primeiro Governo provisório da revolução, era primo direito do pai de Jorge, mas a "cunha" não terá sido muito convincente para os ingleses. Mesmo assim, acabou por obter um visto

por 15 dias, o que lhe deu para perceber, entre outras coisas, que "um tipo chega a Inglaterra e não grava um disco assim".

Chega a Portugal algumas semanas depois, entrando de carro pelo Alentejo. Descobre a revolução quando, ao passar por Grândola ficou sem combustível e a GNR lhe ofereceu uns litros de gasolina: "Eu tinha estado sempre em contacto com a malta de cá, diziam-me que isto estava uma festa do caraças. E estava."

Com o coração à esquerda, mas sem vocação militante, Jorge continuou a viver a liberdade como sempre a idealizou. "Para mim, o 25 de Abril de 74 foi, acima de tudo, a hipótese de voltar a casa, livre", diz. E também partir e voltar quando lhe apetecia, porque ainda havia muito mundo para conhecer. Chegava com uma viagem na palma da mão, dizia 'tê já, pedia qualquer coisa p'á música, um pouco ao sabor do momento.

"A ideia era essa, deixar acontecer. Um gajo ia-se embora ou porque fosse a tropa, ou porque fosse uma revolução que já não estava a dar. E, nessa altura, estou a ler muito a sério os textos do [Leonard] Cohen, da *beat generation*. E já tinha lido Camus. Mas também li «A Odisseia» e «O Padrinho» um a seguir ao outro, assim de repente, num hotel de Paris. Não me lembro qual foi a ordem. E pelo meio houve muita tragédia grega, a «Medeia», o Shakespeare. E muita música, também. Sempre."

AGORA

Tudo o que eu vi / estou a partilhar contigo / o que não vivi, hei-de inventar contigo / sei que não sei, às vezes entender o teu olhar / mas quero-te bem, encosta-te a mim.

[Encosta-te a Mim', in CD «Voo Nocturno», 2008]

O resto da história de Jorge Palma, com mais ou menos por menor, é, a bem dizer, do domínio público. Agora, que já atingiu a idade em que se começa a olhar o mundo mais serenamente, Jorge Palma mantém a postura de autenticidade *blasée*. Continua a pensar que gostaria de traduzir "Beautiful Losers", de Leonard Cohen, o livro que o ajudou a entrar na idade adulta:

"Para mim, é o grande livro do Cohen, melhor que o «Favorite Game». Eu cheguei-me à frente, ainda disse ao Hermínio, da Assírio, que lhe traduzia aquilo, mas depois metem-se questões de direitos e tal, ficou mesmo assim..."

Nesta altura do petisco e da prosa, é inevitável o olhar em



O Ary dos Santos foi um grande professor, tal como foi também o Vergílio Ferreira, que tive no Liceu Camões, mas aí ainda era um puto



Para mim, o 25 de Abril de 74 foi, acima de tudo, a hipótese de voltar a casa, livre. E também partir e voltar quando me apetecia, porque ainda havia muito mundo para conhecer



Credit Information for photo: ept36-005 – JP05; You are mandated to distribute this credit information with this asset; Title: No Tempo dos Assassinos; Artist: Jorge Palma; Photographer: Carlos Cristovão; Date: June 2002; Usage Rights: WorldWide Press and Promo Only; Copyright: EMI Portugal

“” Nessa altura,
leio muito a sério
os textos do [Leonard]
Cohen, da *beat*
generation. E já tinha
lido Camus.
Mas também li
«A Odisseia»
e «O Padrinho»,
a Medeia, Shakespeare...

volta sobre o saber de experiências feito que marca os discos mais recentes de Palma. Pergunto:

“O «Encosta-te a Mim» é a tua «Chanson des Vieux Amants?»”
Faz uma pausa antes de responder:

“Nunca foi pensado como tal. Eu acho que a «Chanson des Vieux Amants» é muito melhor.”

“Não se trata de comparar as canções, mas a sua essência”, esclareço.

“Eh, pá, estás-me a dar um elogio do caraças!”

“São ambas canções que ninguém consegue escrever aos 20 anos, pela vivência que implicam.”

“És capaz de ter razão”, responde, e põe-se a trautear a canção de Brel.

A conversa vai longa, já passámos por muitas lembranças. É tarde, Jorge fuma mais um cigarro. Pergunto-lhe:

“És um homem feliz?”

Ri-se:

“Eh, pá! Essa pergunta é muita betinha...”

“Está bem, não fujas ao assunto.”

“Deixa-me ir buscar um *scotch*...” Faz uma pausa. “Tenho momentos de grande infelicidade, e tenho momentos de grande felicidade, também.”

“Ponhamos as coisas de outra forma: o balanço, ao fim de todo este tempo, é positivo ou negativo?”

Ri-se novamente:

“Pior! Pioraste a pergunta...”

“Contigo, já estou por tudo.”

“Ok. Se pões as coisas dessa maneira, se tivesse de ser maniqueísta, feliz ou infeliz: sou feliz. Agora, tenho momentos de grandes angústias. Que têm a ver com as ressacas, com coisas que eu gostava de ter feito melhor.... Eu, às vezes, posso ser um gajo muito *down*. E tenho quase 60...”

“E a gente ainda te quer por cá mais uns anos...”

“É isso. Isso faz-me feliz. Mas, às vezes, gostava de ter feito as coisas de outra maneira, e por isso, de mim para mim, às vezes sinto-me um bocado infeliz. Por não ter feito as coisas da melhor maneira. Não estou a falar só de música, estou a falar da vida, mesmo. E posso-me sentir muito em baixo. O conceito de felicidade, para mim, não faz muito sentido. São momentos. Depois há momentos que são chatos.”

■ *Viriato Teles*

“É tão difícil fazer um único fado como um disco inteiro de rock”

JOÃO GIL

Ele fez a música que serviu de banda sonora a uma geração, a dos Trovante, mas o desassossego está-lhe no sangue. Sangue beirão. Entre a primeira banda e o primeiro disco a solo passaram 30 anos. Um pouco mais. Com um colectivo de fados pronto a sair e o segundo individual pronto a gravar, pelo meio, anda a musicar Eunice Muñoz... João Gil é o músico de quem se fala

Qual é a sensação de escalada ao topo do sucesso?

Nenhuma em especial. Até agora, tem sido tudo bom e mesmo as coisas aparentemente más fazem parte de todo o processo de vida. O melhor e o pior, tudo, é a soma das partes e eu gosto de estar vivo. A minha carreira é a minha vida, por isso, não tenho fronteiras entre o que é e não é o palco. A vida decorre sem sobressaltos de saúde, que é o mais importante e decisivo. Não há dor porque não tenho dores, logo, só posso sorrir da sorte em “apenas” estar e ser. Sobrevivo em golpes de rins sucessivos, como todos os músicos em Portugal... Venha quem não diga o mesmo!

Que memória guarda do primeiro contacto com a música: da primeira que ouviu e da primeira que compôs?

Guardo o privilégio de dividir o quarto com o meu irmão Zé, o mais velho, que tinha uma série de vinis de Mozart e Bach. Tudo devidamente enquadrado com a “beatlomania” que vinha do quarto ao lado das raparigas minha irmãs: Margarida, Teresa e Cecília... E lembro-me de construir os primeiros sons enquanto vagueava entre um céu de relâmpagos e um céu imenso e estrelado. Ouço a música na cabeça, que é o sítio onde tudo acontece, depois, vou à viola buscar os acordes que tenho na cabeça. Foi sempre assim. Fazer música não é transcendente, é um fenómeno físico.

E do momento em que decidiu ser músico contra tudo e

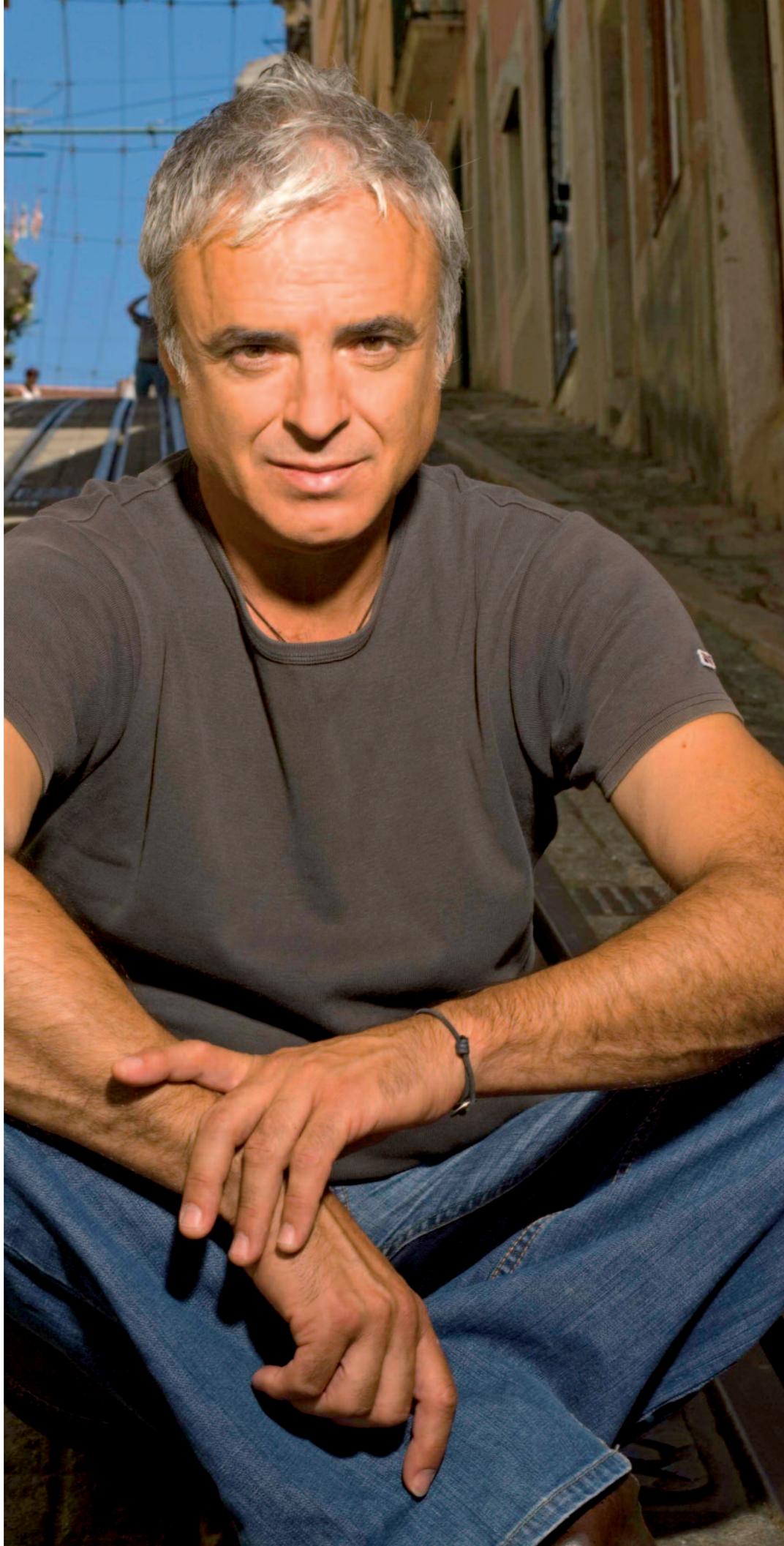
contra todos ou nada foi assim tão radical e nem sequer houve contras?

Não se é músico por negação, a ninguém e a nada. É-se e pronto. Ser músico profissional e viver da música aconteceu-me com os Trovante, em 1976, e já não era um miúdo, mas também nunca houve pressões nem sermões. Há muita música na família e eu sou o último da cadeia familiar, ou melhor, o penúltimo, porque temo que o meu filho vá pelo mesmo caminho... A avaliar pela maneira assustadora com que se agarra à guitarra, é o mais certo! A minha mãe cantava e o meu pai tocava guitarra; a minha avó, rabeça e uns primos, acordeão; outros, bandolim. O meu irmão, já falecido, era compositor e criou com a mulher as Marionetas de São Lourenço e o Diabo. Muito desse trabalho está no Museu da Marioneta.

“NÃO SOU CONTROLADO MAS SOU RESERVADO”

Não fosse músico, que outra coisa podia ter sido e feito, igualmente compensatória?

Teria sido outra pessoa. No entanto, na pele das mil pessoas que em nós habitam, daria um jeito na pesca à cana, na pele de um futebolista, na arte de cozinhar, no papel de político activo, enfim, daria sempre um jeito... Compensatório? Acho que morreria antes de o saber!



Ouço a música na cabeça, que é o sítio onde tudo acontece, depois vou à viola buscar os acordes. (...)Fazer música é um fenómeno físico

Depois de uma adolescência de grande rebeldia chegou a uma maturidade de intensa consciência social, mas calma e paciente...

Claro que era rebelde, era adolescente... E era o sangue beirão que me corria nas veias. Os antepassados põem-me neste estado de inquietação. Não sou controlado, mas sou reservado e sei como comunicar com calma e tranquilidade. Depois de uma infância absolutamente feliz e cheia de pai, mãe e irmãos de níveis acima de qualquer reserva de mediana, nunca mais tive qualquer tipo de descanso ou calma. Preciso de inquietação como de pão para a boca. Não posso estar sossegado do ponto de vista dos sentidos. Funciono como uma antena. Sou como toda a gente: acontece que transformo em sons, imagens, histórias, inquietações, diálogos, memórias. E as minhas são muito boas.

Como é que chega e parte a cada uma das bandas que fizeram a sua e a nossa história da música?

As coisas vão acontecendo, naturalmente. Há muito que entendi que a minha identificação dá-se pela música que vou compondo e pelos envoltimentos que ela implica e define. A minha voz é mais de um milhar delas. Não sigo um dogma pré-definido, mas uma coisa é certa, sem as vozes e os músicos extraordinários que conheci, nada seria possível, nem eu estaria aqui.

Foi a ousadia ou a inconsciência a ditar o golpe de génio que foi musicar o “Perdidamente”, de Florbela Espanca?

Na altura, chamou-me a atenção a autocitação que a poetisa fazia de um soneto anterior em que dizia “eu quero amar, amar perdidamente”. Depois, há coisas que não se explicam, sei lá... Abri a página do livro de sonetos e limitei-me a ouvir a música. Acontece: às vezes, ouve-se.

“DISCO DE COMPOSITOR PARA VÁRIAS VOZES”

E a transição do circuito das bandas para o trabalho a solo?

A partir do momento em que a soma das canções, após 33 anos a fazer parte de grupos, constitui um património qualquer, concluí que a única maneira de juntar tudo no mesmo “palco” só era possível através de um mesmo “tecto”: “João Gil”, de 2008, o meu disco a solo. Foi feito durante um ciclo normal de dois anos, logo a seguir à Filarmónica do Gil, quando entendi que era altura de juntar as minhas composições, que são o meu património e a minha identificação. Fiz um disco de compositor para várias vozes, sendo a principal a do João Campos. Depois, convidei três fadistas da nova geração, o António Zambujo, a Carminho e o Ricardo Ribeiro e também o Dany Silva, o Rui Veloso, as Tucanas... E, pronto, começava assim a travessia do João Gil, a seguir já em Outu-

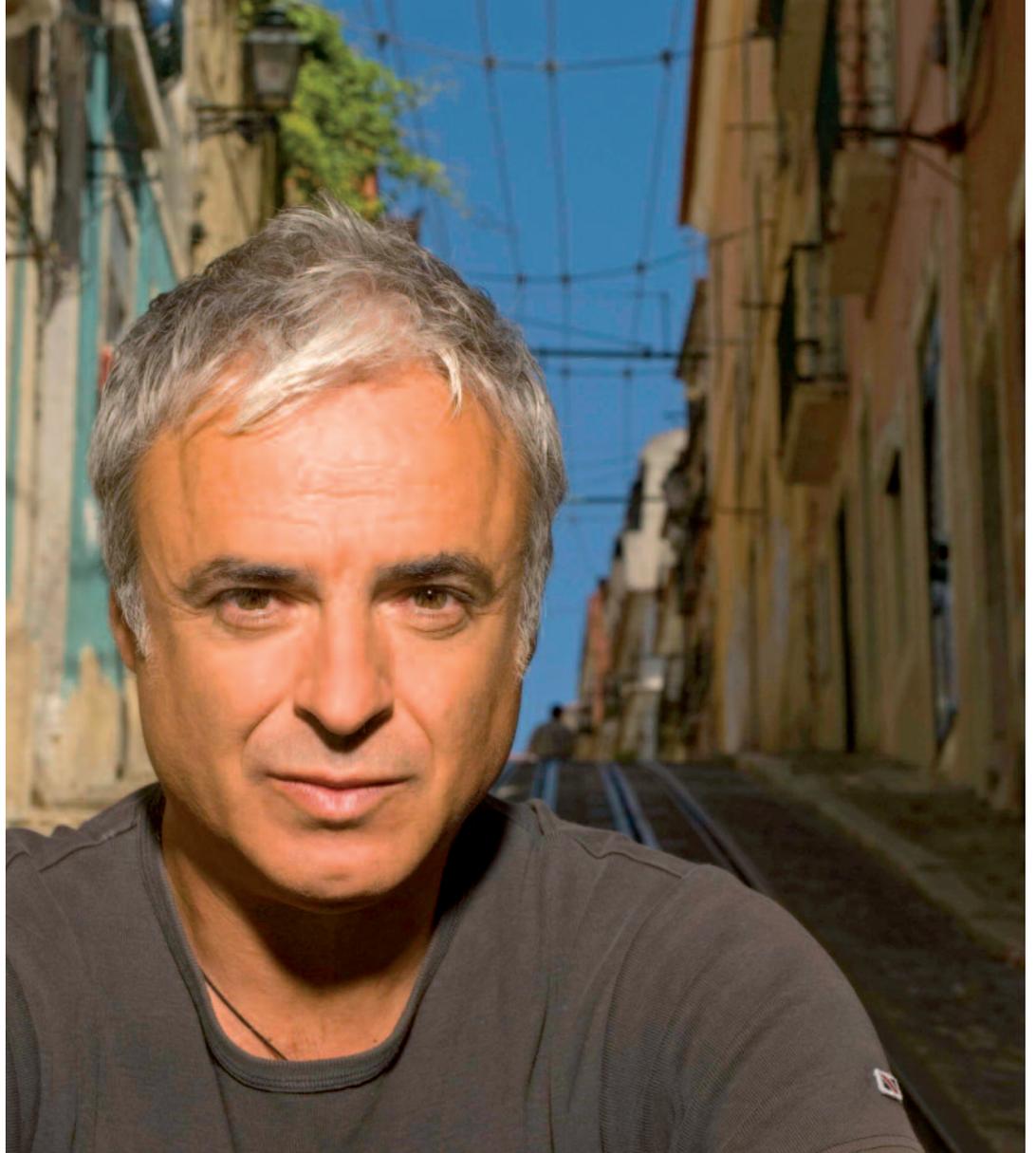


A incursão no fado não é de todo recente, agora, como compositor de 12 inéditos, isso sim, é recente e muito difícil

bro, quando entrar em estúdio para gravar o meu segundo disco.

Em Outubro sai um novo disco, "Fados de Amor e Pecado", com o João Monge e a Ana Sofia Varela. Que projecto é este?

Trabalho com o João Monge desde 1900 e "carqueja"... Fizemos várias canções para os Trovante e, desde então, foi um "ver se te avias". Começámos por fazer quatro fados para um espectáculo de nome "De Sol à Lua" – uma encomenda de Espanha para a Expo 98 que propunha a fusão fado-flamenco. Foi então que descobri o prazer e a enorme dificuldade que é fazer um fado. Nessa altura, a cantora era Ana Sofia Varela e, 12 anos depois, voltamos, todos juntos, ao ponto de partida. "Fados de Amor e Pecado" foi o nome escolhido e é uma instalação a três.



PERFIL

"A MINHA MÚSICA É MAIOR DO QUE AS MINHAS CANÇÕES. SOU UM COLECTOR DE SONS"



Um beirão desassossegado

João Manuel Gil Lopes é designação que não dirá muito a muitos, ao contrário de João Gil, nome maior da música, dos músicos e de quem não passa sem ela nem sem eles. Compositor de temas como "Postal dos Correios" e "Dia de Passeio" ou "Solta-se o Beijo" e "Loucos de Lisboa", nasce na Covilhã no dia 14 de Dezembro de 1955 e, desde os 12 anos em Lisboa, é com orgulho que, ainda hoje, refere o sangue beirão. Pisa o primeiro palco em 1975, com Artur Costa, em nome dos Soviete do Areeiro, banda de intervenção que durou, nem mais, uma intervenção. Mas 1976, o ano dos Trovante, é o primeiro do resto da vida de todos e de cada um... Luís Represas, João Nuno Represas, Artur Costa e Manuel Faria foram, durante 20 anos, os Trovante: banda sonora da sua geração. Um ano após a extinção, João Gil funda com Artur Costa e Alex Cortez (Rádio Macau) os Moby Dick. Em 1993, com João Monge, Manuel Paulo, José Carrapa e Nuno Guerreiro, surge a Ala dos Namorados, a que se segue, em 2006, com Rui Costa (ex-Silence 4) e Nuno Norte (revelação do concurso Ídolos), a Filarmónica Gil. A música não se lhe esgota nas canções e acumula composição com produção, trabalhando com Janita Salomé e Isabel Silvestre, Mafalda Arnauth ou Filhos da Madrugada, uma parceria com Tim (Xutos & Pontapés) e Manuel Faria. Mais: Rio Grande e Cabeças no Ar foram ambos uma reunião dos melhores entre os bons da música portuguesa. "João Gil", de 2008, é a estreia a solo e, quando em Outubro, sair o tão esperado disco de fados, o músico vai estar em estúdio a gravar o segundo em nome próprio. ■ *M.V.*

Mas como é que acontece esta aproximação ao fado?

A minha primeira incursão no fado foi talvez com "Travessa do Poço dos Negros" ou com "Fim", do Mário de Sá-Carneiro, o poema mais pequeno que conheço... E depois, tenho o tema "Saudade", que me lembra o dia em que a tia Amália se chegou a mim e me disse: "Essa sua música, 'Saudade', isso é um fado." Achei bonito, fiquei mesmo sensibilizado, afinal, era um puto e aquilo, vindo da tia Amália, pareceu-me um elogio enorme. Posto isto, a incursão no fado não é de todo recente, agora, como compositor de 12 inéditos, isso sim, é recente e muito difícil. É tão difícil fazer um único fado, como um disco inteiro de *rock*. Sem ofensa, mas, para mim, fazer um fado é abrir um sacrário, desvendar um segredo, sei lá...

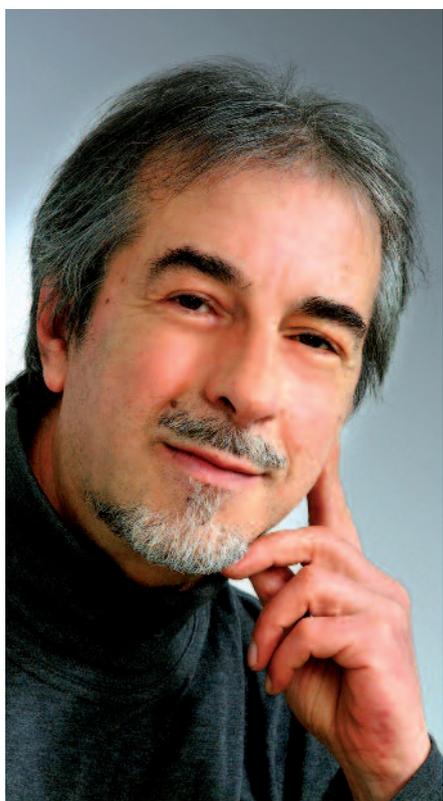
Saudades (só) do futuro?

Até ver, sim. Estou neste momento a compor música para uma peça de teatro que vai estrear no Teatro D. Maria. Chama-se "O Ano do Pensamento Mágico" e é um monólogo com a Eunice Muñoz para o qual estou a criar uma peça instrumental. Eu faço música, não faço só canções. Em matéria de instalações, por exemplo, tenho um grupo. Já não tenho uma banda, mas continuo a ter um grupo. Somos os Quadrado Cinco: eu, na música; o Pedro Sena Nunes, no cinema; o Wilson, na arquitectura; o Gonçalo M. Tavares, na literatura; o João Ribeiro, na pintura, e a Ana Rita Barata, na coreografia. A minha música é maior do que as minhas canções. Sou um colector de sons. ■ *M. Vinhas*

Animação cultural da delegação do Porto arranca em Outubro

Pela primeira vez, a Delegação do Porto da SPA vai dispor de uma animação cultural autónoma e abrangente que contemple não só o distrito do Porto, mas outras áreas do Norte do País. Essa animação foi confiada pela Administração da SPA ao cooperador Álvaro Magalhães, escritor com vasta obra publicada e reconhecida pelo público e pela crítica. A animação a desenvolver pela SPA na cidade do Porto estará polarizada na sala da delegação da cooperativa e noutros espaços entretanto acessibilizados para o efeito através da celebração de protocolos.

A programação de animação da delegação do Porto da SPA desenvolve-se em várias vertentes, mas, segundo disse o seu responsável à "Autores", tem "a sua jóia da coroa nas sessões, mensais, dedicadas aos autores e sua obra, as quais, além da natural participação do autor e das leituras encenadas de excertos das suas obras, terão também uma componente lúdica e musical". Manuel António Pina, Carlos Tê, autor de letras (e músicas) de canções, Jorge de Sousa Braga, Mário Cláudio e Fernando Echevarria serão os primeiros autores em destaque.



"UM PORTO DE CULTURA" ABRE PROGRAMA

Haverá também um ciclo de sessões dedicadas à vida e cultura da cidade do Porto, a cargo de especialistas como Helder Pacheco e Germano Silva, Luis Miguel Duarte, entre outros. A primeira sessão, em Outubro, a cargo de Germano Silva, que incide sobre a relação da cidade com os seus autores, "Um Porto de Cultura", servirá também para a apresentação desta programação e terá a presença de José Jorge Letria e João Lourenço, em representação da Direcção e Administração da SPA. Haverá ainda um espaço de debate, sendo o primeiro em Dezembro, sobre edição e direitos de autor e também conferências realizadas em contexto de público escolar, como é o caso das duas conferências a realizar, em Outubro e Novembro, na Escola Artística Soares dos Reis ("A Obra de Arte na Época da Cultura de Massas", por Carlos França e "O que É Poesia?", por João Sousa Dia).

Finalmente, haverá um espaço para cursos, seminários e ateliês, arrancando em Novembro um Clube de Leitura orientado pelo escritor Mário Cláudio e subordinado ao tema "Amor e Transgressão". Ainda este ano, está previsto um seminário/ateliê de escrita de letras de canções a cargo de Carlos Tê e, no início do próximo, um Curso de Escrita Criativa, também a cargo de Mário Cláudio.

Estão ainda previstos recitais com poetas e leituras e apresentação de novos livros e CD.

Em Abril do próximo ano, arrancará também o primeiro Encontro de Literatura Infantil da SPA, que se repetirá, anualmente, na mesma data.

Programação até ao final de 2009

2 de Outubro – Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, 21h30: "Um Porto de Cultura", conferência de Germano Silva sobre a relação da cidade com os seus criadores culturais. Participam os escritores Mário Cláudio, Manuel António Pina e o prof. universitário Amândio de Barros.

O Rancho Folclórico do Porto apresentará quadros, em que serão cantados versos dos poetas do romântico portuense. Esta sessão, em que será apresentada a programação cultural da SPA. no Porto e Norte será moderada por Álvaro Magalhães e contará com a presença de José Jorge Letria, vice-presidente e administrador-delegado da SPA.

23 de Outubro – Auditório da Escola Artística Soares dos Reis, 21h30: conferência por Carlos França, "A Obra de Arte na Época da Cultura de Massas".

2 de Novembro – Auditório da SPA – Início do Clube de Leitura, subordinado ao tema "Amor e Transgressão", em sete sessões de duas horas, ao final do dia, a cargo do escritor Mário Cláudio.

7 de Novembro – Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, 21h30: primeira sessão do ciclo "Autores", dedicada ao poeta Manuel António Pina.

21 de Novembro – Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, 21h30: segunda sessão do ciclo dedicado à cidade, "O Porto de... Hélder Pacheco", com participantes a cargo do convidado.

5 de Dezembro – Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, 21h30: segunda sessão do ciclo "Autores", dedicada a Carlos Tê.

10 de Dezembro – Auditório da Escola Artística Soares dos Reis, 21h30: conferência de João Sousa Dias: "O que É Poesia?"

12 de Dezembro – Auditório do Museu Nacional Soares dos Reis, 21h30: debate sobre edição e direitos de autor, com a participação de especialistas, a confirmar.

SPA MOMENAGEIA MARIA DA FÉ

A Sociedade Portuguesa de Autores associou-se às comemorações dos 50 anos de carreira da fadista Maria da Fé com a entrega à artista, durante o seu espectáculo no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, no passado dia 25 de Junho, de uma placa destacando a importância da sua carreira ao serviço da música portuguesa e dos autores cujas obras fazem parte do seu repertório. A placa foi entregue a Maria da Fé, em palco, pelo autor Tiago Torres da Silva, membro do Conselho Fiscal da SPA. Tiago Torres da Silva é um dos mais destacados autores de textos para fado da nova geração.

CCB homenageia João Aguardela

Prémios de música a distribuir de parceria com SPA

O Grande Auditório do Centro Cultural de Belém vai receber, no próximo dia 4 de Novembro, um espectáculo de homenagem a João Aguardela, mentor dos projectos Sitiados e A Naífa, falecido no passado mês de Janeiro, vítima de cancro.

Organizado pelo projecto Megafone 5 – fundado por amigos e admiradores de Aguardela –, o evento vai contar com as actuações dos Oquestrada, A Naífa, Dead Combo e Gaiteiros de Lisboa, revertendo todas as receitas dos bilhetes a favor da Associação Cultural Tradição Megafone.

Também no evento serão lançados oficialmente dois prémios de carácter anual – o Prémio Megafone Música (a ser atribuído a um músico cujo trabalho enalteça as tradições musicais portuguesas e lhes dê renovado futuro) e o Prémio Megafone Música (que irá distinguir uma entidade não musical que, ao longo de um ano, tenha ajudado a difundir aquele género de música) –, criados pela associação, em parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores.

O júri que escolherá os vencedores dos prémios, a anunciar em 2010, é composto por José Jorge Letria (SPA), Luís Varatojo (músico), Manuel Halpern (jornalista), Pedro Gonçalves (crítico de música), Ricardo Alexandre e Sérgio Xavier (radialistas) e Rui Lage (escritor).

Os bilhetes para o espectáculo, à venda nos locais habituais, custam 20 euros.

“Quando pisamos o palco **esquecemos** onde estamos

Alejandro Erlich Oliva é o contrabaixista e o porta-voz do colectivo Opus Ensemble, que ajudou a fundar há quase 30 anos. O ano de 2010 é de festa. Pretexto mais do que perfeito para visita guiada com cicerone de excelência à vida e obra de um quarteto único. Como única é a música e os seus intérpretes... Siga-nos

O Opus Ensemble nasceu em 1980 como quarteto, formação que recuperou em 2005, após interregno ditado por morte de um elemento, o oboísta Bruno Pizzamiglio, em 1997. Como chegaram à formação e ao repertório originais?

A formação instrumental do Opus Ensemble é única no mundo, pelo menos, em termos de agrupamentos estáveis com continuidade de acção. O nexu estruturante foi a enorme empatia psicológica e artística. Queríamos, simplesmente, fazer música juntos, independentemente das respectivas especificidades instrumentais. O repertório foi crescendo alimentado por três vertentes: música escrita ou adaptável à nossa combinação de instrumentos, transcrições de originais para outras formações instrumentais e obras concebidas e dedicadas ao grupo por importantes compositores. Para nossa grande honra e satisfação, esta listagem não deixou de crescer até hoje e, em nome do Opus Ensemble, expresso aqui uma cálida homenagem a todos (ver caixa).

Desde a fundação, todos os concertos incluem obras de um compositor português. Esta particularidade tornou-se a imagem de marca do grupo?

Inspirado pela dádiva de criatividade recebida desde o início da sua acção, o Opus Ensemble assumiu uma firme atitude de defesa e divulgação da música de matriz autoral portuguesa dentro e fora de fronteiras. Hoje, felizmente, são vários os intérpretes portugueses que praticam uma política artística semelhante, mas, há 30 anos, foi um gesto pioneiro, com pouquíssimos antecedentes: Nella Maissa, Manuel Ivo Cruz e Olga Prats são raros exemplos mais antigos nesta luta. De facto, através do longo itinerário que nos levou para os quatro cantos do globo, o Opus Ensemble funcionou ao longo de três décadas como uma caixa de ressonância viva da cultura portuguesa no mundo. Não me parece, no entanto, que unicamente esta particularidade se tenha tornado “a imagem de marca do grupo”. A personalidade do conjunto denota outros aspectos igualmente vinculados e é a soma dos factores que alicerça a sua identidade artística.

Foi desesperante ou estimulante readmitir um mesmo instrumento, o oboé, com um novo instrumentista, Pedro Ribeiro no lugar de Bruno Pizzamiglio?

Foi desesperante perder o Bruno e foi estimulante, vários anos e concertos depois, incorporar o Pedro. O período em confi-



A formação instrumental do Opus Ensemble é única no Mundo, pelo menos, em termos de agrupamentos estáveis com continuidade de acção



guração de trio foi muito duro. O sentimento de perda era total e estendia-se a todos os domínios da vida do grupo e dos seus integrantes: não só tínhamos perdido um membro fundador, grande artista e querido amigo, mas também tínhamos sido “amputada” a parte mais representativa do nosso repertório. Nesta difícil etapa fomos solidariamente apoiados, mais uma vez, pelos nossos permanentes aliados natu-

rais, ou seja, os compositores. Surgiu assim um interessante e variado repertório maioritariamente português para viola, contrabaixo e piano que continuamos a interpolar nos nossos concertos. Naquela inesquecível conjuntura, o Opus Ensemble optou por partir do zero (repertório novo, maior esforço de ensaio, novo timbre num universo sem oboé) antes de recrutar, atabalhoadamente, um novo oboísta. Em virtude da nobreza do seu carácter e da excelência artística das suas prestações, a chegada do Pedro significou para o Opus Ensemble uma merecida alegria e um acréscimo de energia que permitiu recuperar forças e continuar a pedalar.

Ensemble (prémios, troféus, louvores, condecorações de Estado) são motivo legítimo de orgulho, mas jamais de arrogância. O reconhecimento implica responsabilidade. Esse é o verdadeiro desafio.



O Opus Ensemble funcionou ao longo de três décadas como uma caixa de ressonância viva da cultura portuguesa no Mundo

“A MÚSICA DE CÂMARA É A ARTE DA INTERACÇÃO”

Conhecidos e reconhecidos como “o mais antigo e galeardado conjunto de câmara português”, como foi chegar a este estatuto e mantê-lo?

Foi e é completamente natural. Tudo foi acontecendo por inerência, guiado por essa espécie de gravitação que gere a lógica das coisas. As altas distinções atribuídas ao Opus



Foi desesperante perder o Bruno e foi estimulante, vários anos e concertos depois, incorporar o Pedro. O período em configuração de trio foi muito duro



Definimos a qualidade dos nossos concertos, conforme o que se passou no palco e não pelo tamanho do auditório

Qual o real contributo das partes para o todo, ou melhor, há uma soma ou uma subtração de egos?

A música de câmara é a arte da interacção. Nesse contexto, a iniciativa e o brilho individual são geridos em função da conveniência do grupo. O Opus Ensemble representa para os seus membros um formidável laboratório de trabalho em equipa no qual, em termos de resultado, o todo acaba sempre por ser maior do que a soma das partes.

As respectivas carreiras a solo alguma vez foram um problema?

Jamais. O velho procedimento chamado prioridade cronológica de agendamento funciona muito bem e, é claro, deontologicamente: não se aceitam compromissos individuais em datas já marcadas pelo conjunto e vice-versa. Claro que, às vezes, perdem-se datas, tanto de um lado como do outro, mas é inevitável.

Em quase 30 anos de actividade, é elegível uma experiência inesquecível e uma outra, por contraste, para esquecer?

Pessoalmente, acho que cada momento partilhado em palco com os meus colegas e amigos do Opus Ensemble tem qualquer coisa de inesquecível, pela elevada intensidade psicológica com que é tocada cada nota, com que é respirado cada silêncio... Trinta anos de andanças musicais pelo Mundo fizeram-nos compreender uma verdade nada óbvia: quando pisamos um palco esquecemos onde estamos. O único interesse, nesse momento, é tocar, juntos e bem. A concentração e a autocrítica são as mesmas nas grandes capitais mundiais como nas pequenas localidades de província. Definimos a qualidade dos nossos concertos, conforme o que se passou no palco e não pelo tamanho do auditório.

"HÁ MAGNÍFICOS MOMENTOS QUE ACONTECEM SEM AVISO"

E o ponto alto, aquele que faz com que todo o sacrifício pessoal, a existir, tenha valido a pena?

Não vejo o assunto desse ângulo. Não há um ponto alto. Há magníficos momentos que acontecem sem aviso, às vezes, quando ninguém espera. O sacrifício pessoal de facto existe e é condição essencial para a prossecução de objectivos ambiciosos em quase todas as actividades humanas.



Programa de festas para assinalar estes 30 anos?

O Opus Ensemble jamais gostou de falar do futuro. Talvez por isso possa exibir um sólido passado. O futuro não se verbaliza, não se dialoga conjecturalmente, mas faz-se, concretiza-se com disciplina, coerência e esforço. Há projectos interessantes e negociações em curso que seria prematuro divulgar agora... Sendo esta uma entrevista ao Opus Ensemble, não deixa de ser também um depoimento pes-

soal, portanto, sujeito a uma inerente e inevitável subjectividade. É precisamente nesse âmbito pessoal que quero reiterar publicamente a minha profunda admiração pela abissal profundidade musical e técnica de Ana Bela Chaves, pela subtilidade com que Olga Prats consegue conciliar a acção e a interacção na sua arte camarística e pela comovedora humildade com que Pedro Ribeiro demonstra que a condição de mestre não tem idade. ■ **M. Vinhas**

PERFIL



Pedro Ribeiro (oboé), Ana Bela Chaves (violela), Olga Prats (piano) e Alejandro Erlich Oliva (contrabaixo) são os músicos do Opus Ensemble, o mais antigo, premiado e considerado conjunto de câmara português. Em Agosto de 2005, o Opus Ensemble foi distinguido pelo Ministério da Cultura com a Medalha de Mérito Cultural e reassumiu a sua formação de origem, com a incorporação permanente do oboísta português Pedro Ribeiro, em substituição de Bruno Pizzamiglio, falecido em 1997. Desde a fundação, o agrupamento inclui obras de compositores portugueses em todos os seus concertos, contribuindo assim para a difusão da cultura portuguesa. Fernando Lopes Graça, Joly Braga Santos, Fernando Correia de Oliveira, João Pedro Oliveira, Jorge Peixinho, Constança Capdeville, António Pinho Vargas, António Victorino d' Almeida, Laurent Filipe, Sérgio Azevedo, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa (Portugal), Ramón Barce e José Luis Turina (Espanha), Gerardo Gandini, Celina Kohan, Gustavo Beytelmann, Astor Piazzolla e Fernando Altube (Argentina), Egberto Gismonti (Brasil), Maurice Ohana, Edith Canat de Chizy e Gerard Massias (França), Guido Donati (Itália) e Vasco Martins (Cabo Verde) foram compositores que escreveram obras especialmente para o grupo. ■ **M.V.**

Quarteto homenageia compositores

A SPA condena a destruição de livros pelas editoras

Tem vindo a aumentar nos últimos meses, de forma preocupante, o número de editoras de livros que recorrem à destruição de exemplares de títulos dos seus fundos editoriais como forma de fazerem face à crise que também atinge o sector. Embora tentando compreender as dificuldades que muitas dessas editoras enfrentam, a SPA considera que a destruição de livros não pode, em circunstância alguma, ser encarada como um recurso fácil para a resolução de problemas de carácter estrutural.

Mesmo assumida como uma medida de gestão, a destruição de livros é sempre um acto de lesa-cultura e frequentemente uma forma de grave desrespeito pelos direitos dos autores das obras que se encontram contratualmente consignados e claramente definidos.

Assim, não podem as editoras destruir livros sem antes ponderarem com rigor o que os contratos de edição determinam e sem esgotarem todas as possibilidades existentes no que diz respeito à sua venda a preços reduzidos aos respectivos autores ou

à doação a instituições públicas ou privadas de solidariedade social que deles podem fazer bom uso.

Invocam, com frequência, as editoras as limitações de natureza fiscal, designadamente em sede do IVA, que surgem quando a doação é encarada como uma solução possível. No entanto, entende a SPA que, também a este nível, pode e deve o Estado contribuir para que se encontrem soluções que não se traduzam na destruição pura e simples de um património cultural significativo. Por outro lado, apela a SPA às autarquias locais no sentido de que, em articulação com as editoras que têm iminente a destruição de muitos milhares de livros, encontrem soluções que contribuam para a aquisição a preços reduzidos de acervos bibliográficos que enriqueçam o espólio das bibliotecas da rede de leitura pública, ou outras.

Qualquer solução que não se traduza na destruição de livros é melhor do que a prática desse acto que, até no plano simbólico, é inaceitável e preocupante. Se existem obstáculos de ordem fiscal, que sejam remo-

vidos em nome do interesse cultural dos títulos que podem ser destruídos, dos direitos de autor associados às obras e também da própria dignidade dos autores.

A SPA continuará a analisar detalhadamente todas situações que envolvam autores e obras cuja representação lhe esteja confiada, no sentido de assegurar o integral respeito daquilo que os contratos estipulam e a tentar contribuir para que se encontrem soluções que impeçam a destruição de livros. A sua recuperação pode constituir um importante incentivo à leitura e uma forma de demonstração pública de que, na sociedade de consumo, o livro nunca poderá ser encarado como um objecto descartável, como um desperdício ou como um fardo que é preciso alijar. A destruição física de livros contraria e põe em causa o património cultural e moral de muitos séculos de civilização. Por tudo isto, é imperioso que se encontrem, quanto antes, outras soluções. Em nome da cultura, em nome dos autores, em nome do interesse da comunidade.

A SPA assinala o dia mundial da música

Ao comemorar hoje, 1 de Outubro, o Dia Mundial da Música, a Sociedade Portuguesa de Autores saúda e aplaude todos os criadores musicais associados a esta cooperativa, seja como beneficiários seja como cooperadores. Ao fazê-lo, a SPA reconhece e sublinha o contributo desses criadores, muitos dos quais são também intérpretes das suas obras, para o engrandecimento da cultura portuguesa, para o prestígio da SPA e, em alguns casos, também para a projecção internacional do nosso país.

A música foi uma das disciplinas mais importantes no processo de fundação da SPA, em 22 de Maio de 1925. Desde então, nunca deixou de ser, com a diversidade e a pujança das suas várias expressões e géneros.

Com a crescente crise do direito de autor e das formas de o fazer respeitar, o sector da música enfrenta dificuldades maiores do que alguma vez conheceu, desde logo porque fenómenos como a pirataria e a ausência de uma intervenção firme do poder político e da magistratura da salvaguarda dos seus direitos têm contribuído

para o agravamento da sua situação. A SPA, orgulhosa de poder representar os mais importantes criadores desta área e todos os outros que nela se integram, tudo tem feito e continuará a fazer para defender os direitos dos criadores musicais que representa, seja em Portugal ou no estrangeiro, seja junto do Governo ou dos grupos parlamentares, seja junto das forças policiais ou do Parlamento Europeu. O empobrecimento da produção musical traduz-se, inevitavelmente, no empobrecimento da cultura e da economia portuguesas, para além de agravar, significativamente, a precária situação em que vivem muitos criadores musicais.

Desde o apoio à criação musical até aos esforços no sentido de que seja criado um Gabinete de Exportação de Música Portuguesa, a SPA tem efectuado todas as diligências ao seu alcance no sentido de que os criadores musicais que representa e defende vejam os seus direitos protegidos e a sua capacidade de afirmação e reconhecimento alargada. Para além disso, a música tem esta-

do sempre presente na intensa programação cultural da SPA, designadamente através da realização de recitais, de lançamento de discos, de debates e, a partir de agora também, na presença televisiva que a cooperativa conseguiu assegurar na TVI 24 e na RTP.

Gostaríamos que este Dia Mundial da Música pudesse ser um grande dia de festa, embora reconheçamos que as dificuldades actuais ensombram esse desígnio. Por isso, reafirmamos o nosso compromisso de tudo continuarmos a fazer para que aqueles que, na vida da SPA, representam a criatividade musical possam encarar o futuro com maior tranquilidade e optimismo, apesar dos obstáculos e ameaças constantes que os atormentam.

No próximo ano, a SPA, ao comemorar o seu 85º aniversário, irá organizar uma grande exposição dedicada à música e aos músicos na vida e na história desta instituição. Esta será apenas uma das muitas homenagens que lhes são devidas. Viva a música e os seus criadores!



Gala dos Autores Portugueses passa para o CCB e com directo na RTP

A Gala Anual dos Autores Portugueses, que tem vindo a realizar-se anualmente no Teatro Nacional de São Carlos, irá ter lugar no dia 8 de Fevereiro de 2010, no Centro Cultural de Belém, com transmissão directa assegurada pela RTP. Esta mudança no modelo da Gala dos Autores decorre do acordo estabelecido entre a SPA e a RTP, que prevê, entre outras coisas, a realização de um grande espectáculo anual durante o qual serão entregues prémios aos melhores criadores de obras vindas a público no ano anterior.

Desta forma, a Gala dos Autores muda de estrutura e configuração, passando a ter um carácter mais abrangente, um maior impacto mediático e a dar um maior contributo para o prestígio e visibilidade dos autores portugueses.

Oportunamente, a SPA anunciará a forma como irá decorrer este espectáculo anual, que se deseja representativo do que somos e do que valemos.

A RTP analisa também, neste momento, com a SPA, a forma que irá ter o programa dos autores no Canal 2 daquela estação e que deverá começar a ser transmitido no primeiro trimestre de 2010, uma vez assegurado pela RTP e pela SPA o patrocínio que o viabilize.

SPA congratula-se com a classificação do espólio de Fernando Pessoa como “Tesouro Nacional”



A Sociedade Portuguesa de Autores congratula-se com o facto de o Governo ter decidido, em reunião do Conselho de Ministros realizada no passado dia 30 de Julho, classificar o espólio documental de Fernando Pessoa como Tesouro Nacional, tendo em conta o seu relevante interesse cultural.

Esta medida, que só pode pecar por ser tardia, consagra ainda mais e protege em toda a plenitude da sua dimensão cultural e da sua universalidade a obra de um dos mais importantes poetas do século XX a nível mundial e um dos mais originais e influen-

tes de toda a tradição lírica ocidental.

Disperso por vários espaços e entidades públicas e privadas, o espólio documental de Fernando Pessoa constitui, sem dúvida, uma das grandes riquezas e referências de toda a cultura portuguesa, devendo, também por esse motivo, ser protegido, preservado e difundido com o estatuto de Tesouro Nacional.

Ao conferir este estatuto ao espólio pessoano, o Governo reconhece também, o contributo que os autores, tenham eles a dimensão de Fernando Pessoa ou outra, podem dar para o engrandecimento da cultura portuguesa, da nossa identidade colectiva e do próprio nome de Portugal. Por isso devem ver os seus direitos protegidos e os seus interesses salvaguardados, por serem criadores de uma riqueza que transcende largamente a lógica redutora dos cifrões e das estatísticas.

A SPA faz votos no sentido de que esta atitude que agora se louva se torne, em relação aos criadores portugueses de diversas áreas cada vez mais regra e menos excepção, no quadro de uma política cultural consistente e coerente que não se limite a medidas de circunstância e a episódios mais ou menos mediáticos.

JOAQUIM PESSOA

Passados dez anos sobre a publicação do livro de poesia “Vou-me embora de mim”, que marcou meio século de vida de Joaquim Pessoa, o “poeta que olha em roda”, segundo se define, lançou no mercado a continuação daquela obra: “O Pouco É para ontem”, o livro da sabedoria dos 60. “Um livro que contém um tipo de poesia reflexiva, com uma profunda ironia.” Em simultâneo, e como é próprio do seu espírito irreverente, colocou nos escaparates um outro livro diferente em tudo, “com uma linguagem dita sem tabus, e que as pessoas adoram”. Escrito em sonetos, com gravuras adequadas e para maiores de 16 anos, dá pelo nome renascentista de “Sonetos Eróticos & Irónicos & Sarcásticos & Satíricos & de Amor & Desamor & de Bem & Maldizer do poeta Joaquim Pessoa”

A sabedoria dos **60**



Fotos de José Pedro Santa Bárbara

O eclectismo é uma das suas características?

Tenho, na verdade, esse espírito renascentista. E até nos meus livros é raro o que é parecido com o anterior. Estes meus dois últimos livros – “O Pouco É para ontem” e os “Sonetos Eróticos & Irónicos & Sarcásticos & Satíricos & de Amor & Desamor & de Bem & de Maldizer, do Poeta Joaquim Pessoa” – parece que são feitos por dois poetas completamente diferentes, mas não são. Se procurar bem, lá estão algumas raízes comuns.

Nomeadamente, o seu poder de ironia e de observação.

Sou o poeta que olha em roda, como dizia o Neruda. Gosto de olhar para os que não podem participar nas coisas boas que acon-

tecem na vida, porque não têm dinheiro, para as pessoas boas com quem nos vamos encontrando na vida e também gosto de olhar para a minha amada, naturalmente. Portanto, eu sou aquilo a que chamo um poeta vivo. E procuro que a minha poesia seja uma poesia viva. Também faço, às vezes, uns versos oficiais. Gosto muito de jogar com palavras, com aliterações, com dissonâncias. Faço-o para exercitar a técnica, a rima, a sonoridade.

Além disso, o Joaquim tem um ritmo fantástico!

O sentido de ritmo em mim é fundamental. Quer seja com rima ou sem rima. E, às vezes, até com rima interior. Parece verso branco, mas vai rimando pelo meio.



Sou o poeta que olha em roda, como dizia o Neruda. Sou aquilo a que chamo um poeta vivo. E procuro que a minha poesia seja uma poesia viva

RENÚNCIA ÀS POBREZAS

E, de vez em quando, pára também para acentuar os seus conceitos.

Sim, claro. Os conceitos que me regem na vida são os que decorrem da convivência com os outros. "O Pouco É para ontem", por exemplo, é uma renúncia às pobrezaas que nos querem dar. Para amanhã, a gente trabalha para isso, a gente empurra. É um livro de um homem já experiente. Acabei de fazer 60 anos...

Passaram-se seis anos sobre o seu último livro.

Seis, não, dez. Passaram-se seis anos sobre o último livro lançado no mercado – o "Nomes" –, mas antes desse livro, escre-

vi um outro que é o "Vou-me embora de mim" e "O Pouco É para ontem" é a sua continuação. Aquele é o livro dos meus 50 anos, e este que agora lancei é o dos meus 60 anos. Por isso, digo que há dez anos que não escrevia... Parece que não, mas é uma diferença incrível. Os 50 anos já foram uma coisa marcante, mas estes 60 são ainda mais marcantes.

Há uma maturidade muito maior e como que uma condensação dos seus conceitos.

Depois dos 50, e sobretudo aos 60, há uma sabedoria de vida que nós não tínhamos antes. Entre os 50 e os 60, começamos a ter algumas certezas feitas com as certezas que tínhamos antes ao contrário. E, engraçado, quando come-

çamos a saber alguma coisa na vida, estamos com os pés para a cova. Isto é que é a grande ironia. E, às vezes, confrange-me um bocado alguma falta de respeito que há pelos velhos, que é como quem diz, pela sabedoria. Como dizia Octávio Paz, “de cada vez que morre um velho, arde uma biblioteca”. Os putos é que não sabem e tratam-nos mal, ou seja, rasgam em vida os livros da biblioteca.

E não só os putos.

Não me refiro só aos miúdos, mas a alguns da casa dos 30, 40 anos. Eu não estou contra os novos, note-se, acho é que deve haver lugar para todos. Os mais novos também precisam de aprender, precisam da experiência dos mais velhos. Se nós chegamos aos 60 anos e constatamos que foi através da nossa experiência que sabemos hoje alguma coisa, porque é que se não há-de acelerar o conhecimento dos mais novos com a experiência dos mais velhos?

PARAR PARA PENSAR E... EROTIZAR

Como caracteriza o seu “O Pouco É para ontem”?

É um livro que contém um tipo de poesia reflexiva, com uma profunda ironia. Resumindo, um livro com a filosofia de vida que tem um homem de 60 anos. Um homem que reflecte sobre si mesmo, sobre os outros, sobre a vida com os outros, sobre a sua poesia. É um livro que, tal como eu, acaba por ser um parar para pensar. Um reflexão sobre o que é que andei a fazer até aqui, o que é que, de facto, eu sou. Depois disto, não é por acaso que aparecem os sonetos...

Os sonetos são como o climax deste momento, para falar na mesma linguagem que utilizou para os escrever?

Sim, é um bocado o climax. Eu sempre tive esta costela brincalhona. E erótica também. Resolvi afiar o lápis e cheguei a este erotismo mais exacerbado, mais bocageano. E também pensei: se eu gosto de fazer isto, sinto que tenho capacidade para o fazer e sei que o faço bem – trata-se de um tipo de livro que, há mais de dois séculos, não se publica na literatura portuguesa -, quanto mais não seja por isso, ela precisa de um outro provocador, de outro abanador de pseudo preconceitos. Então, aí vai. E a recepção tem sido excelente!

A capa tem o sabor de uma capa oitocentista.

De facto, ela é novecentista, mas tem esse sabor oitocen-

tista. As gravuras, incluindo a da capa, são de um grande artista austríaco, Michael von Zichy (in Liebe, Leipzig), que, em 1911, as publicou em livro, que eu comprei num alfarrabista amigo.

Como bom colecionador que é...

Exactamente. Comprei esse livro, que me custou um balúrdio na altura, mas fizeram só 200 exemplares. É um livro precioso por isso.

Antes de o desfolhar, pensei que ele seria ilustrado com desenhos igualmente da sua autoria, dada a sua intimidade e por ser também a sua arte.

Irei fazer um dia destes um livro com os meus desenhos. Mas achei que o von Zichy merecia ilustrar este. As suas gravuras caíram aí nos sonetos maravilhosamente. Até porque o traço dele tem este sabor retro. Mas só na forma é que o livro é retro, porque é uma realidade actual. Quando se fala aí em comprimidos, em Viagra, em cartazes de publicidade, não tem nada a ver com o século XVIII.

LIVRO DE DESENHOS NA FORJA

Mas está já a fazer um novo livro. Depois de um grande interregno entre a última obra, lançada em Novembro de 2001, e estas duas publicadas em 2008...

Não foi um grande interregno. É que este hiato correspondeu a uma fase em que precisei de trabalhar muito na pintura e no desenho. E eu não consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Ainda o ano passado levei também quase todo o tempo a fazer cerca de 40 desenhos, que me deram muito trabalho. Quero fazer, qualquer dia, um livro com estes desenhos, como lhe referi.

Que tipo de desenhos?

É desenho a tinta-da-china com caneta *rotringe* e alguns entra o lápis de cor misturado com a tinta-de-china. São desenhos com uma técnica de muita minudência. Se lhe disser que fiz uma máscara de um rosto só com palavras, em letra muito pequenina... Agarra numa lupa e lê o texto. Tudo feito à mão.

Mas a escrita fá-la em computador?

Não. Escrevo sempre à mão primeiro. E mesmo sempre à mão, leio em voz alta e mudo-lhe o ritmo. Por causa das consonân-

cias, das dissonâncias, dessas aliterações, desse ritmo fundamental. E depois de encontrar a forma definitiva, vou para o computador. E aqui altero muitas vezes a forma. Porque, talvez como fui director criativo de publicidade durante 20 anos, eu olho para um poema esparramado na página, e digo: “Não gosto desta mancha.” Então mudo-o. E mudando-o visualmente, mudo-lhe o ritmo. E ao mudar o ritmo, já não gosto tanto, e tenho de o modificar para ficar outra vez como eu gosto. É um trabalho muito cansativo. E outra coisa que eu faço é assim: escrevo um poema à mão, leio, emendo, e depois guardo-o durante dois ou três dias. Porque eu sei que, se o passar imediatamente a definitivo, no computador, sou capaz de, mais tarde, não vir a gostar muito dele. Portanto, meto-o no frigorífico e depois sim, quando já não sou pai nem mãe dele, vou ler um texto que é doutro.

PROSA POÉTICA EM “ANO COMUM”

Então, de que trata o próximo livro em que já está a trabalhar?

É um livro completamente diferente. É um livro em prosa poética. A plástica é a prosa, mas a matéria é muito a poesia.

Para si, a pintura e as palavras são a mesma coisa de formas diferentes?

Às vezes são, mas nem sempre. A palavra nomeia. A pintura capta de uma forma transformada, mostra, mas não tem o poder de nomear. A palavra consegue ser bastante mais contundente, mais agressiva, bastante mais nomeadora do que a pintura. E depois, a palavra, é equívoca.

O Joaquim prefere as palavras à pintura?

Não. O que eu prefiro é trabalhar com as palavras de uma maneira e com a pintura de outra.

Mas ainda não me disse de que é consta, afinal, o livro que tem entre mãos.

Lembro que estamos num ano bissexto e o livro vai chamar-se “Ano Comum”. Estou a pensar lançá-lo daqui a um ano ou treze meses, sobre aquilo que foi o ano anterior. E chamo-lhe “Ano Comum”, porque todos os anos são comuns. Quero fazer 365 textos e não 366, como se fosse um diário, não assumindo, porém, que seja um diário.

Escreve todos os dias?

Às vezes, estou dois, três dias sem escrever, até porque acho que talvez me esteja a repetir e prefiro ficar por ali, mas depois, num dia, sou capaz de escrever dois ou três textos seguidos.

“AS DEUSAS-MÃE NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS”

Escreve, pinta, lê e toma conta das suas colecções, não é? Tem muitas?

Tenho várias. E também estou a escrever um livro sobre “As Deusas-Mãe no Território Português”. Quero fazer o seu lançamento no final deste ano. Vai ser uma surpresa para muito boa gente, porque acham que não há deusas-mãe, e lá vão dizer que são falsas. Leio muito sobre estes temas.

Lê muito sobre matérias que o ensinam de algum modo...

Poesia e ensaios é o que leio mais. Leio muito poucos romances. E procuro aprender muito com os outros, porque a gente aprende sempre com os outros. Os outros são fundamen-



tais na minha vida. Costumo dizer: "Eu não dispense os outros na minha vida, porque eu também sou os outros." Quando os outros olham para mim, eu faço parte dos outros. Somos todos os mesmos, sendo os outros. Há um texto deste meu livro que diz isso.

Esse seu jogo de palavras e essa necessidade de conceptualizar as suas visões, o seu olhar, são muito filosóficos. E, às vezes, sou um bocado barroco na expressão disso mesmo. Um barroco naquilo que ele tem de mais agradável, mais cantante, mais brilhante. Também resultado de uma poesia que fiz umas décadas atrás, que era uma poesia cantabile, como se os poemas fossem musicados.

Aliás, tem muito poemas musicados.

Como se costuma dizer, "estavam mesmo a pedi-las". O poema mostra-se já com uma musicalidade tal que aquilo é só arranjar uma melodia. Evidentemente, que isso hoje não acontece tanto, porque estou noutra escrita. Mas, de vez em quando, o Carlos Mendes diz-me "precisava de um texto ou dois" e eu lá faço. Agora, por exemplo, como ele está a acabar um disco, que tem até a ver com a SPA, mandei-lhe três ou quatro poemas.

A propósito da musicalidade, o Joaquim gosta muito de fazer sonetos. O que o atrai nesta forma poética?

O soneto, para mim, é uma forma de desenjoar a comida. E também é uma forma de afiar as unhas. Além disso, gosto da forma, gosto do ritmo e permite-me muita ironia.

E de concursos gosta?

Não. Até hoje, foram-me atribuídos três prémios de poesia, mas nenhum deles levava o meu nome. Foram todos sob pseudónimo. Tenho a certeza de que, se levassem o meu nome, não mos davam. Não sei porquê, mas acho que sou incómodo para muita gente.

“ “ **O meu livro 'O Pouco é para Ontem' contém um tipo de poesia reflexiva, com uma profunda ironia. Um reflexo sobre o que é que andei a fazer até aqui, o que é que, de facto, eu sou**

O POETA RENEGADO

Acha que é um poeta renegado?

Alguns dizem que sou um poeta renegado, ou um poeta mal-dito, ou mal-querido. Sei que muita gente tem inveja. Há muitas histórias que o confirmam. Sinto que sou mais querido lá fora do que cá dentro. Mas se é isso que dá importância à minha poesia, pois que seja um poeta renegado.

Esse epíteto terá surgido por uma questão política?

Foi por uma questão política inicialmente. Mas posso dizer-lhe que o meu primeiro livro foi muito bem recebido. Só faltou dizer que estava ali o segundo Camões. Depois, quando publiquei o livro a seguir, na Moraes, "O Amor Combate", em 1976, passei a ser "o comuna". Quiseram pôr-me um rótulo e eu tenho levado a vida inteira a renegar esse rótulo. Não é o ser comunista ou não que me incomoda, o problema é que eles não conseguem pôr-me um rótulo. Eu sou um homem de esquerda assumido. Sou um humanista. E isso tem a ver com um espírito renascentista, humanista, que tem a minha poesia.

Um homem de esquerda, sem partido?

Neste momento, sem partido. Mas seria completamente incapaz de votar à direita. A minha formação é demasiado humanista para isso. Agora, se o ser de esquerda continua a ser um óbice... Devo dizer-lhe que não me lembro de um artigo ou de um texto qualquer a dizer mal da minha poesia, que eu escrevo mal, que as coisas não prestam, nunca. Agora, silêncios também registos muitos. Não conseguem dizer mal de mim, calam-se. Mas eu não ganho a vida com o que escrevo, portanto, escrevo à vontade. Não estou enfeudado a coisa nenhuma, nem a ninguém. Aquilo que aparece nos meus livros sou eu. Nunca me vendi, não me vendo, não tenho preço. Sou, provavelmente, um dos poetas mais livres que há em Portugal.

CAPAS IGUAIS COM HIATO

Tirando este livro especial de sonetos, que é aquele que faz a diferença de capa e não só, todas as suas capas são iguais, diferenciando-se apenas na cor...

Aí foi a minha pistola publicitária que me disse: com um grafismo semelhante, independentemente da cor, quando se olha, já se sabe que aqueles livros são do Joaquim Pessoa. Porque é que o dos sonetos é diferente? Porque é especial. É um hiato na minha obra. E não é só isso: enquanto em "O Pouco É para ontem" tem nas badanas extractos críticos de vários autores conhecidos – Mário Cláudio, Maria Lúcia Lepecki, Fernando Guimarães, Armando Silva Carvalho – e na contracapa as minhas obras e a minha biografia, nos sonetos não há nada, nem livros que escrevi, nem críticas, nem biografia, isto é *tout court* os sonetos. Tem algumas epígrafes.

Eles valem por si.

Penso que sim. É um livro que, apesar de eu ter pensado que poderia ir ferir algumas susceptibilidades, as pessoas adoraram! É a linguagem comum, dita sem tabus. É o *off the record*, mas mesmo para fazer a gravação. ■ **Edite Esteves**

PERFIL

Poeta progressista de vasto público



Joaquim Pessoa nasceu no Barreiro em 1948. Poeta e Artista Plástico, foi director criativo e director-geral de várias agências de publicidade e autor de diversos programas de televisão (1000 Imagens, Rua Sésamo, 45 Anos de Publicidade em Portugal, entre outros). Foi director pedagógico e professor da cadeira de Publicidade no Instituto de Marketing e Publicidade, em Lisboa, e professor no Instituto Dom Afonso III, em Loulé, tendo desempenhado durante seis anos o cargo de director na Sociedade Portuguesa de Autores.

Teve, nas palavras de David Mourão-Ferreira, "um papel muito importante no movimento renovador da canção portuguesa". Os seus poemas foram musicados e cantados, nomeadamente, por Carlos Mendes, Paulo de Carvalho, Manuel Freire, Fernando Tordo, Paco Bandeira, José Mário Branco, Samuel, Tozé Brito, Rui Veloso, Vitorino, Jorge Palma, Tonicha, Lúcia Moniz, Fernando Pereira, Kátia Guerreiro e Carlos do Carmo. Como escritor, salientou Mourão-Ferreira, "é o poeta progressista de hoje mais naturalmente capaz de comunicar com um vasto público".

O seu primeiro livro foi editado em 1975 e, até hoje, publicou mais 32 obras incluindo três antologias. Em 2001, começou a ser publicada a sua Obra Poética, em sete volumes. Foi galardoado com o mais importante prémio nacional de Poesia: o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores e da Secretaria de Estado da Cultura, e ainda com o Prémio de Literatura António Nobre e o Prémio Cidade de Almada.

Está representado em cerca de meia centena de antologias colectivas em Portugal e no estrangeiro, e referenciado em várias enciclopédias, dicionários e roteiros literários. Os seus textos constam igualmente de vários livros de ensino de literatura e língua portuguesa. Está traduzido em inglês, francês, russo, castelhano e búlgaro.

Como artista plástico, está representado em várias colecções públicas e privadas e realizou múltiplas exposições individuais e colectivas. ■ **EE**

"Celebrar os Autores, Celebrar a Cultura"

Exposição com 36 criadores destaca o valor da memória



"A valorização da própria memória da SPA", a partir de documentação vária existente na cooperativa e do espólio dos inúmeros autores que por aqui têm passado e deixado os seus "vestígios" criativos, "com vista à sua divulgação e à solidificação de uma consciência cultural", é o objectivo básico da exposição "Celebrar os Autores, Celebrar a Cultura", inaugurada no dia 1 de Outubro, na Galeria Carlos Paredes, no edifício 2 da Sociedade Portuguesa de Autores. Inscrita na variegada programação cultural da SPA, esta exposição "destaca um dos aspectos mais marcantes da vida desta cooperativa, ou seja, o valor da memória, por ser o único capaz de juntar gerações, de aproximar obras e autores e de projectar para o futuro o trabalho criador de quem é a razão de ser desta casa", segundo reflecte José

Jorge Letria na nota que os presentes à inauguração tiveram oportunidade de ler. Na realidade, respeitando o espírito do título da mostra, esta homenageia e celebra a vida e a obra de alguns dos mais destacados autores portugueses já falecidos que, desde Maio de 1925, estiveram associados à SPA, "instituição que viram e assumiram como a legítima e competente defensora dos seus direitos". Concebidos em termos plásticos pelo cenógrafo Fernando Filipe e integrando a pesquisa e textos Ana Madureira, os 36 painéis desta exposição (um por autor) destacam autores de todas as áreas e de todas as épocas, sobretudo com base nos requerimentos de inscrição na então Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses ou na SPA (nome mais recente) por eles preenchi-

dos – muitos redigidos à mão no já velho papel selado de 25 linhas -, invocando os motivos que justificavam o seu acto. O valor documental e simbólico destes documentos constituem por si mesmos um "tesouro" cultural. Mas, para além disso, foi feita biografia, recolhidas fotografias de cada criador e obras diversas, não cabendo mesmo nas vitrinas expostas a enorme quantidade de espólio que a SPA possui de cada um deles.

UMA MOSTRA SEM FIM

De entre meia centena de autores seleccionados inicialmente, figuram nesta primeira fase deste ciclo de mostras 36 autores, entre eles, Alexandre O'Neill, Fernando Lopes Graça, Maria Matos, Rómulo de Carvalho, Mário Cesariny, Almada Negreiros, Al Berto, Alves Redol, António Botto - cujo primeiro pedido de inscrição na SPA, em 1927, foi recusado por falta de pagamento e que só acabaria por vir a ser admitido em 1933 -, Aquilino Ribeiro, Edmundo Bettencourt, Fernando Namora, Ferreira de Castro, Gino Saviotti, Glicínia Quartín, Henrique Viana, Ribeirinho, João Villaret, Joly Braga Santos, Luiza Neto Jorge, Maria Ondina Braga, Michel Giacometti, Vasco Santana, Vianna da Motta e Vitorino Nemésio. "O critério foi reunir autores de várias áreas criativas, de várias gerações, de diferentes zonas geográficas e de diversas sensibilidades, juntando os mais óbvios com os menos óbvios", explicou o administrador-delegado da SPA à "Autores", especificando que, "a partir daqui se pode ir alargando total ou parcialmente o leque de autores, à medida que forem sendo encontrados os respectivos documentos e conforme as necessidades", de forma a tornar-se uma exposição



dinâmica e praticamente sem fim.

A itinerância, nomeadamente pelas delegações da SPA, autarquias, escolas e colectividades é igualmente um dos grandes objectivos desta exposição ora inaugurada. «A SPA foi ao longo destes 84 anos (cumprirá 85 dia 22 de Maio de 2010) a instituição cultural mais prestigiosa e mais representativa da vida cultural portuguesa e não há nada melhor a fazer pelos autores do que divulgá-los e divulgar o seu trabalho», concluiu José Jorge Letria. Nesta linha, o administrador-delegado e vice-presidente da SPA adiantou ainda à "Autores" que, em Maio de 2010, será inaugurada uma outra grande exposição sobre "A Música e os Músicos da SPA" e, ao longo do próximo ano, serão ainda motivo de mostras, entre outros temas, "Os Autores e a República", "Florbelas Espanca", "Bernardo Santareno" e "Carlos Porto". ■ EE

Nos primeiros seis meses de 2009

ASAE deteve 79 por usurpação de direitos de autor

Os inspectores da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) detectaram 153 crimes relativos à usurpação de direitos de autor e realizaram 79 detenções ao longo dos seis primeiros meses deste ano, tendo apreendido mais de 114 mil CDs e DVDs contrafeitos, num total de 370 mil euros.

Outro âmbito de acção da ASAE tem a ver com a pirataria informática. No primeiro semestre de 2009, os inspectores já apreenderam 25 computadores, 61 periféricos, um software e mais de 24 500 CD/DVD gravados. Segundo Pedro Picciochi, director dos serviços da área operacional da ASAE, apesar da "intensa e constante" actividade da Autoridade no combate à contrafacção e à usurpação dos direitos de autor, estes "continuam a ser ilícitos criminais muito praticados". Prova disso mesmo "é a quantidade de mercadoria apreendida que continua a ser elevada".

O facto de a contrafacção ser uma actividade "altamente lucrativa" é uma das razões apontadas pelo responsável para o aumento deste fenómeno, que representa "6 a 7% do comércio mundial". Pedro Picciochi refere ainda o facto deste tipo de crime "ser socialmente aceite". "Enquanto houver procura há contrafacção", frisou.

PSP apreende 58 CDs em operação realizada em Setúbal

Um efectivo de 33 elementos da PSP de Setúbal, com a colaboração de uma equipa da divisão de fiscalização da Sociedade Portuguesa de Autores, realizou uma operação de fiscalização rodoviária e a estabelecimentos de diversão nocturna, a qual decorreu em vários locais da cidade, nomeadamente os de maior afluência de pessoas. A operação, que teve início às 20 horas do passado dia 18 de Setembro, sexta-feira, e se prolongou até às 2 horas de sábado, tinha como objectivo detectar pessoas ilegais no país, tráfico de droga, irregularidades na segurança privada e outras ilegalidades.

Assim, no âmbito das infracções relacionadas com os direitos dos autores representados pela SPA, a PSP apreendeu 58 CDs.

Rectificação

No último número da revista "Autores", na peça referente às comemorações dos 84 anos da SPA e do Dia do Autor Português, por lapso, o nome do realizador Luís Filipe Costa apareceu na legenda de uma foto como Luís Filipe Rocha.

Ainda na mesma peça, na legenda da foto de Jorge Lopes, um dos funcionários da SPA distinguido pelos seus 25 anos de casa, a explanação das suas funções não surge correcta: efectivamente, Jorge Lopes exerce actividade nos serviços gerais; quem está "ligado à área essencial do SGS, adquirido e Espanha", como erradamente ali surge, é Maria Manuela Baptista, cuja legenda vem imediatamente a seguir. Aos visados, pedimos as nossas desculpas.

SPA homenageia e evoca Jorge de Sena

Medalha de Honra da SPA entregue a título póstumo a cunhado do escritor



A Medalha de Honra da SPA atribuída a título póstumo a Jorge de Sena foi entregue a um representante da família do conceituado escritor, mais propriamente ao seu cunhado, tenente-coronel Freitas Lopes – irmão de sua mulher, Mécia Sena –, no passado dia 14 de Setembro, no Auditório Frederico de Freitas, da cooperativa.

Um momento emocionante, no final de uma sessão evocativa da obra de Jorge de Sena, em que o administrador-delegado da SPA salientou o seu simbolismo, lembrando que "esta foi uma forma de assinalarmos a data da partida do autor para o exílio prolongado [1959], do qual só agora regressou com a trasladação do seu corpo da Califórnia para Portugal [passados mais de 30 anos da sua morte] e ainda de assinalarmos a data em que completaria 90 anos [nasceu a 2 de Novembro de 1919]".

"É chegado o momento de nos (re)encontrarmos com um poeta cuja obra acusa longamente a 'dor de haver nascido em Portugal/ sem mais remédio que trazê-lo na alma' (Jorge de Sena, «Exorcismos»), conforme anunciava uma nota posta à disposição dos presentes à entrada da sala.

Reencontro com peregrinação poética

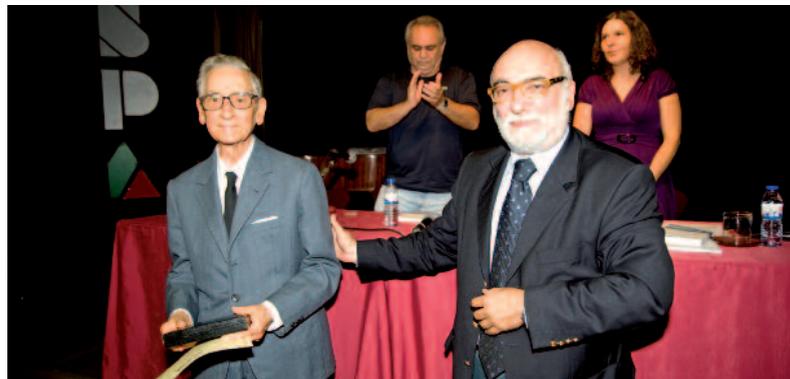
E foi, precisamente, numa conferência intitulada "Reencontrar Jorge de Sena - Peregrinação ad loca Poetica", proferida nesta sessão

pela investigadora da Universidade de Coimbra Dr.ª Teresa Carvalho, que a obra de Jorge de Sena foi evocada e analisada. Uma conferência apresentada de forma muito viva, recheada de analogias e entremeada com poemas daquele que a administração da SPA classificou num comunicado emitido a 9 de Setembro de "figura maior da cultura portuguesa do século XX". A voz de Joaquim Pessoa, também ele um poeta marcado por epítetos como "poeta do compromisso e panfletário" (ver entrevista nesta revista), convidado exactamente como figura simbólica, como referiu José Jorge Letria, combinou-se a dizer poemas de Sena com a análise da jovem especialista, que não só desfiou pormenorizada a obra do homenageado, numa peregrinação poética por uma suposta "casa" de Sena, como também decla-

mou extractos dos seus escritos. A finalizar, Joaquim Pessoa disse ainda os poemas "A Nau-sea", "Dona Urraca Tem Um Físico que Cura Toda a Maleita" e "Epitáfio".

A sessão integrou-se na homenagem prestada ao grande escritor com a trasladação dos seus restos mortais, no passado dia 11 de Setembro da Califórnia para o cemitério dos Prazeres, após missa na Basílica da Estrela, em que estiveram presentes algumas das mais destacadas figuras do Estado e da vida cultural portuguesa.

Mas foi com a voz embargada que o tenente-coronel Freitas Lopes, ao receber a Medalha de Honra da SPA para o seu cunhado, sócio desta cooperativa desde 1958 e cooperador desde 1978, poucos meses antes de morrer, a 4 de Junho de 1978, declarou: "Não fiquei mais



emocionado nessa altura. Aqui Jorge de Sena talvez esteja mais presente do que naquela cerimónia grande na Estrela!"

SPA quer reeditar teatro de Sena

"Nós não nascemos para morrer e enquanto houver memória não há morte nem esquecimentos, por isso esta é uma maneira de não esquecermos, neste caso, o grande autor que foi Jorge de Sena", salientou José Jorge Letria. O vice-presidente e administrador-delegado da SPA acrescentou que Jorge de Sena poderia mesmo ser "um presidente de honra da SPA a título póstumo", por tudo o que fez e representa na literatura portuguesa, uma das disciplinas fundadoras da cooperativa, e agradeceu a presença nesta evocação do professor Jorge Couto, director da Biblioteca Nacional de Portugal, depositária do espólio de Jorge de Sena, e, entre outros, de Jorge Vaz de Carvalho, um dos grandes cantores líricos deste país, que está a acabar o doutoramento com uma tese sobre a conhecida obra de Jorge de Sena "Sinais de Fogo".

Ao justificar a atribuição da Medalha de Honra a Sena, lembrou ainda que esta distinção (a terceira atribuída a título póstumo, desde que foi instituída, por ocasião do 80.º aniversário da SPA) é também dirigida a sua mulher, Mécia de Sena, "a incansável defensora e difusora das obras do seu marido", e enalteceu "o brilho, a capacidade de questionar e responder de Sena, mesmo que ele não tenha ido para o Panteão Nacional".

"Viveu apenas 59 anos, teve uma vida curta, mas hercúlea", relevou, enfatizando: "Obrigado pelo brilho da sua genialidade!".

José Jorge Letria disse ainda que a Jorge de Sena foi, entretanto, dedicado também um dos 36 painéis da exposição "A Celebração dos Autores", a inaugurar no dia 1 de Outubro e, a terminar a sessão, enviou um recado a Mécia de Sena, através do seu irmão ali presente: que, por sugestão do escritor António Torrado, possa a SPA, com a sua autorização, reencontrar Jorge de Sena como dramaturgo. "A SPA está em condições de reeditar o seu teatro menos conhecido", anunciou, lançando, desta forma, o desafio para mais este acto memorialista. ■ EE

"O meu 'A' também vai estar datado daqui a uns anos"

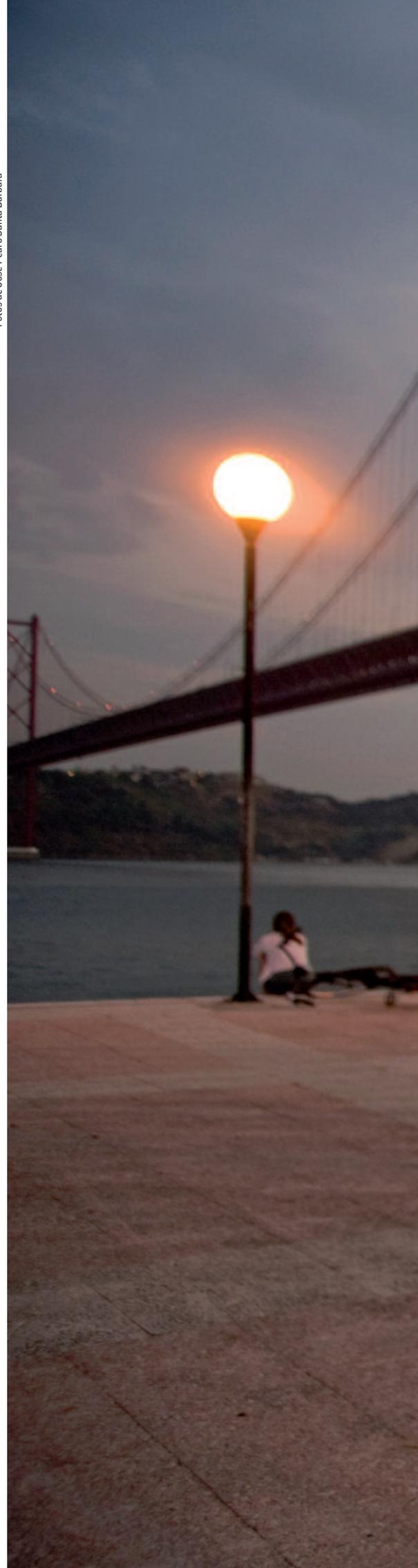
HENRIQUE CAYATTE

Quem inventou a expressão "as conversas são como as cerejas" só podia estar a pensar em Henrique Cayatte. Em pouco mais de uma hora, dá-se com ele a volta ao mundo, enquanto se vai desfiando um cerejal inteiro. Dos locais onde se come o melhor peixe fresco à amizade como "estádio superior das relações" humanas, centrou-se o diálogo, naturalmente, no novo logótipo da SPA, de sua autoria, ao fim e ao cabo, o pretexto para este encontro

Henrique Cayatte é um conversador nato, a tal ponto que nos perguntamos como consegue o silêncio necessário a fazer nascer as tais linhas curvas e rectas que dão forma a um projecto de *design*, seja ele na área editorial, que tanto prazer lhe proporciona, ou em qualquer das outras declinações da sua arte: é que 30 anos de carreira é coisa que dá para 'ir a todas'. Inclusive, aceitar o desafio que constituiu repensar o logótipo da SPA, e fazê-lo de raiz, por razões que explicou longamente.

"Havia duas hipóteses: Ou se partia da marca anterior – que está datada no tempo – ou se fazia uma mudança radical, como fizeram recentemente a Pepsi, ou a BP." No último caso, e na opinião do *designer*, os responsáveis pela transformação "foram ousadíssimos" e "só pioraram". Daí que Cayatte esteja, de uma forma geral, mais inclinado para seguir o exemplo de outras marcas, que "foram mudando gradual e subtilmente e foram mudando bem". Mas no caso da SPA, a equipa deparou-se desde logo com um

Fotos de José Pedro Santa Bárbara





obstáculo: descobrir o autor do logótipo até há pouco em vigor. Apesar de situar "inequivocamente" a marca "na transição dos anos 70 para os anos 80", o que significava que não teria ainda 40 anos, não foi possível até à sua decisão final atribuir a peça, o que resultou na necessidade de optar pela solução da alteração radical. É que, diz o artista, para escolher a mudança gradual, "é preciso que haja uma regulação do direito de autor. Porque a obra passa a ser compósita. Deve haver um respeito enorme pelo autor desta marca. Eu não posso, por uma questão de honestidade intelectual, pegar neste 'A' e fazer-lhe um carrapito e dizer a partir de agora passa a ser esta a marca". E mesmo agora, com o novo logótipo, totalmente diferente do anterior, a tomar posse, seria, no seu entender, "importante que a SPA honrasse a pessoa que fez este trabalho".

"OS GOSTOS DISCUTEM-SE, SIM"

O autor fez questão de oferecer o logótipo à SPA, tendo desde o início feito a ressalva de que os seus interlocutores deviam sentir-se totalmente à vontade para recusar as suas propostas. É preciso, defende, "manter as regras do jogo claras, pois isto pode sempre chegar a um sítio que é um beco sem saída". O mais importante, na sua opinião, é fazer-se uma verdadeira discussão, que não se centre no "gosto/não gosto". Ao contrário do que diz o povo, Cayatte pensa que "os gostos discutem-se, sim". E que o argumento de mais peso não é o das questões estéticas – embora sempre que possível se deva "juntar o útil ao agradável" –, mas sim o saber se a proposta apresentada "cumpre ou não cumprir".

Do discurso do *designer* sobressaem algumas recorrências, como a da importância que atribui ao "interlocutor que começa por ser, entre aspas, o cliente ou o nosso par que está do outro lado da mesa a integrar uma equipa".

Parece ser central para este autor o diálogo no seio da equipa, na qual o cliente tem um papel preponderante: "Se não temos um interlocutor do lado de lá, não temos nada. Não temos logótipo da SPA, não temos a capa de um livro, um cartaz, uma exposição. E esse interlocutor tem de ter instrumentos, ferramentas, e, na minha opinião, uma das mais importantes é o humor, porque é algo que nos faz logo perceber se há um determinado patamar de inteligibilidade entre as partes."

E dá o exemplo do presidente de um grande grupo a quem, a determinada altura, e tendo chegado a um beco sem saída na escolha das cores para um logótipo que já estava decidido, enviou um cartão: "Propus – e era preciso haver humor para perceber isto – uma *joint venture* entre o conglomerado empresarial dele e o meu pequenino atelier com 11 pessoas. Tratava-se de deixar naquela marca a cor dominante do grupo dele e a cor dominante do material estacionário do meu atelier – um determinado tipo de azul. E assim ficou! Sei que quando ele abriu o envelope e leu o cartão desatou à gargalhada".

"Já não posso ver os ecrãs!"

E se as relações humanas parecem ser o cerne de todas as questões, mesmo – sobretudo? - as do *design*, faz todo o sentido que se ponha em causa o domínio que a informática tem actualmente sobre as nossas vidas. "Já tive, como toda gente, o meu momento de fascínio com os ecrãs, e já estou do outro lado, estou na náusea. Já não os posso ver! Eles invadem os espaços públicos, invadem os espaços expositivos, invadem o nosso ambiente doméstico, o nosso ambiente de trabalho, e há um gravíssimo equívoco hoje: é que o essen-

cial da comunicação, da informação tem de passar por ecrã. Não tem. Uma boa história contada a crianças numa biblioteca ultrapassa sempre a mesma história contada no ecrã, por muito bons que sejam os desenhos, por muito boa que seja a interactividade."

Também as actuais "redes sociais" merecem por parte de Cayatte um reparo, algo irónico: "O não sei quantos quer ser teu amigo. Meu amigo?! Amigo é um estádio superior de relação entre as pessoas! Penso mesmo que é o mais alto!" É que, para o *designer* que se interroga constantemente sobre o seu próprio papel, o computador e seus programas não passam de um instrumento. "Picasso dizia uma coisa interessante, quando a seguir à guerra se começaram a construir auto-estradas: 'É boa ideia, mas onde está o dinheiro para comprar os carritos para pôr em cima das auto-estradas?' E, hoje em dia, os miúdos pensam que recorrendo aos *photoshops* da vida vão construir imagens, quando eles não têm nada para lá pôr! 'Vou desenhar uma linha recta' ou 'vou desenhar uma linha curva' ou 'vou desenhar uma garrafa', não importa! Se eles não disserem isso, e só depois é que o *software* pode entrar para ajudar a formalizar, a pormenorizar ou até a pesquisar, não serve de nada!"

"OS DESIGNERS TÊM UM PAPEL SOCIAL"

Pensa que "os *designers* têm hoje um papel social incontornável". "Tanto os de comunicação, multimédia e gráfico quanto os de equipamento, produto..." e que "sobretudo, é uma profissão que está a ver as fronteiras mudar." Aliás, "Frontei-

“ O argumento de mais peso não é o das questões estéticas – embora se deva 'juntar o útil ao agradável' –, mas sim o saber se a proposta apresentada 'cumpre ou não cumprir' ”

ra em Movimento" foi precisamente o nome dado a um grande congresso internacional organizado em meados dos anos 90 na Gulbenkian.

Henrique Cayatte dedica especial atenção às questões teóricas do design, ao questionamento do seu papel no mundo. "Estamos a ser bombardeados, brutalizados de todas as maneiras e feitos e a economia da atenção a ressentir-se. É certo que o dia continua a ter 24 horas, mas ele de facto não tem 24 horas! Não tem de *jure* 24 horas. Dormimos menos, aceleramos mais, temos 50 mil impulsos fragmentados e somos vítimas dessa fragmentação, porque a informação chega-nos de um espectro imenso, mas também emitimos para um espectro imenso".

PERFIL



Designer e ilustrador
de primeira água

Alfacinha nascido em 1957, Henrique Cayatte define-se como designer e ilustrador. É, desde 2004, presidente do Instituto Português de Design e tem estado envolvido, ao longo de uma carreira de 30 anos, nalguns dos projectos mais importantes da área, tanto a nível nacional, quanto internacional. Recentemente, desenhou o Passaporte Electrónico Português e o Cartão de Cidadão. Responsável pelo design dos Pavilhões de Portugal nas Expo 98 (Lisboa) e 2000 (Hannover), foi ainda ele que, em conjunto com o arquitecto italiano Pierluigi Cerri, desenvolveu o sistema de sinalética e comunicação da Expo 98. É autor de inúmeros textos e comunicações sobre design em todo o mundo e, desde 2004, professor convidado na Universidade de Aveiro.

É notório o seu gosto pela área editorial, tendo ganho inúmeros prémios de ilustração, para além de ter assumido o lugar de director gráfico em diversas editoras. Fundador do jornal Público e autor da sua imagem global, foi ainda responsável pelo grafismo e ilustrador neste diário até 2000. É também autor do design da revista Ler, do Diário de Notícias e do jornal O Jogo. Com a revista Egoísta, de que é fundador e Art Director, ganhou já mais de três dezenas de prémios. Para além do Prémio Nacional de Design que foi seu em 1999 e em 2003, recebeu por mais de uma vez o Prémio de Ilustração da Fundação Calouste Gulbenkian.

Um dos (vários) projectos nos quais se encontra envolvido actualmente diz respeito ao design para o núcleo arqueológico do Castelo de São Jorge em Lisboa, cujo edifício novo é da autoria do arquitecto Carrilho da Graça com a colaboração do arquitecto paisagista João Gomes da Silva. MZ ■



Neste contexto, é de opinião, que "o *designer* tem como umas das suas missões, o tentar construir mensagens – uma cadeira é um objecto comunicacional, um telemóvel, um candeeiro – construir objectos de comunicação num sistema cada vez mais complexo". E critica a sua classe, afirmando "ver muito poucos *designers* a olharem para o lado": "Vejo-os a olharem para as grandes capitais dos países desenvolvidos, onde está a grande indústria, o grande consumo, a grande mediatização. E muito poucos, quase nada, a pegarem no seu saber e, mesmo assentando arraiais na cidade onde sempre viveram, trabalharem em rede para tentarem ajudar a suprir problemas como há tantos no mundo inteiro para resolver!" Refere a "busca da água, do ensino, da sobrevivência". A busca de bens essenciais, "da alimentação, da habitação". E dá

o exemplo extraordinário do *designer* "que desenhou uma capa de plástico, com bolsas por fora num sítio onde não há água: as bolsas permitem armazenar água no próprio corpo. Isto, como raciocínio é uma coisa tão básica!" E como as conversas são como as cerejas, regressa ao logótipo que criou para a SPA: "Fiquei muito contente e orgulhoso por me terem convidado. Foi um processo divertidíssimo! Quando nos rimos muito é muito bom sinal." Sabe, contudo que, tal como a marca anterior, um dia a sua será substituída, e encara bem o facto: "O meu 'A' vai estar datado daqui a uns anos. O *designer* tem de estar preparado para aceitar que o seu trabalho é efémero. Tudo é efémero."
 ■ **Myriam Zaluar**



Novo logótipo

Henrique Cayatte desenha nova imagem da SPA

Vamos passar a ter um novo logótipo da autoria do *designer* Henrique Cayatte, um dos mais destacados criadores desta área artística a nível europeu, cujo nome está ligado a trabalhos tão diversos como a Expo 98 ou o novo passaporte português.

A nova imagem gráfica da SPA, que entrará de forma gradual em todos os suportes comunicacionais da instituição, foi apresentada no final da festa comemorativa dos 84 anos de vida da cooperativa e do Dia do Autor Português pelo próprio Henrique Cayatte, que ofereceu este trabalho à Sociedade Portuguesa de Autores, de que é associado desde os anos 80 [vide revista "Autores" N.º 22].

Esta nova imagem, conforme o *designer* explicou na ocasião, assenta no conceito dominante de Autor, o que faz com que a sua base seja um A em tom *bordeaux*, completado com as palavras "SPAutores" e "Sociedade Portuguesa de Autores". Tem como versões principais as que aqui são mostradas.

Deste modo, a SPA, no quadro de um processo de modernização global da cooperativa, deixará de utilizar o antigo logótipo, que teve a sua época e cumpriu a sua função durante muitos anos, passando a utilizar, a nível nacional e internacional, uma nova imagem facilmente identificável, que contribuirá para se evitar a associação da sigla ao conceito de equipamentos (SPA) de manutenção física, tratamento termal etc.

A SPA orgulha-se de ficar com o nome de Henrique Cayatte associado à criação desta nova imagem, o que constitui mais uma garantia de prestígio para a cooperativa dos autores portugueses.

O homem dos sete instrumentos

Com uma carreira de 25 anos, Licínio França é compositor, músico e também uma das caras recorrentes de inúmeras séries e telenovelas. Recentemente, deu vida à personagem Aventino em "Flor do Mar", em exibição na TVI, embora também seja presença frequente nos ecrãs da SIC e da RTP.

sem alguma coisa para mim". O artista tem também na manga um conjunto de canções prontas a serem editadas e anda em busca de "um apoiozinho de 2000 euros" para gravar o próximo CD. O último, "Eterno Apaixonado", data de 2006.

ESTREIA COMO AUTOR-COMPOSITOR EM 1975

Artista multifacetado, Licínio França estreou-se em 1975, como autor-compositor e intérprete, tendo logo nesse ano ingressado na SPA. Venceu o III Festival da Canção de Lisboa e, em 1980, viu o tema "Mensagem de Paz e Amor", de sua autoria, ser aprovado para o Festival RTP da Canção. A sua carreira de actor iniciou-se em 1983 no musical "Annie" e em 1988 estreia-se na televisão a convite de Nicolau Breyner no programa "Eu Show Nico". Desde então, tem sido pre-

sença assídua em variadíssimas séries, para além de subir frequentemente aos palcos.

No teatro de revista acumulou por diversas vezes papéis com a escrita de canções, tendo assinado o tema de abertura de "Lisboa Regressa ao Parque", entre outros. Evaristo, da novela "Filha do Mar" e Fátima Figueiras, da revista "Vai para Fora Vai Dentro", são algumas das personagens que mais gostou de representar e que mais sucesso fizeram junto do público.

Mas Licínio França também recorda com saudade as muitas vezes em que levou as suas canções ao Canadá, França e aos Estados Unidos, país onde durante seis anos seguidos se deslocou para levar à diáspora portuguesa a nossa cultura e actualidade através de espectáculos de minirrevista. O artista garante que, entre a música, o teatro e a televisão não tem preferências. O que ele quer é trabalhar... ■ **M.Z.**

Mas a vida não tem sido fácil para este lisboeta de 55 anos. Depois da sua separação da actriz Noémia Costa, com quem esteve casado ao longo de duas décadas, passou um período muito complicado, ao qual se veio somar a falta de trabalho, de dinheiro e até de um tecto condigno. Felizmente, a oportunidade de voltar à TV como Aventino veio reavivar a esperança de que os dias maus estejam a chegar ao fim. Até porque a personagem fez sucesso junto do público: "Há dias, uma senhora de 81 anos reconheceu-me na rua e quis logo imitar-me a fazer o Aventino", conta, orgulhoso. "Eu estou com fé", confessa. "Falei com o Nicolau, com o Tozé Martinho, e ficaram de me chamar assim que tives-

“ Entre música, teatro e televisão não tenho preferências. O que eu quero é trabalhar



Fotos de José Pedro Santa Bárbara



“Os Meus Livros” e a SPA organizam ciclo de debates “Com Todas as Letras”

Livros, autores e editores são objecto de debate no ciclo “Com Todas as Letras”, promovido pela revista “Os Meus Livros” – uma revista portuguesa independente dedicada ao mundo dos livros – e pela Sociedade Portuguesa de Autores.

A decorrer desde 15 de Setembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no edifício 1 da SPA, à Avenida Duque de Loulé, 31, em Lisboa, o ciclo abriu com a sessão «O Regresso: Tendências, Previsões e outros Riscos», com o objectivo de, ao iniciar-se ano escolar, tomar o pulso ao que se editará nos próximos tempos, perceber porquê e com que linhas se coserá a edição portuguesa. Em tempos de mudança, quatro editores que bem conhecem a realidade portuguesa levantaram a ponta do véu. Na segunda sessão, a 29 de Setembro, intitulada «Audiolivros: O Som das Palavras» – um tema muito oportuno que surge

entre as grandes transformações a que o mundo dos livros tem conhecido com a crescente adesão aos audiolivros – debateu esta questão do ponto de vista da crítica, dos novos critérios que levantam este tipo de edição e das possibilidades que ela oferece, dando voz às editoras, a quem já gravou, a quem trabalha na divulgação de livros e a quem conhece a experiência alemã.

As próximas sessões – todas sempre às 18h30 no mesmo local – seguem o seguinte programa: dias 13 e 27 de Outubro – Romance Histórico: «O Passado Revisto» e «FC e Literatura Fantástica: O Reinado da Imaginação»; dias 10 e 24 de Novembro – Editar sem Editora: «Quem faz o quê?» e «Livrarias de ontem, Livrarias de hoje, Livrarias de sempre»; e dia 9 de Dezembro 2009 – «Um Balanço com Balanço».

SPA passa a contemplar uniões de facto em caso de falecimento de cooperadores

A Direcção da SPA, por proposta da Administração, aprovou por unanimidade, na reunião do passado dia 7 de Julho, o alargamento do regime previsto estatutariamente para os cônjuges sobreviventes de cooperadores às situações de união de facto.

Deste modo, aplica a SPA o que a lei geral prevê sobre o assunto, convicta de estar a praticar um acto de justiça que vai ao encontro das preocupações e interesses de um grande número de cooperadores.

Nos termos que a lei determina, podem os abrangidos por este regime ser habilitados como herdeiros, solicitar assistência no funeral e receber 50 por cento do valor do subsídio estatutário.

Cooperadores podem lançar obras suas na SPA

Os cooperadores da SPA podem solicitar a utilização do Auditório Frederico de Freitas, no edifício 1, para o lançamento de obras de sua autoria, desde que os respectivos contratos tenham sido celebrados pelos serviços jurídicos da cooperativa.

Esse espaço pode ser utilizado sem qualquer encargo para o cooperador e de acordo com as disponibilidades de calendário, devendo os pedidos ser remetidos para o Departamento de Acção Cultural e Relações Externas (DACRE) da SPA.

A SPA aumenta a comparticipação nos custos do funeral

A Direcção da SPA aprovou por unanimidade, por proposta da Administração, o aumento para 1000 euros (mil euros) do montante da comparticipação nos custos do funeral de cooperadores.

Esta decisão levou em conta a actual situação de crise, com as dificuldades dela decorrentes para os agregados familiares.

O aumento agora aprovado corresponde, sensivelmente, a mais 50% do que o valor que vinha a ser praticado nestas situações e que rodava os 500 euros.

Protocolo de saúde para os autores

Do abrigo do protocolo estabelecido entre a SPA e a Casa da Imprensa, está aberta a possibilidade de adesão dos nossos autores ao serviço de cuidados de saúde daquela instituição. Mediante o pagamento de uma jóia de 20 euros e a mensalidade de 6 euros. A adesão a este serviço destina-se a autores cuja idade seja inferior a 45 anos. Para mais informações consultar: www.casadaimpresa.pt.

GRIFE A: Plano de contingência

A SPA está a ultimar um plano de contingência em relação à gripe A, cujas acções de prevenção já se encontram a ser desenvolvidas nos dois edifícios da cooperativa. Este plano inclui um programa de vacinação em moldes a definir, destinado aos funcionários.

Deste modo, a SPA, atenta à realidade nacional e internacional neste domínio, pretende salvaguardar a saúde dos seus funcionários e assegurar o funcionamento dos serviços, caso a situação de pandemia venha a concretizar-se, como tudo leva a crer que virá a acontecer.

Os editores são **parceiros preferenciais** dos autores de música

A partir de Janeiro de 2011, os editores musicais passarão a fazer parte da Direcção da SPA. Assim se cumpre o acordo firmado entre a associação internacional de *publishers* (como são conhecidos os editores internacionalmente) e a associação europeia de sociedades de autores. Para dar a conhecer melhor os mais antigos parceiros dos autores de música, falámos com Carlos Marques, da Universal Music Portugal, delegação portuguesa da Universal Music Publishing, líder no mercado mundial que representa autores como U2, Elton John, Prince e Henry Mancini.

O que é um editor musical?

A figura do editor musical surge com as primeiras edições de música em papel. Aí, o editor era o parceiro comercial do compositor, encarregando-se de publicar as suas obras e de as comercializar junto dos músicos amadores e profissionais, das orquestras, etc. Com o tempo, os autores e compositores musicais, bem como, mais tarde, os produtores fonográficos, desenvolveram os campos de colaboração com os editores dando origem àquilo que hoje se chama indústria musical.

Como se processa o trabalho entre um autor de música e um editor musical?

O editor deve trabalhar muito próximo do autor, primeiro como consultor de mercado, apontando caminhos onde as suas obras poderão colher mais sucesso, depois, quando a obra é produzida, tratando do seu registo em Portugal e no Mundo. A partir daí, procura formas de exploração patrimonial das obras que lhe são entregues. Por exemplo, encontrar-lhe um produtor fonográfico interessado na sua publicação, colocá-la em filmes, telenovelas, interessar intérpretes nacionais ou estrangeiros na sua utilização. Com as grandes alterações que estão a dar-se no mercado da música, prevejo um aumento da importância dos editores, como parceiros preferenciais dos autores para a exploração e aplicação das suas obras. Num futuro em que o álbum tende a desaparecer e a música será vendida canção a canção, creio que esta parceria tende a reforçar-se.

Um editor musical que está ligado a nível empresarial a um produtor fonográfico – caso da Universal – representa todos os autores gravados no seu parceiro de empresa, a maior parte deles ou uma minoria?

Não há, nem houve, por tradição, grande ligação entre os dois. Nós representamos autores de outros produtores fonográficos, enquanto muitos dos autores gravados pela Universal trabalham com outros editores.

Portanto, um autor que grava para um produtor independente ou em autoprodução pode trabalhar com um editor ligado a uma multinacional, que será tão bem trata-

do como qualquer outro.

Claro que será. Aproveito para lembrar que hoje, mais do que nunca, todos os intervenientes na indústria musical – autores, artistas, editores, agentes, produtores fonográficos, sociedades de gestão colectiva – têm de estar mais unidos do que nunca.

“FALTA DE TRADIÇÃO EM PORTUGAL”

Em Portugal, existe cerca de uma dúzia de editores musicais, na Bélgica são mais de 60, na Dinamarca andam pelos 150, e o mesmo se passa em outros países da Europa. O pequeno número de editores existente entre nós deve-se a termos um mercado pequeno, ou ao facto de os nossos compositores ainda não terem ganho o hábito de trabalhar com editores?

Há, realmente, uma falta de tradição de editores em Portugal. Mas, simultaneamente, existe o facto de, entre nós, uma grande parte dos intérpretes serem também autores das obras que interpretam. Assim, um dos trabalhos mais importantes do editor, o de encontrar o melhor intérprete para uma canção, fica à partida desvalorizado. Parece-me que também tem importância o facto de, até muito recentemente, os editores não terem na Sociedade Portuguesa de Autores os mesmos direitos dos autores que representam. Gostaria, aliás, que fosse adoptada uma denominação seme-



Num futuro em que o álbum tende a desaparecer e a música será vendida canção a canção, creio que esta parceria [editores/autores] tende a reforçar-se



Fotos de José Pedro Santa Bárbara

“ Entre nós, uma grande parte dos intérpretes são também autores das obras que interpretam. Assim, um dos trabalhos do editor, o de encontrar o melhor intérprete para uma canção, fica à partida desvalorizado

Lhante à de outros países, nomeadamente aqui dos nossos vizinhos, cuja Sociedade se chama de Autores e Editores. Também não existe ainda o hábito, corrente em outros países, de que quem precisa de uma música – um agente de publicidade, um produtor de filmes etc. – ir procurá-la junto de um editor.

“EDITORES PASSAM A INTEGRAR DIRECÇÃO DA SPA”

Como vê o trabalho entre a SPA e os editores, quer informalmente até às próximas eleições, quer, a partir daí, com a presença formal na direcção da cooperativa?

Queremos ajudar a que os direitos dos autores que representamos sejam cada vez mais bem defendidos e ajudar a que o funcionamento da SPA melhore, que os critérios de distribuição vão sempre melhorando e, tanto quanto possível, correspondam à real utilização das obras. Isto é mais importante pelo facto de o mercado estar a ser cada vez menos de álbuns e cada vez mais de canções soltas. Importante também será melhorar a informação que sai da Sociedade para os autores, permitindo-lhes seguir com o máximo de precisão a utilização das suas obras.

Como argumentaria com um autor que costuma tratar da comercialização das suas obras para o levar a trabalhar com um editor?

autor é, geralmente, uma pessoa talhada para actividades criativas e não administrativas. Deverá, então, deixar estas para quem é profissional, podendo dedicar-se exclusivamente a compor. Toda a parte burocrática da defesa e promoção de uma obra musical é cada vez mais especializada e necessita de um acompanhamento que tem de ser feito por profissionais a tempo inteiro. ■ **Pedro Osório**



Revisitando as palavras dos autores

A partir deste número, a "Autores" começa a recuperar nesta secção, a que demos o nome de "Memória SPA", um conjunto de artigos publicados nesta revista, desde a sua criação, em meados de 1958, ainda sob a forma de boletim, assinados por grandes nomes de autores portugueses, todos já falecidos. Trata-se de "revisitar estas palavras sábias e sem tempo, mesmo sendo datadas, com a convicção de que, deste modo, acentuamos, uma vez mais, o papel referencial da Sociedade Portuguesa de Autores na história e na vida culturais do nosso País", segundo a Direcção da SPA, no prefácio que escreveu em Setembro de 2007, para justificar a edição de uma antologia denominada "As Palavras dos Autores", que não chegou a ser difundida pela cooperativa por razões técnicas.

Com a recuperação desses artigos de autores destacados e prestigiados da cultura portuguesa do século XX, agora nesta

secção da nossa revista, "a SPA pretende levar por diante a preservação e difusão de uma memória colectiva que pertence a todos os autores portugueses e, conseqüentemente, à cultura portuguesa", percebendo-se, ao lê-los, "a importância da SPA como instituição cultural de referência, ao longo de mais de oito décadas".

Na realidade, relembrar textos de personalidades como Aquilino Ribeiro (com que abrimos), Ferreira de Castro ou Joly Braga Santos, já desaparecidos mas sempre presentes, "é um acto de cultura que permite devolver aos leitores em geral reflexões cuja intemporalidade lhes permite resistir à voragem do tempo e ao esquecimento dos homens".

"Estas são, no sentido mais amplo e profundo do termo – sublinha a direcção – palavras de autores, e palavra de autor é para ser respeitada e dignificada. Sempre."

O OFÍCIO DE ESCRITOR *

Por Aquilino Ribeiro

O espírito no mundo, essa flor rebelde, que dia a dia derrotava todos os moldes e preceitos da botânica mental, está doente. O homem é um belo ser racional, mas para o ser convém que o deixem exercitar-se na racionalidade a seu bel-prazer. Por amor da beleza e da salvação de todos deixem-no à solta! Há ainda a ter em vista que falta fôlego e paciência, senão génio, aos escritores de hoje para que se espere deles Salambôs. E a razão é simples. Um livro, mesmo um livro mau, é mais difícil de fazer que um prédio moderno de dez andares, salvo seja a opinião de uma minoria de senhores mestres-de-obras, íamos a dizer de muitos daqueles que se ocupam com tais magnitudes. Um livro, visto na sua medula espiritual, bem entendido, saiu todinho, como se diz nas trovas à viola, da cabeça do autor. Ele é o arquitecto e alvenol do seu edifício, sempre presente, sempre ele desde o alçado até o último reboco da obra, a começar pela arrumação das ideias e das palavras, as quais, ao contrário da murrça, do cimento, da pedra, materiais uniformes, invariáveis e análogos, têm de ser o mais variadas e inéditas possível, possuir cor e toque que as imponham ao público está-semaribandista, palavra de fôlego germânico e também do meu barbeiro. Quantas semanas, quantos meses não consome nessa tarefa tão fluida e meticulosa, dobrado sobre o papel, enquanto na rua os automóveis rodam, as mulheres passam no seu passo saltitado a dizer: repare como somos bonitas!, o Sol lança um desafio constante: vem cá para fora, que tudo isso é quimera! - e tem vontade de mandar a pena para os quintos! E se não a manda tantas vezes quantas lhe apetece é porque o escritor, como homem de hoje que se preza, é feito de teimosia, tenacidade, luta contra si e contra todos. Não é que a cada momento se vê a afirmar-se: sou eu, e das duas posições, a conforme e a contrária, opta sempre pela contrária? Pois que é originalidade senão isso? A glória, que Gautier simbolizava numa caveira cingida por uma coroa de ouro e rosas, é ainda susceptível de reter o escritor aos varais? Bah, a glória é uma pécora engraçada que, depois de o haver prendido pelo beicho nos verdes anos, acabou por deixá-lo e fugir com o homem das calças pardas. O Mundo, em geral, vive a vida fácil para que a Natureza criou o homem, bronco, estúpido, sensual e comilão. O escritor voltou costas a essas regala-

das representações da humanidade feliz. Mas compreendem-no? Reconhecem-lhe o sacrifício?

Quantos me perguntam: - "Está rico?" - Respondo:

- "Fabulosamente rico e subo por escadote de ouro para a cama". O nosso semelhante, produtor de cortiça, grande moleiro ou grande tecelão, mestre-de-obras que constrói casas para vender, arquitecto de palácios que não habita, funcionário de banco que manuseia milhões que não são seus, a menina que deslumbra o Chiado com a sua graça e enriquece as casas de modas com a aquisição de atavios que a tornam mais sedutora, não sentem nem compreendem nem se importam de compreender a obra tantállica do escritor. Não porque tantas vezes lhes falte inteligência, mas porque a tarefa dele é de natureza hermética e só ele sabe bem as linhas esbraseadas com que se cose.

A literatura é uma profissão em toda a parte do Mundo. Não vale a de treinador de futebol, certamente, nem a de banqueiro. Mas, em suma, permite a Hemingway ter um avião seu e dizem que um serralho no Egipto e uma "finca" em Cuba. Mas este felizardo nasceu na América. Nós, os homens de letras que nascemos em Portugal, terra das meias solas e do "não deite fora, que é mal empregado", não possuímos tal procipiação.

Camilo criou o mester, montou pela primeira vez em Portugal oficina especial, mas clientela foi coisa que não inventou. Até o seu advento as edições custeava-as o autor do bolsinho particular ou do bolso dos Mecenas a quem eram dedicadas. Assim procedia Garrett, dirigindo-se depois a este e aquele: Aí vão seis exemplares da "Lírica de João Mínimo". Se os puder colocar é favor. A literatura, sobretudo a poesia, era uma especulação mais ou menos parasitária à margem dos fastos natalícios, dos bródios dos reis e dos fidalgos. Vivia entre os bons arrotos dos príncipes. O poeta com a mão direita ofertava o acróstico ou o exemplar em pergaminho, com a esquerda recolhia para debaixo do gibão a galinha assada.

Os cronistas eram escrivães da puridade. O nome advertia: desempenhavam funções de registadores dos actos e façanhas dos reis, mas só o que lhes convinha. Às vezes estes seus criados escreviam com boa gramática e sainete. Sucedia-lhes como

aos tabeliães que, à força de rasbiscarem escrituras públicas, acabavam, quando tinham vocação, por fazer lindas letras enramalhadas e arabescos preciosos e inimitáveis.

Mas, como íamos dizendo, Camilo criou a profissão, mas a freguesia foi-lhe sempre escassa. A Nação não sabia ler, nem estava apta para digerir outra coisa que não fosse a Princesa Magalona. A sua facúndia de escritor representa a luta que travou com o meio a fim de comercializar o seu mester. São antinómicos arte e comércio? Nas sociedades cultas, e que ultrapassaram a fase pré-rafaelista, são perfeitamente compatíveis. Tolstoi refez o património mercê dos benefícios das suas edições; Anatole France deixou um bom pecúlio amassado de direitos de autor. Outros enriqueceram e gozaram bem a vida. O homem de letras é naturalmente príncipe e perdulário. Dêem-lhe dinheiro, que ele saberá gastá-lo. Dêem-lhe dinheiro se querem que ele encontre um dos incentivos que necessariamente o obrigarão a produzir. Com o incentivo virá a paixão, a euforia e até, justos céus!, o ambicionado talento.

Por todo o fim do séc. XIX e durante o séc. XX foi-se criando em Portugal um público curioso, ilustrado, que entre outros recreios espirituais contava o gosto de ler. Subitamente estalou a guerra e tresmalhou este público. Após a guerra surgiu a rádio, o cinema, a televisão, o futebol, o automóvel com o seu dispersivo. - "Quantos leitores me restam?" - perguntava há dias Céline, o répbobro.

A literatura e as artes são todavia, até que se invente melhor ou até que acabe de se virar o Mundo do avesso, o ornamento das pessoas, e quem diz das pessoas diz das nações. Para que possa exercer a sua missão, o escritor carece de liberdade, de estímulo, de paz, do reconhecimento público, para não dizer do galardão público, para uns de índole material, para outros sobretudo de ordem estética. Quando se se tiver recriado essa atmosfera propícia e ele for tido, havido e considerado como obreiro de civilização, pode ser que haja escritores em Portugal, mesmo escritores a dar com um pau, pois que é da massa de Camilo que eles se fazem. Mas que o deixem à solta.

* *Boletim Autores*, n.º 12, Primavera de 1961, pp.18-19



Na 95.ª sessão do ciclo "A Dramaturgia e a Prática Teatral"

São José Lapa apresenta o Espaço das Aguncheiras

"Um oásis a 45 minutos de Lisboa". Foi assim que a actriz e encenadora São José Lapa apresentou, entusiasticamente, o Espaço das Aguncheiras, uma cooperativa multidisciplinar de que é mentora e promotora desde 2004, na Azóia (Sesimbra), e que já envolveu de forma directa, até agora, mais de duas centenas de pessoas num processo de intervenção cultural inédito.

Normalmente, com início ao pôr-do-sol, os espectáculos que o grupo de São José Lapa realiza no espaço de 3 hectares desta quinta paradisíaca com vista para o Cabo Espichel, levam até ali muita gente da região e de fora de "portas", havendo sempre "casa" cheia. Mais concretamente, "terra" cheia, já que todos eles são ao ar livre. O preço de entrada é apenas de 5 euros, com direito a cadeira e... a manta, no caso de um entardecer mais frio na quinta.

A apresentação do Espaço das Aguncheiras constituiu o cerne da 95.ª sessão do ciclo "A Dramaturgia e a Prática Teatral", coordenado por Jaime Salazar Sampaio, e foi com a leitura de um texto deste dramaturgo, feita pelos actores Inês Lapa Lopes, António Paiva e Rui Pedro, que São José Lapa deu por encerrada a apresentação do seu projecto, no passado dia 30 de Setembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no edifício 1 da SPA.

COOPERATIVA VOCACIONADA PARA A EXPERIMENTAÇÃO

O Espaço das Aguncheiras é uma coopera-

tiva, cujo objecto social da sua actividade é a criatividade, a difusão, a informação, a dinamização e a animação cultural, contando apenas com um subsídio da Câmara de Sesimbra, com quem mantém um protocolo, sobretudo para levar o teatro às escolas da região. Recebe 30 mil euros por ano da autarquia, mas segundo contou, não chega para as actividades que procura efectivar, sobretudo porque ali não existem infra-estruturas e tudo é muito mais difícil de levar a cabo. Por exemplo, não há electricidade, tendo de utilizar sempre geradores...

O núcleo base da cooperativa é constituído por São José Lapa (Escola Superior de Teatro), mentora, promotora, actriz e encenadora; Inês Lapa Lopes (Escola Superior de Belas-Artes e Conservatório Nacional de Música), escultora, cenógrafa, actriz e música; João Paiva (Faculdade de Letras de Lisboa), historiador, professor e técnico superior da CIG e actor; Isabel Martins (Escola Superior de Educação), educadora de infância e actriz; e Rui Pedro (Escola Superior de Teatro), encenador e actor. Porém, em todos os espectáculos efectuados têm participado, não só jovens da região, muitos deles que ali se iniciaram, como também, cada vez em maior número, vários profissionais.

Durante 17 anos, São José Lapa, foi actriz residente do Teatro Nacional D. Maria II, onde cimentou a sua carreira de actriz e encenadora, tendo saído para, em conjunto com a sua filha, Inês Lapa Lopes, fundar a Deculta, Desenvolvimento Cultural das Aguncheiras, embrião do Espaço das Aguncheiras.



ADAPTAÇÃO À REALIDADE ACTUAL

O Espaço das Aguncheiras é, no fundo, um espaço de trabalho vocacionado para o acolhimento de artistas jovens em acções de formação ou criação/produção, baseado nos princípios da experimentação e da transmissão de conhecimento, nomeadamente ao nível da "preservação e recuperação do que for possível, e de fazer (r)existir o que for necessário".

Cursos de formação baseados na agricultura bio-dinâmica, por exemplo, misturam-se com o ensino e difusão do teatro, da dança, da mímica, do canto, numa multidisciplinaridade sustentável aproximada da contemporaneidade, e mostrando que os autores de renome como Shakespeare, Beckett ou Pinter podem chegar ao grande público.

O primeiro espectáculo feito pela cooperativa foi, exactamente, "Sonho de Uma Noite de Verão", em 2006, um êxito que contou com mais de mil e quinhentas pessoas em seis representações, e o último "O Rancor", de Hélia Correia, ao qual estiveram presentes, entre muitos outros espectadores, dez professores especializados em cultura grega do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Segue-se um trabalho com jovens da Quinta do Conde, o "Romeu e Julieta" adaptado à realidade actual por São José Lapa e Inês Lapa Lopes com a ajuda de João Paiva, em que se destacam a violência doméstica, a sexualidade e a igualdade de género.

E projectos vários há muitos mais: encontro com escritores e autores diversos; cozinha colectiva com produtos da terra; e a formação de uma casa eco-criativa.

Enfim, um "mundo" criativo sem limites, como a terra que pisam e o oceano imenso que a bordejia. ■ **Edite Esteves**

"Ary dos Santos – A Força da Poesia"

Prolongada até meio de Setembro a maior exposição dedicada ao poeta

Inicialmente prevista para estar patente durante cerca de um mês, a exposição "Ary dos Santos - A Força da Poesia", patente desde 23 de Abril, na Galeria Carlos Paredes da SPA, "a maior exposição até hoje dedicada ao poeta", conheceu um sucesso assinalável, pelo que a Direcção da cooperativa decidiu prolongá-la, primeiro até final de Julho, e depois até meados do mês de Setembro. O seu encerramento ocorreu no passado dia 1 de Outubro, com a inauguração de outra grande exposição retrospectiva – "Celebrar os Autores, Celebrar a Cultura" –, de que damos conta noutra página desta edição.

A exposição sobre Ary dos Santos, que assinalou a passagem do 25.º aniversário da morte do poeta, ocorrida a 18 de Janeiro de 1984, foi complementada com evocações relacionadas com o autor levadas a efeito na SPA, nomeadamente a declamação de poemas seus pelos seus pares Joaquim Pessoa e José Fanha, no dia 4 de Junho.

Constituída por cerca de três dezenas de painéis com fotografias, textos e outros documentos, e por vitrinas com objectos relacionados com a vida do poeta, esta exposição foi a maior até hoje feita sobre o autor de "As Portas que Abril Abriu". Coordenada pelo artista plástico Fernando Filipe, a exposição "Ary dos Santos-a Força da Poesia", baseou-se na fotobiografia de Alberto Benfiteira, publicitário e amigo de José Carlos Ary dos Santos.

Os painéis que integram esta mostra destacaram a actividade de Ary dos Santos como poeta, publicitário, autor de poemas cantados, declamador, criador de textos de revista, cidadão politicamente comprometido e personalidade com grande destaque social, antes e depois do 25 de Abril.

Recorde-se que José Carlos Ary dos Santos foi cooperador da SPA e que os seus restos mortais estiveram em câmara ardente no Auditório Frederico de Freitas, de onde saíram para o Cemitério do Alto de São João. Na entrada do edifício da cooperativa na Rua Gonçalves Crespo encontra-se exposto um busto do poeta da autoria do escultor Francisco Simões, que foi deslocado para a entrada da sala da exposição, para dar as boas-vindas aos visitantes, durante o período em que esteve patente.



LIVROS NA GOOGLE

Direitos autorais

podem ser
afectados

Se é autor literário ou de qualquer forma é titular de direitos autorais sobre uma obra publicada em livro, os seus direitos podem ser afectados por um acordo que, em Outubro de 2008, pôs fim a uma acção intentada no Tribunal do Distrito de Nova Iorque pela Authors Guild (autores) e pela Association of American Publishers (editores).

Nessa acção, a Google era acusada de violar os direitos de autores, editores e outros titulares de direitos autorais, ao digitalizar livros contendo obras protegidas ou excertos de obras, com o intuito de criar uma base de dados electrónica de livros e de disponibilizar essas digitalizações ao público, sem para o efeito ter obtido qualquer autorização dos respectivos titulares.

Essa digitalização massiva de obras decorreu de um acordo celebrado entre a Google e diversas bibliotecas americanas (essencialmente bibliotecas universitárias) no âmbito do qual essas bibliotecas autorizaram a digitalização de todos os livros e outros escritos integrados nos seus acervos. Esta digitalização, conhecida por Google Library Project, já ocorreu, constituindo, pois, um facto inevitável.

De acordo com o sistema judicial americano, a acção judicial interposta por autores e editores americanos é considerada uma acção colectiva, pelo que, se tal acordo vier a ser considerado válido pelo Tribunal, os seus termos afectarão e serão aplicáveis a todo o colectivo de autores e editores que sejam titulares de direitos à luz do ordenamento jurídico americano e cujas obras possam ter sido digitalizadas pela Google.

Porém, há que ter em atenção que o Acordo deverá ainda ser revisto e validado pelo Tribunal Federal, o que só acontecerá em 7 de Outubro de 2009. Existem algumas dúvidas relativamente a esta validação, tanto mais que as autoridades norte-americanas abriram, entretanto, um processo por suspeita de que o acordo possa ser violador das leis da concorrência, ao colocar nas mãos da Google uma quota demasiado elevada do mercado das publicações *online*.

Este acordo está composto por duas partes:

A – A QUE SE REPORTA A FACTOS PASSADOS

Pelo facto de ter procedido à digitalização das obras, a Google compromete-se a pagar aos titulares de direitos sobre uma obra (autor, editor ou ambos) o valor de 60 \$USA (15 \$USA, por inserção e cinco \$USA por inserção parcial), por cada obra sua que tenha sido digitalizada até 5 de Maio de 2009.

O problema que se coloca é que os autores deveriam aceitar os termos do Acordo, ou desvincular-se do mesmo (sistema de *opt-out*), até 4 de Setembro de 2009, quando ainda não se conhecia a lista dos livros que foram digitalizados. Essa lista só deverá ser divulgada pela Google depois de o acordo merecer a aprovação do Tribunal Federal de Nova Iorque, o que só terá lugar, como já se disse, em 7 de Outubro de 2009, pelo que impede que o autor saiba previamente se as suas obras foram digitalizadas.

Contudo, como este Acordo é aplicável a todas as obras que foram digitalizadas e a todos os titulares de direitos autorais sobre as mesmas, não é necessário realizar nenhum acto para se estar abrangido pelos termos do Acordo e ter direito a cobrar da Google o valor estipulado.

Pelo contrário, apenas quem não aceite esse valor, deverá expressamente desvincular-se do Acordo, para poder livremente empreender as acções judiciais que tiver por convenientes, no sentido de obter a indemnização pretendida. O facto de tais acções terem de ser interpostas no Tribunal Federal de Nova Iorque, por advogado reconhecido por aquele foro, tornam esta hipótese, pelos custos que acarreta, totalmente desaconselhável.

A opção pela desvinculação não significa que a Google, no quadro do processo de digitalização em que se encontra apostada, não venha a utilizar as obras no Google Library Project, mas apenas que o titular de direitos que optar por esta via não fará parte deste Acordo.

A SPA entende que, neste ponto, aceitar os termos do Acordo (para o que o titular de direitos autorais nada tem de fazer, de momento), e, caso alguma obra sua tenha sido digitalizada, receber o valor indemnizatório nele previsto, é a melhor opção que se apresenta aos autores portugueses.

Como dizíamos, para receber esse valor, o autor nada tem de fazer, neste momento. Só depois de publicada a lista das obras digitalizadas, os autores deverão verificar se nela constam as suas obras, e, então sim, reclamar o valor que lhe é devido.

Essa reclamação deverá ser apresentada até 5 de Janeiro de 2010.

Após a reclamação desse pagamento, o titular de direitos poderá, ainda, até 5 de Abril de 2011, e nos termos do próprio Acordo, requerer a retirada dos seus livros do Google Library Project ou de alguma ou algumas utilizações que tenham lugar no seu âmbito.

B – A QUE SE REPORTA A FACTOS FUTUROS

A Google propõe-se continuar a digitalizar livros e inserções, apresentando uma proposta de utilização das obras digitalizadas limitada ao território dos EUA. Ou seja, caso alguma das obras de que seja titular tenha sido digitalizada, ou o venha a ser, a Google propõe-lhe a obtenção de uma autorização para a utilização das obras, unicamente para o território dos EUA, e sem carácter de exclusividade.

Essa utilização compreenderá:

- venda a instituições de assinaturas que permitam o acesso e utilização de uma base electrónica de livros;
- venda de acesso *online* a livros individuais;
- venda de publicidade em páginas de livros;
- e, outros usos descritos nas "utilizações de acesso".

A Google pagará aos titulares de direitos de autor, através do Books Rights Registry (Sociedade de Registo de Autores, entidade ainda a criar no âmbito do Acordo) 63% de todas as receitas recebidas a partir das referidas utilizações. O Books Rights Registry, que não será mais do que uma entidade de gestão colectiva de direitos autorais, receberá e repartirá essas receitas pelos titulares de direitos autorais (autores e editores), de acordo com o plano de atribuições e respectivo regulamento previstos no Acordo.

Encontrará, a seguir, informação mais detalhada sobre alguns dos aspectos mais relevantes do Acordo.

Caso pretenda aceder a toda a informação disponível sobre o Acordo, poderá fazê-lo visitando o site:

<http://www.googlebooksettlement.com/intl/pt-PT/>



I - QUEM INTEGRA O COLECTIVO ABRANGIDO PELOS TERMOS DO ACORDO

O colectivo é composto por todas as pessoas físicas ou jurídicas (e respectivos herdeiros, sucessores e cessionários) que tenham legitimidade, a partir de 5 de Janeiro de 2009, para reivindicar direitos autorais, à luz do disposto no ordenamento jurídico norte-americano, sobre um ou mais Livros ou Inserções que possam ser objecto de uma utilização autorizada pelo Acordo Final. Tem essa legitimidade quem detiver um direito de autor reconhecido pela lei de Direito de Autor dos EUA, ou tiver uma licença exclusiva no seu âmbito (direito exclusivo de publicar o Livro nos EUA ou direito de processar terceiros por violação dos seus direitos sobre o Livro).

Um titular de direitos de autor nacional de um país fora dos EUA, ou ali residente, pode também ter essa legitimidade, se: - o seu Livro tiver sido publicado nos EUA, - ou, não tendo sido o seu Livro publicado nos EUA, o país a que pertence ter relações com os EUA, em termos de direitos de autor, em virtude, por exemplo, de serem ambos membros da Convenção de Berna (caso português).

De notar que os Livros contendo obras pictóricas (fotografias, ilustrações, mapas, pinturas e outras obras pictóricas) não estão abrangidos pelo Acordo, SALVO se a titularidade dos direitos autorais sobre essa obra pictórica pertencer a quem seja igualmente titular do direito de autor do Livro que contiver a obra pictórica; ou se a obra pictórica fôr uma ilustração num Livro infantil.

Em suma, sempre que as pessoas forem apenas titulares dos direitos de autor sobre essas obras pictóricas e não de um Livro ou Inserção, não serão consideradas membros do colectivo.

O Acordo não autoriza nem proíbe a Google de utilizar essas obras pictóricas, e, o Acordo Final, não implica a renúncia a quaisquer reivindicações relativas à utilização dessas obras.

II - NOÇÃO DE "LIVROS" E "INSERÇÕES"

Para efeitos do Acordo, um "Livro" é uma obra escrita ou impressa em folhas de papel encadernadas em suporte físico, que, a ou antes de 5 de Janeiro de 2009:

– Tenha sido publicada ou distribuída ao público ou disponibilizada para acesso geral, mediante autorização do(s)

titular(es) dos direitos de autor à luz do ordenamento jus-autoral dos EUA ; e

– Tenha sido registada no U.S. Copyright Office, EXCEPTO se a obra não fôr considerada uma obra americana ao abrigo da Lei do Direito de Autor dos EUA, caso em que tal registo não é requerido; e

– Os direitos de autor sobre a obra possam ser objecto de reivindicação à luz do ordenamento jus-autoral dos EUA (através de propriedade, co-propriedade ou licença exclusiva) pelas utilizações autorizadas pelo Acordo Final. Excluídos estão:

– Periódicos (jornais, revistas ou publicações);

– Artigos pessoais (diários e compilações de cartas e notas não publicadas);

– Pautas de música e outras obras destinadas principalmente à execução musical;

– Obras caídas no domínio público nos termos da Lei do Direito de Autor dos EUA;

– Publicações governamentais, que significam obras escritas que não estão protegidas pelo Direito de Autor, dado serem da titularidade do governo norte-americano ou que estão sujeitas a um tratamento equivalente ao abrigo de qualquer legislação estatal.

Para efeitos deste Acordo, uma "Inserção" terá de:

– Ser composta por texto (como um prefácio, posfácio, prólogo, epílogo, poema, citação, carta, excerto textual de outros Livros, periódicos e outras obras ou letras de canções; ou tabelas, diagramas, gráficos, notas musicais; ou ilustrações de livros infantis); e

– Estar contida num Livro, obra governamental ou livro de domínio público publicado a ou antes de 5 de Janeiro de 2009; e

– Estar protegida pelo Direito de Autor nos EUA, sendo titular do direito de autor sobre a Inserção alguém que não seja o titular do direito de autor sobre a "Obra Principal"1 do Livro.

Cada Livro contém uma única Obra Principal. Por exemplo, um Livro do romance *The Old Man and the Sea* poderá conter uma introdução, notas de pé de página e um posfácio. O próprio romance seria a Obra Principal desse Livro; cada um dos restantes materiais seria uma Inserção (se o interesse

de direitos de autor nos EUA sobre esses materiais fosse detido por alguém que não o detentor de direitos da Obra Principal). Em conformidade, um Livro poderia conter vários contos de diversos autores. A Obra Principal

– (Por exemplo, se for titular dos direitos sobre um poema contido num Livro do qual também seja titular dos respectivos direitos autorais, nos EUA, então o poema, tal como aparece no Livro, não constitui uma Inserção; no entanto, será considerado uma Inserção se estiver incluído num Livro do qual outrém seja titular dos respectivos direitos autorais nos EUA); e

– do Livro seria a obra colectiva completa e cada conto em separado (bem como o ensaio introdutório) seria considerado uma Inserção (se o interesse de direitos de autor nos EUA sobre esse conto fosse detido por alguém que não o detentor de direitos da Obra Principal).

– Estar registada, isoladamente ou como parte de uma outra obra, no U.S. Copyright Office a ou antes de 5 de Janeiro de 2009, EXCEPTO se a Inserção ou a obra não forem consideradas americanas ao abrigo da Lei do Direito de Autor dos EUA, caso em que tal registo não é requerido.

Excluídas estão:

– Obras pictóricas, tais como fotografias, ilustrações (excepto as de livros infantis), mapas e pinturas.

– Obras que são do domínio público ao abrigo da Lei dos Direitos de Autor dos EUA.

Para efeitos de pagamento pela utilização de Inserções, são identificadas no Acordo dois tipos de Inserções:

"Inserção Integral" – inserção que constitui uma obra completa (por exemplo, prefácio, posfácio, introduções, textos completos incluídos em antologias, poemas completos, contos completos, letras completas de canções e ensaios completos).

"Inserção Parcial" – qualquer outro tipo de inserção (por exemplo, excertos de um Livro ou artigo de revista, citações, estrofes de poemas ou porções da letra de uma canção e/ou de notação musical).

A Google pagará aos titulares de direitos de autor, através da Sociedade de Registo de Autores (Books Rights Registry), 63% de todas as receitas recebidas a partir das referidas utilizações. A Sociedade de Registo de Autores repartirá essas receitas pelos

titulares de direitos de autor, de acordo com o Plano de Atribuições e os Procedimentos para Autores e Editores.

Os titulares de direitos de autor poderão excluir os seus Livros de algumas ou de todas estas utilizações. Caso não se tenham desvinculado do Acordo, poderão igualmente remover os seus Livros em simultâneo da base de dados electrónica de Livros (caso já tenham sido digitalizados), desde que o pedido seja feito a ou antes de 5 de Abril de 2011. Os titulares de direitos de autor poderão ainda, em qualquer altura, solicitar à Google a não digitalização dos seus Livros e a Google respeitará esse pedido, caso não os tenha já digitalizado.

III - SOCIEDADE DE REGISTO DE AUTORES DE LIVROS (BOOKS RIGHTS REGISTRY)

A Sociedade de Registo de Autores de Livros manterá uma base de dados dos titulares dos direitos de autor, reunirá informações sobre o respectivo contacto e dados relativos aos seus pedidos sobre as utilizações de Livros e Inserções e identificará, localizará e coordenará os pagamentos aos titulares de direitos de autor. A Sociedade de Registo de Autores representará os interesses dos titulares de direitos de autor, tanto no que se refere ao Acordo como a outros contratos comerciais, inclusive com outras entidades para além da Google (sujeitos à autorização expressa dos titulares de direitos de autor cujas obras sejam objecto desses outros contratos).

IV - VERSÃO DE ALOJAMENTO DE LIVRO(S) PARA TITULARES DE DIREITOS DE AUTOR

A pedido do titular de direitos de autor, a Google fornecerá uma versão de alojamento do(s) Livro(s) do titular de direitos de autor para utilização no website do próprio.

V - DIREITOS DOS TITULARES DE DIREITOS AUTORAIS EM RELAÇÃO AOS SEUS LIVROS E INSERÇÕES

1) CLASSIFICAÇÃO DOS LIVROS COMO "COMERCIALMENTE DISPONÍVEIS" OU "NÃO COMERCIALMENTE DISPONÍVEIS"

A Google terá o direito de fazer Utilizações de Visualização de todos os Livros classificados como Não Comercialmente Disponíveis (o titular de direitos ou o seu representante nomeado ainda não disponibilizaram o Livro para venda através de um ou mais canais comerciais comuns dos EUA) – presumivelmente "de edição esgotada". O detentor de direitos de um Livro, porém, terá o direito de remover o Livro do Projecto Biblioteca da Google (mediante pedido recebido a ou antes de 5 de Abril de 2011) ou de excluí-lo, em qualquer altura, de parte ou de todas as Utilizações de Visualização.

A Google não terá o direito de fazer quaisquer Utilizações de Visualização de Livros classificados como Comercialmente Disponíveis – presumivelmente "em impressão contínua", EXCEPTO se o titular de direitos de autor autorizar a Google a incluir o Livro em uma ou mais Utilizações de Visualização. O titular de direitos de autor tem também o direito de remover o Livro de todas as utilizações da Google (mediante pedido recebido a ou antes de 5 de Abril de 2011).

Os pedidos de remoção recebidos após 5 de Abril de 2011 serão respeitados apenas se a digitalização não tiver já sido efectuada na altura em que o pedido fôr apresentado.

2) CLASSIFICAÇÃO DOS LIVROS COMO "EM IMPRESSÃO CONTÍNUA" E "DE EDIÇÃO ESGOTADA"

A Google está autorizada, pelo Acordo, a fazer Utilizações de Visualização e de Não Visualização para cada Livro de edição esgotada durante a vigência do direito de autor sobre esse livro nos EUA, sem instruções adicionais do titular de direitos sobre o Livro, EXCEPTO se este notificar a Google em sentido contrário. Contudo, se assim proceder, um titu-



lar de direitos terá, mais tarde, a faculdade de autorizar a Google a fazer tais utilizações de parte ou de todo o Livro. Em caso de exclusão de um Livro Não Comercialmente Disponível da utilização de Assinatura Institucional o mesmo será também excluído das vendas a consumidores individuais, não tendo o respectivo titular direito a receber a Taxa de Inclusão.

O autor ou, mediante justificação relevante, o editor de um Livro de edição esgotada tem a faculdade de excluir um Livro de uma ou mais Utilizações de Visualização.

É necessário preencher o Formulário de Reivindicação para receber os benefícios da utilização dos Livros de edição esgotada ou excluí-los de uma ou mais Utilizações de Visualização, não havendo limite de tempo, e existindo a faculdade de alterar a decisão de exclusão em qualquer altura.

No respeitante aos Livros em impressão contínua, a Google não poderá fazer quaisquer Utilizações de Visualização, EXCEPTO se os titulares de direitos sobre determinado Livro derem autorização à Google para o incluir numa ou mais dessas utilizações, ficando, nesse caso, o Livro sujeito às condições económicas estipuladas no Acordo ou, podendo o detentor de direitos, mediante o Programa para Parceiros, negociar condições diferentes com a Google.

No caso do autor e do editor aceitarem que a Google possa disponibilizar a utilização por consumidores de um Livro em impressão contínua, o editor terá o direito de controlar os preços do Livro. Contudo, no caso de o autor discordar do preço, o autor poderá excluir o Livro das utilizações por consumidores.

A Google terá o direito de fazer Utilizações de Não Visualização de um Livro em impressão contínua durante a vigência do direito de autor nos EUA sobre esse Livro, EXCEPTO se o detentor de direitos remover atempadamente o Livro. É necessário preencher um Formulário de Reivindicação para autorizar uma ou mais Utilizações de Visualização de qualquer Livro em impressão contínua, havendo a possibilidade de alterar as instruções em qualquer altura.

VI - REMOÇÃO COMPLETA DE LIVROS

Os titulares de direitos de autor poderão solicitar (a ou antes

de 5 de Abril de 2011), através do preenchimento de um Formulário de Reivindicação, que todas as cópias digitais dos Livros sejam eliminadas de todos os servidores ou fontes a partir das quais a Google ou as Bibliotecas de Participação Absoluta possam fazer quaisquer utilizações.

Os pedidos de remoção recebidos posteriormente serão apenas respeitados no caso de o Livro não ter sido ainda digitalizado na altura da recepção dos mesmos.

Mesmo que um detentor de direitos remova um Livro, tem a faculdade de, posteriormente, contactar a Google para negociar um acordo individual visando a inclusão do Livro no Programa para Parceiros.

VII - INSERÇÕES

Os titulares de direitos sobre Inserções terão o direito de excluir as suas Inserções de todas as Utilizações de Visualização, estando este direito limitado à própria Inserção e não a qualquer outra parte do Livro, publicação governamental ou livro de domínio público que contenha a Inserção.

Não existem prazos para excluir qualquer uma das Inserções de todas as Utilizações de Visualização, pelo que se pode alterar a decisão em qualquer altura.

A Google terá o direito de fazer Utilizações de Não Visualização das Inserções, durante a vigência do direito de autor sobre essas Inserções nos E.U.A., não podendo os titulares de direitos sobre uma Inserção excluí-la dessa utilização.

VIII - UTILIZAÇÕES DE VISUALIZAÇÃO

1) Utilizações de acesso

Consistem na possibilidade de visualizar e anotar o Livro completo, e em imprimir e copiar/colar partes do Livro, sujeitas a um número limitado de páginas.

– Assinaturas institucionais: As instituições de ensino, governamentais e empresariais poderão comprar assinaturas, de termo limitado, para acesso ao conteúdo integral da base de dados de Assinatura institucional. Os preços das Assinaturas institucionais poderão variar com o tempo, reflectindo o aumento do volume da base de dados e de Assinaturas institucionais.

– Aquisições de consumidores: Os utilizadores individuais poderão adquirir o direito de aceder a Livros on-line. Os preços da

venda dos Livros poderão ser definidos pelos titulares de direitos (Preço Especificado) ou pela Google, mediante autorização dos mesmos, com base numa maximização das receitas decorrentes das vendas dos Livros (Preço Controlado pelo Acordo).

– Acesso público em bibliotecas e outros locais : A Google fornecerá, a pedido, um “Serviço de Acesso Público” gratuito, através de um terminal de computador disponível em todas as bibliotecas públicas, e através de um número acordado de terminais de computador em faculdades e universidades sem fins lucrativos, nos EUA. Este serviço facultará o mesmo acesso aos Livros que a Google oferece nas Assinaturas institucionais, à excepção de que os utilizadores não poderão copiar/colar ou anotar quaisquer excertos de um Livro. As bibliotecas públicas que podem cobrar pela impressão e as bibliotecas de faculdades e universidades podem possibilitar aos utilizadores a impressão de páginas a uma taxa fixa por página. Com a aprovação da Sociedade de Registo de Autores, os terminais deste serviço poderão ser disponibilizados em empresas comerciais (por exemplo, centros de fotocópias) mediante uma taxa de visualização e de impressão por página. As receitas deste serviço terão por base um preço de impressão por página.

– Outras utilizações potencialmente comerciais: No futuro, a Google e a Sociedade de Registo de Autores poderão desenvolver outras utilizações de acesso, tais como assinaturas para consumidores, impressão de Livros a pedido, publicação personalizada, transferências de PDF e resumos ou compilações de Livros.

Os titulares de direitos serão notificados, directamente ou através do website da Sociedade de Registo de Autores, de todas as novas utilizações comerciais que a Google pretenda fazer e terão oportunidade, em qualquer altura, de excluir os seus Livros de uma ou de todas as utilizações referidas.

2) Utilização de pré-visualização

Pré-visualização normal: Em resposta à pesquisa de um utilizador, a Google poderá permitir que o utilizador visualize até 20% de um Livro (não mais do que 5 páginas consecutivas) antes de tomar uma decisão de compra, mas que não copie/cole, anote ou imprima quaisquer páginas do Livro. Para Livros de ficção, a Google bloqueará os últimos 5% do Livro (ou no mínimo as quinze páginas finais do Livro), podendo também apresentar até 5% ou quinze páginas (conforme o que for menor) consecutivas ao ponto de acesso do utilizador.

Pré-visualização fixa: As páginas apresentadas ao utilizador não dependem da sua pesquisa. As páginas disponíveis são fixas (até 10% das páginas do Livro, escolhidas pela Google e, se tiver sido desenvolvido um mecanismo para o efeito, escolhidas pelo titular de direitos). Será o caso dos dicionários, guias de referência de fármacos, enciclopédias, livros de citações, guias de preços/do comprador, guias de preparação para exames/certificação e dicionários de sinónimos. Pré-visualização contínua: A Google poderá permitir que o utilizador visualize até 10% de um Livro sem a sujeição à limitação das páginas adjacentes (não mais de 5 páginas adjacentes) da Pré-visualização fixa.

Não é permitida a visualização no caso de antologias dramáticas e de ficção de vários autores e no caso de colecções de poesia e de pequenas histórias.

Excepto no caso de os titulares de direitos terem autorizado a disponibilização da totalidade das páginas de um Livro para Utilização de Pré-visualização, a Google manterá uma lista de páginas de Livros que não poderão ser visualizadas na Utilização de Pré-visualização. Esta lista consistirá em pelo menos 5% de páginas de um Livro bloqueadas, seleccionadas pela Google ou, se tiver sido desenvolvido um mecanismo pela Sociedade de Registo de Autores que identifique determinadas páginas escolhidas pelos titulares de direitos

(não mais do que 5% do Livro), caso em que as páginas bloqueadas serão seleccionadas pelos titulares de direitos. Os titulares de direitos terão a possibilidade de alterar o tipo de pré-visualização disponível para qualquer um dos seus Livros, em qualquer altura.

As utilizações de pré-visualização constituem uma ferramenta de marketing para disponibilizar o Livro para compra pelo consumidor.

Os detentores de direitos receberão royalties sobre as receitas da publicidade inserida nas páginas de Utilização de Pré-visualização de um Livro.

3) Visualização de excertos de texto

Na sequência da pesquisa de um utilizador, a Google poderá apresentar cerca de três ou quatro linhas do texto de um Livro, até três excertos por cada utilizador desse Livro.

Os titulares de direitos receberão royalties sobre as receitas da publicidade colocada nas páginas Web que contenham um ou mais excertos de, ou sejam dedicadas a, um único Livro.

4) Visualização de páginas bibliográficas

A Google poderá apresentar aos utilizadores a página de título, a página de créditos, o índice e o índice remissivo de um Livro.

IX - UTILIZAÇÕES DE NÃO VISUALIZAÇÃO

Estas utilizações não envolvem a apresentação de qualquer parte do conteúdo de um livro ao público. É o caso da apresentação, apenas, de informação bibliográfica, índices de texto integrais (sem apresentação de texto), indexação geográfica de Livros, listagens algorítmicas de termos chave de capítulos de Livros e investigação e desenvolvimento interno na Google.

Os titulares de direitos não poderão excluir Livros ou Inserções das Utilizações de Não Visualização.

A Google será impedida de fazer Utilizações de Não Visualização de qualquer Livro se houver um pedido atempado de remoção do Livro.

X - UTILIZAÇÕES DE PUBLICIDADE

A Google poderá incluir anúncios nas páginas de Utilização de Pré-Visualização e nas páginas da Web dedicadas a um único Livro, incluindo páginas apresentando excertos, informação bibliográfica e resultados da pesquisa de um utilizador dentro de um único Livro.

Os titulares de direitos sobre os Livros ganharão 63% das receitas decorrentes de tais anúncios.

A Google poderá também fazer publicidade em outros produtos e serviços seus (por exemplo, páginas de resultados de pesquisas e mapas), embora os titulares de direitos de Livros não recebam qualquer percentagem sobre as receitas desses anúncios.

Os titulares de direitos sobre um Livro terão a possibilidade de instruir a Google para não incluir qualquer publicidade em páginas exclusivamente dedicadas a esse Livro, mas não em páginas que resultem da pesquisa do utilizador sobre múltiplos Livros ou outro conteúdo. Para a exclusão de publicidade de quaisquer páginas Web dedicadas a quaisquer Livros, é necessário preencher o Formulário de Reivindicação.

XI - PLANO DE ATRIBUIÇÕES

Os princípios que regem a compensação pelas utilizações efectuadas encontram-se definidos num chamado Plano de Atribuições.

A compensação devida aos titulares de direitos basear-se-á na utilização real de Livros (“Royalties de Utilização”) e na inclusão de Livros e Inserções na base de dados de Assinatura institucional (“Royalties de Inclusão”).

(a) Royalties de Utilização : A utilização de um Livro no âmbito das assinaturas irá ser calculada pela Sociedade de Registo de Autores com base em vários factores, nomeadamen-

te o número de vezes que os utilizadores visualizam o Livro, a extensão de Livro visualizada e o preço de controle do Livro estabelecido em relação à utilização de outros Livros durante o mesmo período.

Para outras utilizações, os Royalties de Utilização serão fixados com base no preço de venda do Livro, no número de páginas impressas ou nas receitas de publicidade a que o mesmo esteve associado.

Não serão pagas Royalties de Utilização por Inserções.

(b) Royalties de Inclusão: Serão pagos Royalties de Inclusão por Livros e Inserções elegíveis, a partir das receitas da venda de assinaturas recebidas pela Sociedade de Registo de Autores.

O Royalty de Inclusão corresponderá a 200 \$USA por Livro e o Royalty de Inclusão mínimo para Inserções é de 50 \$USA por Inserção Integral e 25 \$USA por Inserção Parcial.

Para Inserções, os Royalties de Inclusão para todo o conteúdo de uma única obra incluída noutras obras estão limitados a 500 \$USA.

Os titulares de direitos receberão um Royalty de Inclusão desde que os seus Livros ou Inserções não sejam excluídos das assinaturas pelos próprios ou por qualquer outro titular de direitos sobre o mesmo Livro ou Inserção. Para receber um Royalty de Inclusão por Livros ou Inserções, é necessário registá-los na Sociedade de Registo de Autores, através do preenchimento de um Formulário de Reivindicação, no prazo de cinco anos a partir da data em que o Acordo se tornar definitivo.

XII - DISPOSIÇÕES DE SEGURANÇA

Foi desenvolvida uma norma de segurança destinada a garantir que os Livros e Inserções estejam sujeitos a níveis de segurança apropriados (“Norma de Segurança”). A Norma de Segurança exige que a Google, as Bibliotecas de Participação Absoluta e os Sites de Alojamento desenvolvam o seu próprio plano de implementação de segurança, cumprindo a Norma de Segurança e estando sujeito à aprovação da Sociedade de Registo de Autores.

XIII - RESOLUÇÃO DE LITÍGIOS

A Google, a Sociedade de Registo de Autores, os detentores de direitos, as Bibliotecas Participantes e os Sites de Alojamento tentarão resolver informalmente a maior parte dos litígios respeitantes ao acordo. Se, após trinta dias, não forem bem sucedidos, o litígio será submetido a arbitragem e a consequente decisão será considerada final e vinculativa para as partes envolvidas.

Com vista à celeridade da resolução, ou sempre que a violação seja repetida deliberada ou intencionalmente, as partes reservam-se o direito de instaurar um processo em tribunal, para injunção temporária, sem passar primeiro pela arbitragem.

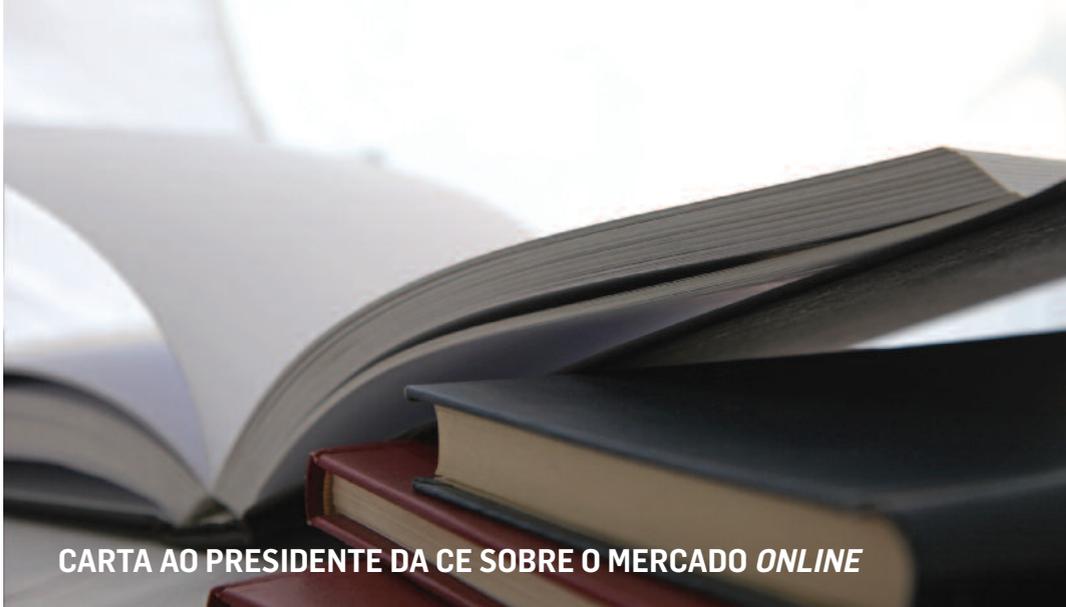
XIV - DIREITOS NÃO EXCLUSIVOS

Os direitos e as autorizações concedidos à Google e às Bibliotecas Participantes não constituem transferência da titularidade do direito de autor relativamente a essas obras.

Os titulares de direitos terão todo o direito de autorizar, através, ou não, da Sociedade de Registo de Autores, qualquer entidade ou indivíduo, incluindo concorrentes directos da Google, a utilizar as suas obras por qualquer forma, incluindo formas idênticas às utilizações autorizadas à Google e às Bibliotecas Participantes.

XV - OPÇÃO DE PERMANÊNCIA NO ACORDO FINAL

Reivindicações específicas a que se renuncia com a permanência no Acordo:



CARTA AO PRESIDENTE DA CE SOBRE O MERCADO ONLINE

“Necessidade de um plano de acção para garantir que o conteúdo cultural é devidamente reconhecido e recompensado na Sociedade da Informação”

Em 17 de Setembro foi enviada ao Presidente da Comissão Europeia uma carta assinada pelas organizações que representam praticamente a totalidade dos criadores, intérpretes e produtores de música e audiovisual da União Europeia. Pela sua importância, quer pelo conteúdo quer pela representatividade, segue o texto da mesma na íntegra.

Exmo. Sr. Presidente

Dirigimo-nos a Vossa Excelência em nome da comunidade artística e das indústrias culturais sobre um assunto de extrema importância para o sector: o desenvolvimento de conteúdos culturais no mercado electrónico.

Como é do seu conhecimento, a Internet representa uma excelente oportunidade para o sector cultural. Os consumidores podem aceder a um vasto leque de informações e conteúdos de uma forma que era impensável há alguns anos. É com agrado que assistimos a uma enorme procura na Internet, por parte dos consumidores, pela nossa música, filmes, programas de televisão, publicações, imagens e jogos de vídeo, e também à procura crescente por ligações de alta velocidade à Internet, por parte dos mesmos, para acederem aos conteúdos tão orgulhosamente criados, representados, escritos, realizados ou financiados pelo nosso sector. Contudo, o facto de este valioso contributo para o desenvolvimento da Sociedade da Informação não ser amplamente recompensado representa para nós um grande motivo de preocupação. A realidade é que o acesso à grande maioria dos conteúdos e serviços é feito à margem dos canais oficiais, e não existe um reconhecimento nem uma remuneração justos para os que os criam, representam, escrevem, realizam ou disponibilizam. Sem incentivos à criação, a cultura europeia ficará seguramente mais pobre.

Para além das implicações de carácter cultural, a actual situação provoca graves consequências económicas. Tendo em consideração que o sector cultural tem contribuído com cerca de 3 a 6% do PIB europeu, tendo sido reconhecido como o sector com maior probabilidade de ajudar a conduzir a Europa para fora da recessão, a falta de uma compensação no que se refere aos conteúdos electrónicos está a provocar uma redução significativa de postos de trabalho e a diminuir as receitas fiscais.

Alguns Estados-Membros já começaram a abordar esta questão, mas estamos convictos de que é fundamental uma acção a nível europeu.

Se observarmos para além da Estratégia de Lisboa, a Europa necessita de impulsionar o sector cultural no mercado electrónico, para que este sector possa desenvolver todo o seu potencial e contribuir plenamente para a futura economia da Europa baseada no conhecimento.

O programa de trabalho da Comissão Europeia deve incluir um plano de acção que garanta a implementação de medidas que permitam ao sector criativo beneficiar dos seus esforços. Os interesses legítimos dos consumidores, intermediários e titulares de direitos devem ser igualmente tidos em consideração.

Para que o mercado electrónico tenha êxito, é essencial que os consumidores sejam informados e ajam de forma responsável. O desenvolvimento de campanhas de sensibilização e educação a nível europeu é um elemento importante para atingir este objectivo. Acreditamos que estas campanhas podem ser financiadas pela UE, com o objectivo inequívoco de informar os consumidores acerca dos serviços legalmente disponíveis e das consequências da utilização de alternativas não autorizadas, com o intuito de conseguir uma mudança de atitude.

Por seu lado, os titulares de direitos vão continuar a desenvolver um ambiente electrónico próspero para os serviços legais e a satisfazer a procura, por parte dos consumidores, por uma grande variedade de serviços. Em algumas áreas, as ofertas legais já estão muito desenvolvidas, mas é ainda necessário satisfazer a procura dos consumidores noutras áreas. No entanto, isto só pode realizar-se num quadro jurídico favorável, que garanta compensações e remunerações adequadas para todos os titulares de direitos e assegure que todos os intervenientes, grandes e pequenos, tenham acesso a um mercado que disponibilize uma oferta de conteúdos o mais diversificada possível.

Por fim, os intermediários, como por exemplo os fornecedores de serviços de Internet (ISP), têm um papel decisivo a desempenhar na ajuda ao desenvolvimento de um mercado electrónico para serviços legítimos. Neste aspecto, a Comissão tem de assegurar que os ISP cumprem o seu dever. Por isso, saudamos a iniciativa da DG MARKT de criar um grupo de trabalho para explorar as possibilidades de uma maior cooperação ao nível dos *uploads* e *downloads* ilegais, e recomendamos à Comissão que apoie este compromisso durante todo o processo, para permitir um resultado que crie soluções eficazes para este problema.

Em conclusão, a propriedade intelectual desempenhará um papel fundamental no desenvolvimento do ambiente electrónico e, por essa razão, é importante que seja devidamente representada no seio da Comissão. Estamos convictos de que isto não pode ser realizado juntando a Propriedade Intelectual a outros processos com os quais existe um elevado risco de conflito de interesses.

Exmo. Sr. Presidente, contamos consigo para transmitir à Comissão, ao Parlamento e aos Estados-Membros uma importante mensagem política, a de que o problema aqui exposto será abordado como uma alta prioridade. Se o conseguirmos, todos serão beneficiados: o consumidor, a comunidade artística e as indústrias culturais, mas também, com igual importância, o sector da sociedade da informação no seu todo e as economias europeias.

Assinam a carta as seguinte organizações:

AEPO-ARTIS Association of European Performers' Organisations; FERA Federation of European Film Director; GESAC European Grouping of Societies of Authors and Composer; ICMPI International Confederation of Music Publishers; IFPI International Federation of the Phonographic; IMPA International Music Publishers Association; IMPALA Independent Music Companies Association.

Os detentores de direitos renunciam a todas as reivindicações contra a Google e as Bibliotecas Participantes resultantes de certas condutas que ocorreram antes da data em que o Acordo se torna definitivo, incluindo:

- a digitalização por parte da Google de Livros e Inserções;
- a utilização por parte da Google de cópias digitais nos seus produtos e serviços;
- o fornecimento por cada biblioteca de Livros e Inserções à Google para digitalização;

– o fornecimento pela Google de cópias digitais a bibliotecas e a recepção dessas cópias da parte das bibliotecas (excepto o fornecimento pela Google de cópias digitais a Outras Bibliotecas após 27 de Dezembro de 2008);

– as utilizações das bibliotecas (excepto as de Outras Bibliotecas) dessas cópias digitais em conformidade com o Acordo.

Porém, se uma Outra Biblioteca utilizar ilegalmente quaisquer cópias digitais, não haverá renúncia a quaisquer reivindicações contra tais Bibliotecas pelo respectivo fornecimento de Livros à Google, ou a recepção de quaisquer cópias digitais.

Os detentores de direitos renunciam a todas as reivindicações contra a Google e as Bibliotecas de Participação Absoluta, Bibliotecas Cooperantes e Bibliotecas de Domínio Público, que, após a data em que o Acordo se tornar definitivo, resultem de quaisquer actos ou omissões autorizados pelo Acordo ou por um acordo aplicável entre a Biblioteca e a Sociedade de Registo de Autores.

Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações contra factos que ocorram após a data em que o Acordo se tornar definitivo, contra Outras Bibliotecas.

Contudo:

– O Acordo Final prevê que a Google e as Bibliotecas de Participação Absoluta sejam autorizadas a utilizar Livros e Inserções apenas em conformidade com o Acordo e com qualquer acordo aplicável entre a Biblioteca e a Sociedade de Registo de Autores, e não haverá renúncia a quaisquer reivindicações que se baseiem na utilização de Livros e Inserções não autorizadas pelo Acordo Final ou por um acordo aplicável entre a Biblioteca e a Sociedade de Registo de Autores.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações por violação de quaisquer obrigações da Google ou de uma Biblioteca Participante prevista no Acordo ou num acordo aplicável entre a Biblioteca e a Sociedade de Registo de Autores.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações pela utilização não autorizada por parte da Google de Livros e Inserções fora dos programas do Acordo.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações relativamente à utilização por parte da Google de Inserções em publicações governamentais e livros de domínio público, no caso da Google recusar um pedido de exclusão dos detentores de direitos.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações relativamente a quaisquer actos ou omissões que tenham tido lugar após 28 de Outubro de 2008 (data do Acordo) que, a terem lugar depois da data em que o acordo se tornar definitivo, não seriam autorizadas pelo Acordo.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações relativamente a quaisquer utilizações de cópias digitais por parte de Outras Bibliotecas.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações relativamente à utilização de Livros e Inserções fora dos EUA ou respeitantes a qualquer digitalização fora dos EUA.

– Não haverá renúncia a quaisquer reivindicações relativamente a quaisquer actos da Google, nos EUA, em resposta ao pedido de um utilizador fora dos EUA, que resulte na visualização de partes de um Livro ou Inserção, salvo se a visualização for legal ou a Google tenha obtido autorização para tal.■



RAUL SOLNADO (1929-2009)

Biografia vai ser reeditada com último capítulo da vida



Os que partiram

Actor, autor e, na polivalência dos seus talentos, “uma das figuras mais marcantes da cultura e do espectáculo em Portugal no século XX”, segundo a SPA, Raul Solnado, “o senhor gargalhada”, morreu aos 79 anos, em Lisboa, no passado dia 8 de Agosto, vítima de um quadro clínico cardiovascular grave, de acordo com uma nota do Hospital de Santa Maria. Tinha sido operado há três dias à carótida. Desapareceu, assim, o humorista que durante décadas foi a referência do género em Portugal.

A SPA, para quem Raul Solnado “esteve sempre presente nos grandes momentos da vida da cooperativa de autores de que era membro, sendo uma referência para todos”, distinguiu o actor, em 2005, com a Medalha de Honra e com o Prémio de Consagração de Carreira, tendo-o ainda convidado para escrever nesse ano a mensagem do Dia do Autor. A dada altura do seu texto, e fazendo jus ao seu espírito humanista, Solnado refere que “não podemos nunca perder a esperança, que em nós existe, da mudança”. E sublinha: “A esperança de que os autores portugueses, em algum tempo, tenham o direito da conquista da sua libertação e, portanto, do absoluto poder da nossa inteira criatividade”. A Sociedade Portuguesa de Autores, realizou também, em 2006, uma exposição evocativa de mais de cinco décadas “da sua brilhante actividade artística em Portugal e no Brasil”.

“A SPA SEMPRE CONTOU COM O SEU APOIO”

Na nota de pesar pela morte inesperada de Raul Solnado, “a SPA curva-se perante a sua memória” e – garante – “tudo continuará a fazer para que a sua obra como artista, criador e comunicador nunca caia no esquecimento”.

Apesar de ter ficado sobretudo conhecido como actor de teatro, cinema e televisão, e também como apresentador de programas televisivos, “Raul Solnado nunca deixou de assumir a sua condição de autor e de se identificar com a luta da SPA pela defesa dos direitos dos criadores portugueses”, lembra o texto, para acentuar: “A SPA sempre pôde contar com o seu apoio, com a sua presença solidária e com a sua amizade”.

Em câmara ardente, no Palácio Galveias, por onde passaram centenas de amigos, admiradores e figuras destacadas do nosso País, o corpo de Raul Solnado foi cremado no Cemitério dos Olivais, tendo recebido prolongadas salvas de palmas por onde passou.

Raul Solnado era um homem culto, solidário, bom colega, intelectualmente curioso, trabalhador, generoso e humanista, segundo testemunhos de colegas e amigos, cujos depoimentos se multiplicaram.

SESSÃO DE LANÇAMENTO A 19 DE OUTUBRO NA SPA

Leonor Xavier, escritora e jornalista, que com ele partilhou quase duas décadas de vida, e que é autora da sua biografia “Raul Solnado – a Vida não se Perdeu”, recorda nesta nossa evocação do actor e autor passagens mais desconhecidas e íntimas da sua frutuosa carreira.

Editada pela primeira vez em 1991, a biografia de Solnado escrita por Leonor Xavier, foi reeditada em 2002, por ocasião dos seus 50 anos de carreira. Em Março deste ano, a Oficina do Livro pediu à autora uma actualização da obra, a qual foi completada com um último capítulo até Maio de 2009. A biografia actualizada irá ser lançada a 19 de Outubro, dia em que Solnado faria 80 anos, nas instalações da SPA.

Antes, pelas 18 horas, amigos de Raul Solnado e a Sociedade Portuguesa de Autores irão prestar-lhe uma outra homenagem em morte: uma missa concelebrada por alguns dos seus amigos religiosos, Frei Bento, padre Melícias, o pároco de Santa Isabel, padre José Manuel e o padre José Tolentino. A missa, que se realiza na Igreja da Estrela, terá ainda a participação do presidente da SPA, Manuel Freire, que cantará “A Pedra Filosofal”.

■ *Edite Esteves*



Nome de Solnado vai ser dado ao Teatro Capitólio

A Sociedade Portuguesa de Autores congratula-se com o facto de ter obtido tão rápido acolhimento por parte do presidente da Câmara de Lisboa a proposta, por nós apresentada, de atribuição do nome do actor e autor Raul Solnado ao Teatro Capitólio.

A notícia, já tornada pública, de que o presidente do executivo camarário irá apresentar, no mais curto prazo, essa proposta em reunião de câmara constitui mais um acto público de reconhecimento da importância da vida e da obra de Raul Solnado. A SPA honra-se de ter formalizado essa proposta, que homenageia um dos seus membros mais antigos e representativos. O município da cidade onde nasceu e que sempre foi a cidade do seu coração dá, deste modo, um passo relevante para que o seu nome fique associado a uma sala de espectáculos de referência, à qual o actor esteve ligado. A SPA saúda o presidente da Câmara de Lisboa por ter tornado pública esta decisão e faz votos para que ela tenha concretização efectiva a curto prazo. É uma das muitas homenagens que Raul Solnado justamente merece.

RAUL SOLNADO

Autoria além do Tempo

Leonor Xavier

Um mês depois da sua morte, relendo a história da vida, a esta memória acrescento o registo da marca fundamental que o nome de Raul Solnado deixa, como autor, na cultura portuguesa contemporânea. Se cultura é tudo aquilo que cada um de nós sabe e tudo aquilo que ele soube, pela sua tão singular personalidade, a marca que deixou ultrapassa a sua arte de palco, e as palavras, as frases, os conceitos que inventou continuam vivos, nas esquinas das casas e das cidades. Aos autores sempre considerou seus pares, assim me apresentou a nobre distinção da autoria assinada, em todas as disciplinas da arte ele a referia e anotava, em todas as ocasiões exprimia a sua admiração pelos criadores. No mundo do espectáculo, a que chamava um sonho, evocava no teatro o texto, na música a harmonia, nos cenários o envolvimento e a agilidade, na luz um jogo de sedução.

Quando o conheci, disse-me ser um homem da palavra. Na sua biografia descobro a verdade da afirmação, e na intimidade que partilhámos vivi a sua coerência. Nos momentos de alegria e bom humor, ou nas horas sombrias, o Raul sempre se mostrou o próprio artesão da palavra, matéria-prima que comparava à plasticina, tão maleável, perfeita matéria-prima para a sua voz. Fazia questão de ser dito humorista e não actor cómico, porque os textos de humor que criava eram absoluta satisfação que sentia, autor, sim, de matéria assinada, gostava de ser.

Nos anos recentes, passava horas a escrever no computador, quase sempre as ideias corriam-lhe mais rápidas que os dedos, e a revisão final era hora de grandes risos, a disciplinar a ordem dos caracteres, rebeldes de pontos e vírgulas. Escrevia pequenas histórias, experimentou guiões para curtas-metragens, encetou aquilo que seria uma narrativa sobre o Parque Mayer, acrescentada de memórias dispersas, em épocas variadas da sua vida. Ultimamente, inventava frases, seriam uma por cada dia do ano, a incluir na agenda especial que um editor lhe tinha encomendado, mais de cem já tinha escritas. Em papéis de todas as medidas e modelos anotava as ideias, com a mesma letra simples, clara, desenhada, com que escrevia cartas, o Raul nunca deixava de agradecer um gesto ou de celebrar uma festa ou uma morte através de uma frase escrita, um sinal de partilha ou de solidariedade era ritual que assim cumpria, sem nunca falhar.

Na sua desordenada ordem, os seus textos eram guardados em pastas coloridas, cada um tinha o seu lugar e destino definido nas estantes, conforme os géneros, destinos e motivações. As cartas, as traduções de textos de teatro, as histórias, as rábulas, as frases, esperemos que não se percam e desapareçam, património destruído no tudo que fica numa casa agora vazia, num silêncio que depressa será povoado por outras vidas.

Penso que num dos primeiros palcos, lhe veio a iniciação como autor. Na revista «Viva o Luxo», em Fevereiro de 1954, António Silva foi seu patrono, intuindo-lhe um singular talento para a palavra, desafiando-o: "Eu tinha de lhe dizer uma só frase. Como me achou piada, começou a puxar por mim, dizia coisas fora do texto, para eu responder fora do texto também. De cada vez dava-me uma deixa diferente para me pôr à prova, para me obrigar a improvisar." Nos anos 60, criou a sua própria e inimitável personalidade como actor de teatro, e depois do texto do espanhol Miguel Gila, transfor-



mado no monólogo «A Ida à Guerra de 1908», Raul Solnado foi autor de outros textos inspirados neste formato, mas tão impactantes na sua originalidade que logo se tornaram expressão viva em todos os níveis sociais, no país inteiro. Entretanto autor de programas de rádio, colunista de jornais e revistas, foi o único actor português a fundar um teatro, o Teatro Villaret, em 1965.

Autor do primeiro programa de auditório na RTP, Raul Solnado viveu, em 1969, o absoluto sucesso do Zip-Zip, em que a sua parceria com Fialho Gouveia firmou uma aliança de ambos, até à morte. Não vou aqui enunciar os vários programas e concursos de televisão de que mais tarde foi autor, quase todos elogiados, um ou outro falhados, como «Risoflé, Risoflá» em 1974 ou «Os Olhos da Lua» em 1991. Um destes concursos, «A Visita da Cornélia», em 1977, haveria de ficar para sempre lembrado na história da televisão portuguesa.

Nos anos 80, foi autor de um texto de revista, de uma série de televisão, de uma peça de teatro. No Brasil, até hoje corre na boca do povo a resposta que nessa época deu à apresentadora Hebe Camargo, no programa de maior audiência nacional. Quando ela lhe perguntou se entre nós se contam anedotas de brasileiros, Raul disse: "E é preciso?"

Em 1983, para fechar o programa «Fim de Semana» na RTP, aos sábados, tinha uma pequena crónica de crítica aos problemas dos cidadãos no quotidiano. Singular e imperativa, a frase que inventou permanece. Todo o português a relembrou, na hora da sua morte. "Façam o favor de ser felizes" é autoria de Raul Solnado, a sobreviver além do tempo.

Os que partiram

JOAQUIM LUÍS GOMES (1914-2009)

Uma vida de harmonia entre música ligeira e erudita



Considerado pelos seus pares "uma das figuras mais marcantes da música portuguesa no século XX", conforme um comunicado de pesar divulgado na ocasião pela Sociedade Portuguesa de Autores, o maestro e compositor Joaquim Luís Gomes, nascido em Santarém, em 1914, faleceu no passado dia 23 de Julho de 2009, em Lisboa, com 95 anos.

Estudou música na cidade natal, depois no Conservatório Nacional, integrou bandas militares e trabalhou na Emissora Nacional, onde desenvolveu uma carreira de orquestrador de música ligeira e colaborou com

alguns dos mais destacados intérpretes da altura, entre os quais Maria de Lurdes Resende, Amália Rodrigues, Francisco José, Tony de Matos, Carlos do Carmo, Simone de Oliveira e Fernando Tordo.

Entre outras, são de sua autoria a orquestração de "Desfolhada Portuguesa" com que Simone de Oliveira venceu o Festival RTP da Canção, em 1969, ou a da versão "Grândola, Vila Morena" interpretada por Amália Rodrigues.

"UM HOMEM DE GRANDE SENSIBILIDADE"

O maestro e compositor Joaquim Luís Gomes foi "o grande mestre dos orquestradores portugueses", um homem "com conhecimentos musicais profundos (...), um mestre da música, sem dúvida nenhuma", disse à Lusa o intérprete e compositor Fernando Tordo, por ocasião do seu falecimento.

Tordo, que, nos primeiros anos da sua carreira, manteve contactos com o compositor para orquestrar algumas canções, recorda-o como "um homem de uma sensibilidade inacreditável".

"Lembro-me de ser miúdo - contou -, de levar a guitarra e de lhe tocar as cantigas para ele orquestrar. Ele ficava a olhar muito sério para mim e dizia assim: 'A orquestração já está feita, agora só falta aquela parte de escrever.'"

Tordo recordou que Joaquim Luís Gomes foi nos anos 50, maestro de uma "orquestra famosíssima", a Orquestra Scalabittana, uma formação de "música folclórica, tradicional".

Como compositor, assinou bandas sonoras para filmes de ficção e para documentários cinematográficos, e escreveu música para teatro.

Noutro plano, o da música erudita, escreveu obras para orquestra sinfónica, harpa e piano, com destaque para "Pérolas Soltas", "Abertura Scalabittana", "Abidís", "Sonata em Mi Bemol" (para piano) e "Mar Português", inspirada nos poemas de "Mensagem", de Fernando Pessoa.

DISTINGUIDO PELA SPA EM 1995 E 2005

Associado desde 1937 à SPA, foi por esta distinguido em 1995 e, passados dez anos, em 2005, recebeu a Medalha de Honra, nas comemorações do 80.º aniversário desta instituição.

Num artigo publicado na revista "Autores" de Abril/Julho de 2005, por ocasião da homenagem de que foi alvo, então com 91 anos, relata-se:

"A dedicação de Joaquim Luís Gomes à música vem do início dos anos 30 do século XX. Começou a aprender música em Santarém, com o maestro Manuel Ganhão, que aos 17 anos o levou para Lisboa, quando descobriu o imenso talento do seu aluno. Inscreveu-se no Conservatório Nacional, tendo concluído o Curso Superior de Composição. Em 1932, integrou o Batalhão de Caçadores 5, em cuja banda tocava clarinete, como solista. O seu virtuosismo ajudou-o a progredir na carreira militar, tendo sido promovido a sargento.

Ao fim de oito anos na Banda de Caçadores 5, deu um salto na sua carreira musical: em 1940 foi convidado a integrar a Banda da Guarda Nacional Republicana, uma das mais importantes formações musicais da época. Trocou o clarinete pela harpa e só abandonou a banda quando adoeceu com uma úlcera no estômago. A doença também pôs fim à sua carreira militar.

"Paralelamente à sua actividade de músico na Banda da Guarda Nacional Republicana, Joaquim Luís Gomes trabalhava na Emissora Nacional, que, na época, era o palco privilegiado de todos os intérpretes da música ligeira. O maestro desenvolveu então uma carreira de orquestrador que lhe deu fama e glória. Compôs e orquestrou canções que tiveram enorme êxito popular, como "Olhos Verdes", "Desprendimento" ou "Nostalgia", o grande êxito de Maria de Lurdes Resende e que também é assinada por Jerónimo Bragança, outro grande nome da música ligeira portuguesa."

Na altura desta sua segunda homenagem prestada pela SPA, o maestro e compositor sublinhou emocionado à "Autores": "A música tem sido tudo para mim, desde que comecei a dar os primeiros passos da minha carreira musical, em Santarém. Já vivi muito, a minha actividade já me deu muitas alegrias e muita felicidade, mas o melhor que pode acontecer a um criador é ver o seu trabalho reconhecido pelos seus pares, por todos aqueles que lhe estão próximos e com ele partilham os sucessos e os fracassos. A Sociedade Portuguesa de Autores, à qual pertenço desde 1973, decidi homenagear-me, mais uma vez. Num momento em que estou em crise de saúde, este gesto deixou-me muito emocionado. Estou grato por se terem lembrado de mim e por demonstrarem publicamente que apreciam o meu trabalho."

REGISTADO NO "ARQUIVO DA MEMÓRIA DOS AUTORES PORTUGUESES"

Foi também em 2005 que o maestro e compositor Joaquim Luís Gomes registou para o "Arqui-

vo da Memória dos Autores Portugueses" o seu testemunho de vida, dedicada à música, numa harmonia perfeita entre a ligeira e a erudita.

A revista "Autores" de Outubro/Dezembro 2005 dava conta do seu depoimento – um dos primeiros registados para este projecto – titulando-o como "O profeta da amizade" e explicando que "uma equipa da Sociedade Portuguesa de Autores entrevistou o maestro, em Novembro, durante vários dias, para um programa que será exibido na RTP". "As filmagens – prossegue o texto – decorreram na casa de seu filho, o guitarrista António Luís Gomes, porque a residência de Joaquim Luís Gomes estava em estado de sítio, após obras de remodelação. Percorremos todos os locais de Lisboa onde o maestro trabalhou e actuou. Mas o momento alto das filmagens foi em Santarém, terra natal do maestro. Joaquim Luís Gomes regressou à Travessa da Judiaria, a rua onde nasceu, recordou seu pai, mestre tipógrafo e músico amador (tocava bandolim e bombardino), dirigiu a Orquestra Típica Scalabittana, como fizera há 50 anos, e foi ao coreto do jardim da Praça da República, onde pela primeira vez tocou em público."

JOSÉ MORAIS E CASTRO (1939-2009)

Criador empenhado e cidadão comprometido nos combates pela liberdade



Actor, encenador, advogado, autor e militante comunista assumido, membro das listas do PCP, que em 2006 fez 50 anos de carreira em cima dos palcos e que foi membro de longa data da SPA e criador desde sempre empenhado nos destinos da sua cooperativa, José Morais e Castro, morreu no passado dia 21 de Agosto, aos 69 anos, vítima de cancro, no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa, onde estava internado há um mês. Natural de Lisboa, onde nasceu a 30 de Setembro de 1939, José Morais e Castro era licenciado em Direito, tendo desenvolvido, a par da sua actividade artística, uma intensa actividade como

advogado.

Tendo-se iniciado muito jovem como actor, Morais e Castro dirigiu, nos anos 60, o Grupo Cénico da Faculdade de Direito, foi fundador do Grupo 4, integrou outros grupos e companhias, teve participação regular em telenovelas e séries televisivas, sendo associado por largas camadas do público à personagem do professor do "Menino Tonecas". Cidadão politicamente comprometido desde a adolescência, José Morais e Castro destacou-se também como encenador e tradutor. Foi ainda director de actores em vários trabalhos de televisão.

A derradeira despedida ao actor e autor foi feita no Palácio Galveias, tendo o funeral seguido para o cemitério do Alto de São João.

A Direcção e Administração da SPA endereçaram na altura o testemunho do seu pesar, recordando "o amigo, o autor, o artista de talento e o cidadão comprometido com os grandes combates pela liberdade e pela democracia".

"UM DOS IMPRESCINDÍVEIS"

"Empenhado tanto na vida como nas pessoas" foi como o recordou o actor Rui Mendes, que com ele privou tanto nos palcos como na vida, à semelhança do que aconteceu com o encenador João Lourenço e a actriz Irene Cruz, que partilharam também com Morais e Castro a aventura da formação do Grupo 4, ou como o encenador Joaquim Benite, que o dirigiu em 2004, na interpretação de "O Fazedor de Teatro", de Thomas Bernard, com a Companhia de Teatro de Almada, papel que lhe deu a Menção Honrosa da Crítica e que o considerou um actor "excepcional, de primeiro plano". "Um dos imprescindíveis", conforme assinalou o Partido Comunista Português, evocando as palavras de Bertolt Brecht da peça de teatro "Mãe coragem e seus filhos".

É da televisão que o grande público terá uma imagem mais viva de José Armando Tavares de Morais e Castro, das séries e novelas da RTP e da TVI às "Lições do Tonecas" (1996/8), mas foi no teatro que se estreou, ainda no liceu, e que mais trabalhou ao longo 53 anos de carreira. Dirigente da Casa do Artista, onde residia nos meses que antecederam o seu internamento, Morais e Castro, como era conhecido no mundo dos espectáculos, era casado com a actriz Linda Silva.

"O FAZEDOR DE TEATRO"

Estreou-se em palco com o Grupo Cénico do Centro 25 da Mocidade Portuguesa ainda no liceu. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa por insistência do pai, que "além de advogado, também tinha uma costela ligada ao teatro", segundo recordou Morais e Castro numa entrevista à SPA, publicada na revista "Autores" de Março de 2006. Considerava o Teatro Moderno de Lisboa a sua escola de teatro e dois anos após o seu final, uniu-se a Irene Cruz, João Lourenço e Rui Mendes para fundar o Grupo 4, que inaugurou o palco do Teatro Aberto, em Lisboa. "A câmara emprestou o direito de superfície para fazermos ali o teatro, pagávamos uma taxa", contou, em Julho de 2002, Morais e Castro ao jornal "Público", quando o seu antigo edifício foi demolido.

O encenador João Lourenço, director do Teatro Aberto, comentou, a propósito, que José Morais e Castro teve uma importância muito grande na sua vida. "Nos anos 1960 e 70 tivemos espe-

ranças, muitas esperanças, e trabalhámos para elas. E isso não se apaga".

Se desde os anos 1980 foi figura regular na televisão, apesar de nela se ter estreado já em 1958 com a adaptação da peça "O Rei Veado", nunca deixou o teatro. Aliás, em 2004, dirigido por Joaquim Benite, interpretou "O Fazedor de Teatro", de Thomas Bernard, com a Companhia de Teatro de Almada, papel que lhe deu a Menção Honrosa da Crítica.

Como "um cidadão muito consciente", como o qualificou Rui Mendes, lembrando igualmente a sua actividade cívica e política, além de levar Brecht, Samuel Beckett, Peter Weiss, Peter Handke, Boris Vian ou Dostoiévski aos palcos, Morais e Castro militou no PCP desde jovem e teve, como indicou o partido em comunicado, "altas responsabilidades de apoio à direcção do partido antes e depois da Revolução de Abril".

Morais e Castro foi sócio fundador do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, era membro da Assembleia da Freguesia dos Anjos, em Lisboa, e estava inscrito como candidato nas listas da CDU a estas autárquicas. No comunicado que emanou, o PCP assinala ainda "o seu optimismo jovial" e "confiança nos ideais que defendia".

CARLOS CANELHAS (1928-2009)

Poeta e compositor de centenas de canções



O poeta e compositor Carlos Canelhas, outro grande vulto da música ligeira portuguesa desde os anos 60 e estreitamente ligado à Sociedade Portuguesa de Autores, morreu também em Julho, no passado dia 18. Tinha 81 anos e deixou centenas de canções compostas por si.

Carlos Canelhas participou em inúmeros festivais da canção, mas é sobretudo conhecido pela autoria da letra e música da célebre canção "Ele e Ela", defendida por Madalena Iglésias no festival de 1966 e que representou Portugal, nesse mesmo ano, no Luxemburgo, onde obteve o 13.º lugar com seis pontos, entre os 18 países participantes. Uma canção em estilo "surf". Foi acompanhada pela

Orquestra de Jorge Costa Pinto. O sucesso desta canção estendeu-se por vários países e a versão em espanhol "El y Ella" foi editada em Espanha, França e Holanda.

São igualmente da autoria de Carlos Canelhas muitas outras canções conhecidas que apresentou nos vários festivais da canção, nomeadamente, "Olhos nos Olhos", interpretada por Simone de Oliveira, "Porta Secreta", por Artur Garcia, "Deixa-me Só", por António Calvário, "Folhas Verdes", por Maria da Glória, "Menina de Luto", pelos Mini Pop, "Tudo Vale a Pena", pelos Gemini, "Erva Ruim", por Sofia, "Praia sem Marés", por Isabel Campelo, terminando a sua presença nos festivais em 1997 com a canção "Senhora da Saia Verde", que entregou a Cristina Almeida.

Carlos Canelhas apresentou canções aos festivais da RTP, em todas as décadas do passado século: começou com o primeiro festival (1964) nos Estúdios do Lumiar, e terminou em 1997, no Coliseu dos Recreios de Lisboa.

Paulo Alexandre foi também um dos intérpretes das suas composições.

Muito ligado à Sociedade Portuguesa de Autores, ainda o ano passado subscreveu um abaixo-assinado, através da SPA, em defesa dos direitos de autores, no célebre caso CISAC, alertando quanto às consequências da decisão tomada por aquela instituição no agravamento da "situação dos autores portugueses, já de si tão crítica".

JOÃO VIEIRA (1934-2009)

Pintor e cenógrafo inovador e irreverente



O pintor e cenógrafo João Vieira, conhecido como fundador do grupo KWY, a que pertenceram artistas plásticos como René Bertholo, Christo, Jan Voss ou José Escada, e que trabalhou com Arpad Szénes, marido da pintora Maria Helena Vieira da Silva, em Paris, morreu no passado dia 5 de Setembro, aos 74 anos, no Hospital de Santa Marta, em Lisboa, na sequência de complicações depois de uma operação ao coração.

Associado da SPA desde Dezembro de 1971, João Vieira, nome grande das artes plásticas portuguesas, que também se destacou como encenador, "foi uma das figuras mais representativas da vida cultural portuguesa das últimas décadas", nas palavras da Direcção e Administração da SPA.

Sublinhando "a importância ímpar da sua obra", o comunicado da Sociedade Portuguesa de Autores datado de 7 de Setembro lembra o pai do músico, Manuel João Vieira como um "cria-

dor livre, inovador e irreverente", que "deixa um vazio na cultura portuguesa que a SPA assinala e lamenta".

Nascido em Vidago, Trás-os-Montes, a 4 de Outubro de 1934, estudou pintura na Escola Superior de Belas-Artes, Lisboa, mas não foi além dos dois primeiros anos, desistindo do curso para prosseguir uma carreira promissora. Frequentou o Café Gelo, politicamente conotado com a oposição ao regime de Salazar e frequentado por artistas do movimento Surrealista.

Em 1957, partiu para Paris com uma bolsa da Gulbenkian para estudar pintura sob a orientação de Arpad Szénes. Ligado ao teatro (na década de 60 trabalhou como cenógrafo), João Vieira realizou inúmeras exposições individuais e preparava uma exposição retrospectiva para a Cordoaria Nacional.

O corpo do pintor, muito conhecido sobretudo pelas suas pinturas à espátula, de cores e traço fortes e com base em letras de alfabetos vários, versos de Cesário Verde e números, esteve em câmara ardente no Palácio Galveias, donde partiu o funeral para o cemitério do Alto de São João, onde foi cremado.

Na noite da sua morte, a RTP2 transmitiu o documentário "Pinto quadros por letras", sobre o pintor João Vieira.

UM DOS FUNDADORES DO GRUPO KWY

João Vieira foi um dos fundadores, juntamente com René Bertholo, Lourdes Castro, Gonçalo Duarte, José Escada, Christo e Jan Voss, do grupo KWY.

Ingressou em 1951 na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde frequentou os dois primeiros anos do curso de pintura.

Começou a expor em 1956, ano em que se ligou ao grupo do café Gelo, em Lisboa, quando partilhava um ateliê por cima deste café, no Rossio, com José Escada, René Bertholo e Gonçalo Duarte.

Os quatro, juntamente com Lourdes Castro, Christo e Jan Voss, fundam mais tarde o grupo KWY, em Paris.

Mas antes, em 1957, João Vieira parte para Paris onde é aluno de Henri Goetz na Académie de la Grande Chaumière. Na capital francesa, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, trabalha com o pintor Arpad Szénes, marido da pintora Maria Helena Vieira da Silva.

A primeira exposição individual de João Vieira é feita em 1959 em Lisboa, na Galeria do Diário de Notícias.

"O ESPÍRITO DA LETRA"

Dois temas centrais no trabalho do pintor são a letra e o corpo. Desde o quadro "Equação", de 1959, que se verifica a síntese entre o gesto e o carácter na obra de João Vieira. Tanto os alfabetos latino como o grego, os números e textos de autores como Cesário Verde ou Herberto Helder vão ser tratados pelo pintor.

"Desde o momento que pinto com letras é tudo relacionado com Cesário Verde. Comecei a pintar com letras, porque queria fazer poemas com pintura", disse o pintor durante a apresentação do seu livro dedicado a Cesário Verde, em 2006.

Depois de outras passagens por Paris e ainda por Londres, onde em finais de 1964 lecciona no Maidstone College of Art, regressa a Lisboa em princípios de 1967 e começa a trabalhar quase exclusivamente como cenógrafo teatral.

A ligação ao teatro terá expressão nas artes plásticas, como é manifesto na sua primeira *performance* em simultâneo com a sua exposição "O Espírito da Letra", realizadas na Galeria Judite Dacruz, em 1970.

Ao longo dos anos 70, 80 e 90 faz diversas exposições individuais e colectivas, entre as quais a que a Centro Cultural de Belém dedicou ao grupo KWY em Abril de 2001. Nos últimos anos estava a preparar uma exposição individual para o edifício da Cordoaria Nacional.

O FASCÍNIO DA MÚSICA

Helder Macedo, poeta, romancista e ensaísta, recorda João Vieira como "um pintor excepcional" e um homem "com um grande sentido de cidadania".

O cantor Vitorino recordou a sua ligação à música e revelou ainda que o seu próximo trabalho tem uma capa desenhada por João Vieira.

Numa entrevista à revista "Única" do "Expresso", em 2008, revisitada no dia da sua morte por este semanário, o criador João Vieira revelou mais uma das suas facetas e fascínios, ao anunciar que havia lançado o álbum "La vida es un bolero", com uma edição de 200 exemplares só para amigos.

"Desde pequenino que gosto de boleros", justificava então o pintor. "Eu e os meus amigos arranjávamos maneira de tocar nos intervalos dos bailes. Tínhamos dois pianistas. Um deles chamava-se Eugénio Pepe e era um pianista de *boîte*. Aliás, escreveu uma música chamada 'Eu Sou Um Pianista de Boîte'. Sempre me interessei por música popular e filmes de série B."

"Diverti-me, mas não quero ser um cantor popular com carreira. Sou pintor. Passo os dias no meu ateliê de Lisboa", concluía.

Quem quiser apreciar a sua obra pública, pode atentar ao painel de azulejos na estação de metro do Terreiro do Paço, em Lisboa, e, no estrangeiro, ao painel de azulejos na estação central Deák Ter, do metro de Budapeste.

João Vieira foi distinguido, em 1968, com o prémio de cenografia Círculo de Teatro Latino de Barcelona.

O NOVO LOGÓTIPO DA SPA





1925
2009



SPAUTORES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES